

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A cidade ofertada pelo jornalismo cultural:
Análise da coluna Seleção da semana de *O Estado de S. Paulo*
(abril-setembro de 2012)

Janine Regina Mogendorff

Porto Alegre
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A cidade ofertada pelo jornalismo cultural:
Análise da coluna Seleção da semana de *O Estado de S. Paulo*
(abril-setembro de 2012)

Janine Regina Mogendorff

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cida Golin

Porto Alegre
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A banca examinadora abaixo assinada aprova a dissertação intitulada **A cidade ofertada pelo jornalismo cultural**: Análise da coluna Seleção da semana de *O Estado de S. Paulo* (abril-setembro de 2012), elaborada como requisito para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora Profa. Dra. Cida Golin – UFRGS

Profa. Dra. Aline Strelow – UFRGS

Prof. Dr. Rudimar Baldissera – UFRGS

Prof. Dra. Ana Cláudia Gruszynski – UFRGS

Porto Alegre, 5 de junho de 2013.

Às pessoas que mais amo nesta vida:

Guilherme, Ivonne, Nicole e Walter.

Agradecimentos

Se pudesse adaptar a frase de Antonio Machado que diz *Caminante, no hay camino, se hace el camino al andar* diria que o mestrado também se faz ao caminhar. É um percurso, assim como a vida, com várias etapas a serem cumpridas, surpresas e aprendizados. Agradeço a todos que fizeram este aprendizado possível:

À minha família e amigos, de coração, pelo incentivo e apoio incondicional.

À família L&PM, por possibilitar esta oportunidade de aperfeiçoamento intelectual.

À minha orientadora, profa. Dra. Cida Golin, pela compreensão nos momentos mais difíceis.

À banca de qualificação formada pela profa. Dra. Ana Gruszynski e pelo prof. Dr. Rudimar Baldissera, por me apontar caminhos.

Aos alunos da cadeira de jornalismo cultural 2012/1, pela incrível experiência do estágio docente.

E a todos que, de uma maneira ou de outra, fizeram parte desta caminhada.

A cultura é uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco, invisíveis, encerradas nas práticas –, mas pirilampos, e por vezes grandes pássaros noturnos, atravessam-na; aparecimentos e criações que delineiam a chance de um outro dia.

Essa noite oceânica que me fascina e me interroga. Ela é a humanidade vivenciada pelo homem, mas ignorada por ele. O sono no qual ele fala sem perceber.

Michel de Certeau
A cultura no plural

RESUMO

Esta dissertação analisa que cidade é oferecida pelo jornalismo cultural a partir da perspectiva da urbe como mercadoria. Para problematizar a questão, nossa escolha recaiu sobre o estudo da coluna Seleção da semana, do Caderno 2 de *O Estado de S. Paulo*. Primeiramente fizemos um percurso teórico que teve início no cruzamento entre o nascimento do jornalismo e a expansão das cidades, para então desenvolver o conceito de jornalismo cultural, um produto próprio das cidades em um contexto nascente de consumo cultural. A cidade é então o lugar da cultura e da comunicação; o jornalismo, por sua vez, como uma construção da realidade, é um intermediário desse sistema cultural. As transformações sociais, políticas e econômicas do século XX alçaram as cidades como protagonistas do cenário global e consolidaram práticas de mercantilização da cultura, passando o consumo a ser um referencial de identidade. Após o aprofundamento teórico, na segunda parte da nossa pesquisa nos debruçamos sobre 27 edições da coluna Seleção da semana, totalizando um universo de 162 textos. Por meio da análise de conteúdo, buscamos identificar que tipo de produção cultural circula pela coluna, em que lugares de São Paulo a cultura acontece e, tendo respondido a isso, verificar a existência de um mapa de consumo da cultura na cidade. A partir dessa análise verificamos que o jornalismo cultural mostra uma cidade que reúne um mundo dentro de si e que é um lugar de convergência da cultura, fazendo jus a título de uma das doze capitais culturais do mundo.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural. *O Estado de S. Paulo*. Cidades. Economia da cultura.

RESUMEN

Esta tesina analiza qué ciudad es ofrecida por el periodismo cultural desde el punto de vista de la metrópoli como mercancía. Para discutir el tema, nuestra elección recayó en el estudio de la columna *Seleção da semana*, Caderno 2 de *O Estado de S. Paulo*. Primero hicimos un recorrido teórico que se inició en la intersección entre el nacimiento del periodismo y la expansión de las ciudades y a continuación desarrollamos el concepto de periodismo cultural, un producto propio de las ciudades en un contexto naciente de consumo cultural. La ciudad es entonces el lugar de la cultura y de la comunicación, el periodismo, a su vez, como una construcción de la realidad, es un intermediario de ese sistema cultural. Los cambios sociales, políticos y económicos del siglo XX elevaron las ciudades como protagonistas de un escenario global y se profundizaron las prácticas de mercantilización de la cultura, pasando el consumo a ser un referencial de identidad. Después del estudio teórico, en la segunda parte de nuestra investigación nos concentramos sobre 27 ediciones de la columna *Seleção da semana*, para un universo total de 162 textos. A través del análisis de contenido, tratamos de identificar qué tipo de producción cultural circula por la columna, en qué lugares de São Paulo ocurre y respondiendo a eso, comprobar la existencia de un mapa de consumo de la cultura de la ciudad. A partir de este análisis verificamos que el periodismo cultural muestra una ciudad que reúne un mundo dentro de sí misma y que es un lugar de convergencia de la cultura, haciendo justicia al título de una de las doce capitales culturales del mundo

Palabras clave: Periodismo Cultural. *O Estado de S. Paulo*. Ciudades. Economía de la cultura.

ABSTRACT

This Master's degree final work examines which city is offered by cultural journalism from the perspective of the metropolis as a commodity. To discuss this issue, our choice fell on the study of Seleção da semana section, from Caderno 2 of *O Estado de S. Paulo* newspaper. First we did a theoretical course which began at the intersection between the birth of Journalism and the expansion of cities, and then we developed the concept of Cultural Journalism, itself a product of the rising cities in a context of cultural consumption. Then, the city is the place of culture and communication, Journalism, in turn, as a construction of reality, is an intermediate in this cultural system. The social, political and economic changes in the twentieth century took up the cities as protagonists of global and consolidated practices of culture commercialization, turning consumption into a referential identity. After the theoretical study, at the second part of our research we analyzed 27 editions on Seleção da semana section, in a universe of 162 texts. Through content analysis, we seek to identify which kind of cultural production flows through the section, in which places of São Paulo culture happens and, having the answer to this, we found a map of consumer culture in the city. From this analysis we found that Cultural Journalism shows a city that brings together a world within itself, and that is a place of convergence culture, living up to the title of the twelve cultural capitals of the world.

Keywords: Cultural Journalism. *O Estado de S. Paulo*. Cities. Cultural Economics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Seleção da semana, 1 ^o de abril de 2012.....	108
Figura 2 – Seleção da semana, 8 de abril de 2012.....	109
Figura 3 – Seleção da semana, 15 de abril de 2012.....	110
Figura 4 – Seleção da semana, 22 de abril de 2012.....	111
Figura 5 – Seleção da semana, 29 de abril de 2012.....	112
Figura 6 – Seleção da semana, 6 de maio de 2012.....	113
Figura 7 – Seleção da semana, 13 de maio de 2012.....	114
Figura 8 – Seleção da semana, 20 de maio de 2012.....	115
Figura 9 – Seleção da semana, 27 de maio de 2012.....	116
Figura 10 – Seleção da semana, 3 de junho de 2012.....	117
Figura 11 – Seleção da semana, 10 de junho de 2012.....	118
Figura 12 – Seleção da semana, 17 de junho de 2012.....	119
Figura 13 – Seleção da semana, 24 de junho de 2012.....	120
Figura 14 – Seleção da semana, 1 ^o de julho de 2012.....	121
Figura 15 – Seleção da semana, 8 de julho de 2012.....	122
Figura 16 – Seleção da semana, 15 de julho de 2012.....	123
Figura 17 – Seleção da semana, 22 de julho de 2012.....	124
Figura 18 – Seleção da semana, 29 de julho de 2012.....	125
Figura 19 – Seleção da semana, 5 de agosto de 2012.....	126
Figura 20 – Seleção da semana, 12 de agosto de 2012.....	127
Figura 21 – Seleção da semana, 19 de agosto de 2012.....	128
Figura 22 – Seleção da semana, 26 de agosto de 2012.....	129
Figura 23 – Seleção da semana, 2 de setembro de 2012.....	130
Figura 24 – Seleção da semana, 9 de setembro de 2012.....	131
Figura 25 – Seleção da semana, 16 de setembro de 2012.....	132
Figura 26 – Seleção da semana, 23 de setembro de 2012.....	133
Figura 27 – Seleção da semana, 30 de setembro de 2012.....	134
Figura 28 – Seleção da semana, coluna completa, 1 ^o de abril de 2012 – D1.....	135
Figura 29 – Seleção da semana, coluna completa, 1 ^o de abril de 2012 – D2.....	136
Figura 30 – Seleção da semana, coluna completa, 1 ^o de abril de 2012 – D3.....	137
Figura 31 – Seleção da semana, coluna completa, 1 ^o de abril de 2012 – D4.....	138
Figura 32 – Seleção da semana, coluna completa, 1 ^o de abril de 2012 – D5.....	139

Figura 33 – Seleção da semana, coluna completa, 1º de abril de 2012 – D6.....	140
Figura 34 – Seleção da semana, coluna completa, 1º de abril de 2012 – D7.....	141
Figura 35 – Seleção da semana, coluna completa, 1º de abril de 2012 – D8.....	142
Figura 36 – Seleção da semana, coluna completa, 1º de abril de 2012 – D9.....	143
Figura 37 – Seleção da semana, coluna completa, 1º de abril de 2012 – D10.....	144
Figura 38 – Seleção da semana, coluna completa, 1º de abril de 2012 – D11.....	145
Figura 39 – Seleção da semana, coluna completa, 1º de abril de 2012 – D12.....	146
Figura 40 – Seleção da semana, coluna completa, 1º de abril de 2012 – D13.....	147
Figura 41 – Seleção da semana, coluna completa, 1º de abril de 2012 – D14.....	148

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cultura e lazer em São Paulo.....	61
Tabela 2 – Grandes eventos em São Paulo.....	62
Tabela 3 – Localização da coluna no caderno.....	76
Tabela 4 – Tipo de imagem veiculada na coluna.....	77
Tabela 5 – Autoria das notas.....	78
Tabela 6 – Sobre o que se fala na coluna.....	79
Tabela 7 – Fluxos na cidade.....	82
Tabela 8 – País de origem da produção.....	83
Tabela 9 – Valores.....	85
Tabela 10 – Zona Central.....	88
Tabela 11 – Zona Oeste.....	90
Tabela 12 – Zona Sul.....	91
Tabela 13 – Zona Norte.....	91
Tabela 14 – Zona Leste.....	92

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 RELAÇÕES ENTRE JORNALISMO E CIDADE	22
2.1 O jornalismo começa com as cidades.....	22
2.2 O jornalismo como negócio.....	26
2.3 A gênese do jornalismo cultural.....	28
2.4 O jornalismo como uma construção da realidade e intermediário do sistema cultural.....	34
2.4.1 O jornalismo de serviço como mapa de consumo.....	38
3 A CIDADE COMO PALCO DO CONSUMO DA CULTURA	42
3.1 A pós-cidade e o fenômeno da reterritorialização.....	42
3.2 A cultura de consumo.....	47
3.3 O enfoque econômico da cultura.....	52
3.4 As cidades como centro da transformação da cultura em recurso: o caso de São Paulo.....	56
3.4.1 A megalópole São Paulo em números.....	59
4 A SELEÇÃO DA SEMANA: OBJETO, MÉTODO E ANÁLISE	65
4.1 O jornal.....	65
4.2 Quadro metodológico.....	72
4.3 A coluna Seleção da semana.....	75
4.3.1 O que ver?.....	79
4.3.2 De onde vem a atração?.....	82
4.3.3 Quanto custa?.....	85
4.3.4 Em qual região da cidade se encontra?.....	88
4.4 Qual é a São Paulo que se encontra na coluna?	92
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	98
ANEXOS	107
Anexo A – Seleção da semana – colunas pesquisadas.....	108
Anexo B – Seleção da semana – coluna completa de 1º de abril de 2012.....	134

1 INTRODUÇÃO

A aceleração do ritmo de vida urbana propiciada pela conjunção de fatores que aliou a industrialização, a constituição de mercados, as imigrações à expansão das comunicações possibilitou a consolidação do jornalismo como prática social. Pode-se afirmar, então, que o jornalismo nasceu com as cidades e se desenvolveu com elas durante o século XIX.¹

Passados mais de duzentos anos, percebe-se uma nova configuração da vida urbana: os espaços fixos foram substituídos pelos fluxos, as fronteiras como um todo, tanto as nacionais como as regionais, passam por um novo processo, assumem outra centralidade. Nota-se cada vez mais fronteiras diluídas, substituídas pelos fluxos – de pessoas, de informação, de conteúdo. Atualmente, esse fenômeno de reterritorialização deu lugar ao protagonismo das cidades. Fortalecidas econômica e politicamente, as cidades emergiram no século XXI como o grande palco para diversas transformações, sendo a mais crucial delas a liderada pelo consumo. São os modos de consumir que estão levando a estes novos rearranjos sociais, nos quais a cultura passa a ser vista sob um viés econômico, como uma mercadoria. Entretanto, que cidade é essa na qual circulam multidões de desconhecidos, num constante movimento de concentração e dispersão (CAIAFA, 2007). Cidade-produto, cidade-mercadoria, cidade-espetáculo, cidade-museu, cidade-mundo?

A cidade, entendida como agente central do sistema de cultura e território fundamental da experiência contemporânea, é simultaneamente palco e pauta do jornalismo cultural. É palco uma vez que é em seus bairros, ruas e equipamentos culturais² que se desenrolam as histórias, os eventos e os acontecimentos que depois servirão de pauta para os cadernos especializados. O jornalismo, por sua vez, como um campo institucional voltado para a produção de relatos sobre o tempo presente, é parte constituinte dessa realidade. Se voltarmos a um passado nem tão remoto, encontramos

¹ Esta pesquisa dá continuidade aos meus trabalhos anteriores, tendo como foco o jornalismo cultural em sua relação com a cidade. Na monografia de conclusão da graduação em jornalismo, me debrucei sobre a cobertura do Oscar 2006 realizada pelo jornal gaúcho *Zero Hora*, situando-a nas rotinas do jornalismo cultural e do circuito industrial cinematográfico. Já no trabalho de conclusão da especialização em Economia da Cultura “O museu e seu papel de formação”, me debrucei sobre duas instituições localizadas em Porto Alegre para investigar seu funcionamento dentro do circuito de práticas de consumo cultural local.

² Entendemos equipamentos culturais como sendo as edificações destinadas à realização de práticas culturais, como museus, teatros e centros de cultura (TEIXEIRA COELHO, 2004).

aqueles cronistas do início do século XX que foram os grandes responsáveis por tematizar a cidade em plena urbanização.

Caiafa (2007) afirma que, na sua origem, a cidade surge estabelecendo um espaço de comunicação. Caracterizada pelos circuitos e trajetórias e pelo constante movimento, a cidade é um ponto de conexão ou convergência dessas trajetórias, um lugar ao mesmo tempo de circulação e dispersão. O jornalismo cultural é o espaço aglutinador desses movimentos.

Portanto, é esse lugar privilegiado de tematização do cotidiano, de hierarquização de temas e de distinção que iremos estudar. Entretanto, as transformações de que falamos acima também abarcam o jornalismo cultural. Durante nossa pesquisa vimos “morrer” um dos mais importantes suplementos literários ainda em circulação no Brasil, o *Sabático*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, num movimento mais amplo de enxugamento das redações e encolhimento do espaço destinado à cultura, à crítica e a divulgação das artes como um todo. Esse espaço crítico vem sendo substituído por um jornalismo cunhado como “de serviços”, no qual a notícia está associada basicamente a uma orientação de consumo.

Tendo como pressupostos 1) que o jornalismo é um lugar de distinção e que a cobertura do jornalismo cultural “dinamiza e documenta o campo de produção cultural, age na formação de públicos e fornece parâmetros de valor para a interpretação da cultura de determinado local e época” (GOLIN; CARDOSO, 2010, p. 185); 2) que existe uma tendência do jornalismo cultural em representar a urbe como o centro do espetáculo ou como o próprio espetáculo, fenômeno típico das últimas décadas do século XX, quando as cidades se constituíram em agentes decisivos na esfera cultural; selecionamos a coluna Seleção da semana do Caderno 2 do jornal *O Estado de S. Paulo* – líder de circulação na cidade de São Paulo³ e uma referência para o jornalismo cultural no Brasil – como nosso objeto de estudo.

Tendo em mente algumas dessas reflexões, resolvi me afastar um pouco da cidade na qual moro e me aventurar em terrenos menos conhecidos: “Tornar familiar o que é estrangeiro e, ao contrário, estranho o que é familiar” (CANEVACCI, 1997, p. 105). A escolha da cidade de São Paulo se respalda nos quesitos estabelecidos para ser considerada uma cidade global:

³ O jornal tem uma circulação de 197.636 exemplares nos dias úteis e 236.951 exemplares aos domingos. Dados fornecidos pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC) de outubro de 2012. Disponível em <http://www.grupoestado.com.br/midiakit/estado/index.asp?Fuseaction=Cadernos_Perfil&Id_Cad=57>. Acesso em: 10 mai. 2013.

a) Forte papel de empresas transnacionais especialmente de órgãos de gestão, investigação e consultoria; b) mistura multicultural de povoadores nacionais e estrangeiros; c) prestígio obtido pela concentração de elites artísticas e científicas; d) alto número de turismo internacional (BORJA E CASTELLS, 1997; HANNERZ, 1998; SASSEN, 1998 apud CANCLINI, 1999, p. 167).

Publicada todos os domingos, a Seleção da semana reúne seis textos com dicas sobre o que fazer na cidade, desde teatro e cinema, até artes plásticas e shows. É um espaço privilegiado dentro do jornal, por onde é possível ver o que está acontecendo na cidade em termos de ofertas culturais⁴. Partindo do pressuposto de que o jornalismo cultural mimetiza um movimento e um fluxo de produtos de uma economia de oferta e promove consensos a partir de uma determinada visão de cultura, problematizamos este objeto de pesquisa perguntando que cidade é oferecida pelo jornalismo cultural. Estabelecemos como objetivo geral analisar que perspectiva sobre a cidade o jornalismo cultural oferece por meio da sua lógica de oferta. Por sua vez, nossos objetivos específicos foram 1) identificar que tipo de produto cultural circula pela coluna; 2) levantar os equipamentos culturais e; 3) verificar a geografia e a existência de um mapa de consumo da cultura na cidade de São Paulo.

Para a realização da nossa pesquisa, utilizamos a análise de conteúdo como método, selecionando um *corpus* de análise entre abril e setembro de 2012, totalizando seis meses de cobertura, mais precisamente 27 edições, o que representa a totalidade dos cadernos do período⁵. Selecionamos esse intervalo por entender que essa parte do ano é rica em atividades culturais e iluminaria pontos que gostaríamos de abordar em nosso estudo.

Passamos então à análise dos 162 textos que compõem esse período da coluna a partir de critérios que foram construídos com base no nosso levantamento teórico. O intuito sempre foi o de perceber qual era a cidade que o jornalismo cultural estava desenhando. A operacionalização dessa análise começou, na verdade, no capítulo dois desta dissertação, que está estruturada em cinco capítulos. Iniciamos nossa discussão com um percurso histórico que revela o nascimento do jornalismo juntamente com o das cidades. Para tanto, recorreremos a alguns teóricos que pensaram essa relação, entre eles Park (1973) e Mumford (1991). Para o primeiro, a cidade era um lugar de grande

⁴ Para uma visão mais abrangente do caderno, consultar o Anexo B deste trabalho, a partir da figura 28, no qual é possível visualizar a edição completa do Caderno 2 do dia 1º de abril de 2012.

⁵ O material está reunido no anexo A, ao final deste trabalho.

aprendizado e que funcionava como um organismo social. Para o segundo, um ponto de convergência de trajetórias.

Esse percurso histórico em paralelo nos mostra como a urbanização foi importante na criação de um público consumidor de informação, pois a cidade era o lugar propício para essas trocas. Seguindo, vemos como o processo de alfabetização gradativo da sociedade foi caminhando junto com o desenvolvimento tecnológico da imprensa, até o jornalismo deixar de ser um trabalho para diletantes e se estabelecer como negócio.

Discutimos nesse capítulo também conceitos-chave para o desenvolvimento do nosso trabalho, introduzindo a análise de Franciscato (2005) sobre o jornalismo como construção de um presente social – que será posteriormente aprofundada no capítulo 3. Ainda no capítulo 2 voltamos no tempo para resgatar o nascimento do jornalismo cultural no Brasil e, simultaneamente, o surgimento de um público consumidor de cultura. Fazemos então uma breve cronologia sobre a imprensa cultural do Brasil, passando pelo jornalismo praticado no início do século XX no país, as grandes transformações da imprensa cultural nos anos 1950 – década de surgimento do emblemático Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* –, a regularização da profissão de jornalista nos anos 1960 e 1970 e o processo de cadernização dos jornais nos anos 1980 e 1990.

Apresentamos logo a seguir o embasamento da teoria construcionista do jornalismo (GOMIS, 1997; FRANCISCATO, 2005; ALSINA, 2009) para então discutir a ideia de jornalismo como um mapa do universo social e fundamentalmente como um guia inserido dentro do universo da cultura a partir dos conceitos de Burke (2003) e Mongin (2009). Finalmente, discutimos a ideia do jornalismo de serviço como um mapa de consumo.

Assim, partimos para o terceiro capítulo da dissertação, no qual discutimos a cidade-mercadoria. Aqui buscamos elucidar as mudanças que foram operadas no conceito de cidade, entendendo-a como uma experiência polifônica (CANEVACCI, 1997). O alargamento de fronteiras, a substituição da cidadania pelo consumo, a predominância do fluxo de pessoas, capitais e informação são algumas das ideias discutidas a seguir (CANCLINI, 1995; 1999), tendo como pano de fundo a cidade como o lugar da comunicação e da cultura.

A partir de alguns pensadores clássicos do campo (PARK, 1973; SIMMEL, 1973) retomamos a ideia da cidade como o lugar da civilização, do homem moderno e

da cultura. Resgatando o ensaio “A metrópole e a vida mental” recuperamos a ideia da cidade como esse lugar de embate entre as avassaladoras forças internas e externas ao homem, bem como do espírito subjetivo e do objetivo, o lugar onde a cultura acontece. Mas, a partir das indagações sobre qual é o conceito de cultura que vemos emergir da cidade, nos debruçamos sobre algumas definições (WILLIAMS, 2000; HALL, 1997) para posteriormente abordar a cidade como o lugar de consumo e a transformação dela própria numa mercadoria, dando lugar ao conceito de economia da cultura.

Como os estudos sobre o enfoque econômico da cultura são relativamente recentes, fazemos um breve apanhado histórico (TOLILA, 2007; BENHAMOU, 2007) sobre as mudanças que garantiram à cultura um lugar de destaque na política, principalmente depois que o setor cultural passou a ser reconhecido como um gerador de renda, e a ideia de cultura como recurso (YÚDICE, 2004).

Por fim, enfocamos a cidade como esse grande centro de transformações, trazendo estudos na área que desenvolveram o conceito de capitais culturais, sendo que São Paulo é hoje uma das doze representantes do mundo a receber essa denominação. Essa linha de estudo vai ao encontro das chamadas cidades criativas, centros urbanos que estão trabalhando em diversas frentes com o intuito de melhor aproveitar seus recursos, promovendo a integração das áreas sociais, econômicas, turísticas e educacionais. E, para melhor ilustrar nossa escolha pela cidade de São Paulo, trazemos a seguir uma série de números que dão uma dimensão do seu peso econômico e político no mundo.

No quarto capítulo prosseguimos à apresentação dos nossos procedimentos metodológicos e da coluna propriamente dita, para então partir para a análise das 27 edições da Seleção da semana, com a intenção de investigar que cidade é essa que o jornalismo cultural oferta por meio de uma coluna de notas.

Esta pesquisa dialoga com alguns trabalhos de diferentes áreas, os quais vamos apresentar a seguir: em um primeiro momento, salientamos aqueles da Comunicação dedicados a analisar o jornalismo cultural. Na dissertação “Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* – 1956-1979. Vida e Morte de um Suplemento”, defendida na ECA-USP em 2002, Lorenzotti faz um resgate do que viria a ser considerado o modelo de todos os suplementos culturais que o sucederam, uma publicação independente e autônoma, artística e literária, que foi concebida a partir de um planejamento nos seus mínimos detalhes. O trabalho de Lorenzotti resgata, a partir de depoimentos cruciais como o de Antonio Candido, crítico e idealizador do suplemento, a gênese de um tipo

de jornalismo que não é mais praticado no Brasil. Sua pesquisa e contextualização histórica sobre a imprensa brasileira, o resgate de jornais e documentos da época permitem ter uma visão única e detalhada sobre um dos períodos de maiores mudanças na imprensa brasileira.

Por sua vez, Januário, na dissertação “O olhar superficial: as transformações no jornalismo cultural em São Paulo na passagem para o século XXI”, defendida na ECA-USP em 2005, se aprofunda no conceito de jornalismo cultural como serviço, ao mesmo tempo em que detecta a crise da crítica, tendo como objeto de estudo os cadernos culturais dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Para o autor, esse processo deu origem ao “jornalismo de grife”, no qual a assinatura do profissional serve para agregar valor ao produto noticiado. Em sua pesquisa, Januário constrói um amplo panorama sobre o jornalismo cultural contemporâneo.

Também podemos destacar o estudo realizado por Keller sobre o caderno Cultura do jornal *Zero Hora*. “Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul: análise do caderno Cultura, de *Zero Hora*” foi o primeiro estudo acadêmico detalhado sobre o principal caderno cultural do Rio Grande do Sul. A dissertação, desenvolvida na mesma linha que esta pesquisa – Jornalismo e Processos Editoriais –, trabalha com a ideia de que o jornalismo atua como espaço de mediação entre o público e o sistema cultural, aproximando leitor e campos especializados. Da mesma forma, a dissertação de Cardoso, defendida em 2009, “Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do Caderno de Sábado do *Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1969)” problematiza a noção de cultura a partir do percurso do suplemento, mostrando que, entre outros papéis, ele se coloca como um mediador entre a produção cultural e seu leitor, considerando seu caráter enciclopédico e formador.

Ainda na área da Comunicação, mas agora com foco no urbano, encontramos a dissertação de Lopes de Santana sobre a cidade de São Paulo: “Sentidos da metrópole – série São Paulo de perfil na mediação do espaço público”, defendida na ECA-USP em 2009. O autor aborda a relação entre cidade, jornalismo e espaço público urbano, mas tendo como objeto de estudo a série São Paulo de perfil, coleção de livros-reportagem produzidos na própria ECA-USP a partir do final da década de 1980. Partindo da ideia de que o jornalismo nasceu com as cidades, o pesquisador se depara com um momento de inflexão, de plena transformação das cidades, como nosso trabalho.

Por fim, aproximando-se ainda mais do nosso recorte, jornalismo cultural e cidade, destacamos primeiramente o trabalho de Colombo, “A formação do gosto

musical na crítica jornalística de Herbert Caro no *Correio do Povo* (1968-1980)”. A autora analisa o universo das colunas do crítico em busca de como seu texto instiga o gosto pela música de concerto. Em seu estudo (2011), descobre um forte vínculo da coluna com o local, o que acaba aproximando o leitor do autor. Esse, por sua vez, informalmente constrói um retrato da cidade, mesmo ao falar de música.

Gostaríamos de destacar também a tese de Musse, “Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora”, defendida em 2006 na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cuja proposta é investigar as relações entre a imprensa, a cultura e o imaginário urbano, observando as relações entre as cidades e seus habitantes, tendo como objeto de estudo as narrativas que os veículos de comunicação apresentam. Além de outros teóricos, Musse dialoga com o presente trabalho por trazer as discussões de Janice Caiafa sobre as cidades, além de Néstor García Canclini e Mike Featherstone sobre cultura.

No campo da Sociologia, a leitura da dissertação “Instituições e públicos culturais: um estudo sobre mediação a partir do caso Sesc-São Paulo”, de Maria Carolina Vasconcelos Oliveira, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo em 2009, nos proporcionou um entendimento em relação ao papel do Sesc (Serviço Social do Comércio) em relação à distribuição de equipamentos culturais em São Paulo e ao consumo de cultura na cidade.

Dialogamos também com o campo da economia por meio da tese “Cidades criativas: análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo”, de Ana Carla Fonseca Reis, defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2011. Como pesquisadora da área, Reis já havia organizado diversos livros relatando experiências de cidades como Bilbao, Londres e Barcelona em torno do conceito de cidade criativa, reunindo as principais vozes mundiais que discutem o assunto.

Em sua tese, a autora se aprofunda nesse conceito, fazendo um resgate do seu desenvolvimento até os dias de hoje e testando sua aplicabilidade à megalópole de São Paulo. Reis conclui que a cidade é o centro criativo de maior expressão do Brasil, porém abarca muitas discrepâncias em relação aos índices relativos de empregos especializados e até mesmo de educação, sendo um ambiente com potencial para ser uma cidade criativa, mas ainda com muitos problemas a resolver, especialmente o da mobilidade urbana.

Esta pesquisa, inserida na linha de Jornalismo e processos editoriais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, é tributária às questões desenvolvidas no projeto *Jornalismo e sistema cultural: estudo da representação da cidade no suplemento Cultura de Zero Hora (2006-2009)*, coordenado pela professora Cida Golin, e integra o percurso da pesquisa acadêmica desenvolvida pela professora com o intuito de promover o aprofundamento dos estudos sobre as relações entre a cultura, o jornalismo e a cidade.

Nosso trabalho pretende colaborar para a continuidade de estudos na área e para suscitar novas discussões entre os campos já citados, promovendo um entendimento de que a cidade é o lugar da cultura e de que o jornalismo cultural é um lugar próprio para esse debate.

2 RELAÇÕES ENTRE JORNALISMO E CIDADE

2.1 O jornalismo começa com as cidades

Na Londres de meados do século XIX, em um fim de tarde de outono, após meses adoentado, um homem sentado à janela de um café lê descontraidamente um jornal enquanto fuma um charuto. O café dava para uma das ruas mais movimentadas da cidade, e ao anoitecer a multidão aumentou, transformando-se num mar de cabeças. Por ali passavam diversos tipos de pessoas, com roupas, gestos e porte característicos. Nobres e comerciantes, negociantes, funcionários, batedores de carteira, jogadores. É como se toda a sociedade passasse pelos seus olhos. De repente, depara-se com o semblante de um velho, com uma expressão que ele nunca vira antes e que lhe desperta sentimentos de frieza, malícia, triunfo, jovialidade, deixando-o ao mesmo tempo exaltado, surpreso, e fascinado. Impulsivamente, pega seu casaco e sai atrás do homem, em meio à multidão e à chuva que começa a cair. Andam e andam. O homem entra em algumas lojas, mas apenas olha os objetos, sem pronunciar palavra. Caminham assim, um perseguindo outro, até o dia seguinte, atravessando ruas mais e menos movimentadas, pegando a saída de um teatro. Até que o perseguidor se rende a esse misterioso homem e o observa seguir seu caminho, não sem pensar que ele está cometendo um crime profundo, pois ele se recusa a estar só. É o legítimo homem da multidão, da cidade.

Edgar Allan Poe escreveu este conto, “O homem da multidão”, em 1840, quando Londres se tornara a maior cidade já vista, abrigando uma população de 1,5 milhão de habitantes. As memórias da Inglaterra são atribuídas ao período em que morou lá quando pequeno. Um pouco antes de escrever “O homem da multidão”, Poe morara em Nova York, também uma cidade vibrante, embora menor que Londres. Foi lá que adquiriu o hábito de ler os jornais diários (SMITH, 2012).

“O tipo de jornal que existe é o tipo que sobreviveu sob as condições de vida moderna” (PARK, 2008, p. 33). Se analisarmos esta frase, encontraremos outras relações possíveis de serem depreendidas. Invertendo um pouco o seu sentido, podemos pensar que a cidade moderna propiciou as condições para o surgimento do jornal. E, à medida que mais e mais pessoas saíam do campo para as cidades, mais pessoas se alfabetizavam e crescia também o público leitor dos jornais.

Em comparação com a cidade antiga, lembra Park (1973), que era um lugar de refúgio para se proteger das guerras, a cidade moderna se volta para o comércio e, conseqüentemente, para a praça do mercado. Na cidade é onde o indivíduo irá encontrar, na diversidade de ocupações, sua vocação própria e assim desenvolver talentos específicos. Para o autor (1973, p. 60), “o jornal é o grande meio de comunicação dentro da cidade, e é na base da informação fornecida por ele que se baseia a opinião pública. A primeira função que um jornal preenche é a que anteriormente o falatório desempenhava na aldeia”.

Para Mumford (1991), ao se estudar a cidade não é possível apenas se concentrar naquelas estruturas mais aparentes. É necessário ir mais fundo, por mais que se deva retroceder no tempo, tendo em mente que a cidade foi precedida pela povoação, que foi precedida pela aldeia, por sua vez precedida pelo acampamento, pela caverna, até pelas pedras, retrocedendo ao que parece ser o nível mais básico de vida social e tendo como norte a premissa de que a vida está baseada em dois alicerces fundamentais: o movimento e o repouso.

Na aldeia já é possível reconhecer elementos que serão fundamentais para a cidade: a casa (o núcleo familiar), o oratório (crenças, religião), o poço (fundamental para a sobrevivência, plantações), a via pública (sociabilização, mobilidade), a ágora (espaço de comércio e também de discussão política). A transição para a cidade ocorre quando esses elementos da aldeia dão lugar a uma nova composição cultural, ligada a uma transformação da força de trabalho: o caçador, o camponês, o mineiro, o lenhador abrem espaço para o mercador, o sacerdote, o soldado, o que permite à cidade a utilização do potencial humano em prol de grandes transformações:

[...] a arcaica cultura de aldeia cedeu lugar à ‘civilização urbana’, essa peculiar combinação de criatividade e controle, de expressão e repressão, de tensão e libertação, cuja manifestação exterior foi a cidade histórica (MUMFORD, 1991, p. 38).

A cidade nos seus primórdios funcionava como encruzilhada e ponto de encontro, uma vez que o conhecimento circulava com dificuldade e que estava muito ligado ao local ao qual cada estudioso pertencia (BURKE, 2003). Havia alguns lugares mais propícios à circulação de conhecimento, como os mosteiros e as universidades; já as notícias circulavam livremente nas tabernas e barbearias. A esses lugares logo se somariam as livrarias, os cafés, as bibliotecas. Mas eram os espaços públicos das

idades que “facilitavam a interação entre homens de ação e homens de conhecimento, entre nobres e artesãos, entre o trabalho de campo e o gabinete, em suma entre diferentes conhecimentos” (BURKE, 2003, p. 57). O autor ressalta ainda que as cidades começaram a produzir grandes volumes de dados sobre si, acarretando um aumento dos serviços informativos. As primeiras cidades modernas passaram a ser então os lugares para onde confluíam as informações das localidades menores, onde o conhecimento era processado para ser novamente redistribuído – papel desempenhado pelos grandes centros urbanos de impressão, como Veneza, Amsterdã e Londres:

Na metrópole, as notícias, os boatos, as intrigas correm velozmente ao sabor das conversas, nas manchetes dos reclames, nas páginas dos folhetins e nos fios do telégrafo. A Paris de Baudelaire era ávida por informações, ávida para entender e, talvez, dominar as transformações promovidas pela modernidade. O sucesso das publicações foi tal que em 1846 havia 200 mil assinantes de jornais na cidade (RAMINELLI, 1997, p. 196).

É a partir da Revolução Industrial que aconteceram as primeiras iniciativas de planejamento urbano – e a industrialização é também um dos fatores que impulsionaram a urbanização (RAMINELLI, 1997). As cidades industriais, segundo Williams (1990), apontavam para uma nova experiência urbana e uma nova relação entre o campo e a cidade. Os centros urbanos passariam a se organizar ao redor dos polos de trabalho. A urbanização provocou uma mistura, um “choque”: as pessoas saíram dos seus núcleos familiares e de seus povoamentos para formar novas comunidades, gerando um trânsito de indivíduos e de informações que vão levar a novas formas de comunicação. Para Caiafa (2007, p. 19), é possível afirmar que “as cidades surgem instaurando um espaço de comunicação”.

Paralelamente, o avanço tecnológico da imprensa tornava possível a expansão das atividades para um produto de massa. As mudanças propostas pelo inventor alemão Friedrich Koenig em 1814 – a impressão a vapor de alta velocidade – e depois pelo fabricante de máquinas de impressão francês Hippolyte Marinoni em 1871 – as bobinas cilíndricas – resultaram num salto de impressão das cinquenta páginas por hora de Johannes Gutenberg para noventa e cinco mil páginas por hora. A tecnologia de reprodução de imagens e a invenção da máquina fotográfica também seriam responsáveis pelo salto da imprensa no século XIX (TRAQUINA, 2005). As máquinas básicas do século XVIII deram lugar, na segunda metade do século XIX, a rotativas que trabalhavam de maneira interligada, o que acabou ocasionando uma redução

significativa do tempo despendido durante a impressão. A técnica da linotipia, que veio para substituir a dos tipos móveis, também está relacionada com os avanços tecnológicos de então.

Durante esse período, o intenso movimento de urbanização das grandes cidades como Londres, Paris e Nova York ocorreu em paralelo com outros processos, como a crescente escolarização da população. Esses dois fatores propiciaram a criação de um público leitor de jornais (TRAQUINA, 2005). No Brasil, a alfabetização ocorreu tardiamente. Martins (2001) atribui esse fator à colonização, à permanência da escravidão e ao real desinteresse da monarquia em enfrentar a questão. A autora levanta também o seguinte dado: em 1890, impressionantes 80% dos brasileiros eram analfabetos. Já no estado de São Paulo, o percentual era um pouco menor, resultado da criação de uma rede de escolas noturnas e de outra série de iniciativas, possibilitada pela autonomia como República Federativa.

Martins (2001) afirma ainda que nas cidades do Brasil pós-Império, o “saber ler” passou a ser uma característica de distinção, não apenas na busca de emprego mas também como elemento de exercício de cidadania, uma vez que só os maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever estavam aptos a votar. Nesse sentido, é interessante observar quando Park (1973, p. 27) afirma que a cidade é o “*habitat* natural do homem civilizado”, uma vez que a queda na taxa de analfabetismo estava alinhada ao processo de urbanização e ao de desenvolvimento de meios de comunicação:

Produção, distribuição e consumo alicerçavam agora o tripé da indústria periódica. Embora os custos da produção ainda fossem elevados, sobretudo pela importação do papel, a otimização das tipografias e complexos gráficos assegurava a parte inicial do processo. O outro extremo, o do consumo, estava potencializado pela difusão do ensino primário, da alfabetização. Os entraves que ainda subsistiam relacionavam-se à carência do papel e ao sistema de distribuição, bastante precário. Suprir a lacuna da matéria-prima, *o papel* [grifo da autora], foi mais um empreendimento daquela virada do século (MARTINS, 2001, p. 208).

De maneira gradativa, o hábito de leitura dos jornais nas cidades ocasionou mudanças no nível das relações interpessoais, tanto no ambiente familiar como no âmbito público, principalmente em relação à discussão das notícias. Essa nova prática, sobretudo entre as classes médias e a elite, propiciou um outro nível de participação dos cidadãos e de convivência social: “O jornal se institucionaliza na sociedade para produzir um relato regular de eventos não vivenciados” (FRANCISCATO, 2005, p. 32).

2.2 O jornalismo como negócio

O jornalismo praticado hoje em dia tem sua gênese no século XIX, quando se observou o desenvolvimento da comunicação de massa por meio da imprensa (TRAQUINA, 2005). Anteriormente, por volta de meados do século XVII, os panfletos e *newsbooks* faziam as vezes de meios informativos. Marcadamente políticos e fortemente opinativos, traziam propaganda parlamentar, servindo como mais um elemento na luta política. Aos poucos, começaram a apresentar notícias baseadas em fatos, e o poder da imprensa se transferiu para a força da notícia e para o trabalho do repórter (PARK, 2008). Nessa época os profissionais passaram gradativamente a ter o jornalismo como atividade integral.

De acordo com Traquina (2005, p. 34-35), nesse momento houve uma mudança nas bases da profissão, que viu emergir um novo paradigma, alicerçado sobre uma premissa sólida constituída pelos seguintes elementos: “a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público”. Esse novo paradigma estabeleceu “a constituição de um novo grupo social – os jornalistas – que reivindicam um monopólio do saber – o que é notícia; e a comercialização da imprensa – a informação como mercadoria”.

Alguns fatores cruciais contribuíram para impulsionar o jornalismo no século XIX, principalmente engendrados em função do desenvolvimento de novas tecnologias. O crescimento dos sistemas de transmissão possibilitou construir as linhas telegráficas que uniram a Europa primeiramente aos Estados Unidos e depois à China, América do Sul e Japão. Além dos telégrafos, os correios e posteriormente o telefone seriam consequência desse desenvolvimento. Essa expansão possibilitou também a criação de agências de notícias internacionais, como Reuters (Reino Unido), Havas (França), Wolff (Alemanha) e Associated Press (Estados Unidos), que passam a fazer a informação circular com mais facilidade (TRAQUINA, 2005).

Ocorreu então o que Franciscato (2005, p. 71) chamou de “aceleração do ritmo da vida urbana”, e uma “convergência de fatores como a industrialização, mercado, comunicações e imigração” possibilitou esse movimento. Em seu estudo sobre como o jornalismo reformulou a experiência do tempo enquanto produtor de formas de sociabilidade, o autor percebeu que esse campo, a partir da sua atuação, reforça o modo de vivenciar essa temporalidade, contribuindo então para uma cultura do tempo

presente. Por essa razão seu estudo é valioso ao tecer relações entre o nascimento do jornalismo e a urbanização. O autor ressalta que uma das transformações que vieram a reboque da urbanização foi a melhoria da mobilidade da população. Com isso, as classes trabalhadoras podiam se deslocar usando trens ou ônibus e, assim, podiam ler durante o percurso (BROWN apud FRANCISCATO, 2005). O aumento da mobilidade para os cidadãos também propiciou uma maior integração entre as pessoas nas cidades e principalmente alavancou as relações do comércio.

O ritmo dos novos centros urbanos – era esse novo tempo que o jornalismo estava vivendo. Quem melhor descreveu essa “sensação” foi justamente Robert Park (1973, p. 26). Mais do que um conglomerado de pessoas, ruas, prédios, eletricidade, instituições e burocracias etc., a cidade é um “*estado de espírito* [grifo nosso], um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição [...]. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem”.

Agora que as cidades estavam em plena expansão, a possibilidade de lucrar com o jornalismo passou de uma ideia abstrata para uma possibilidade de negócios, que se concretizou com o *penny daily paper*, resultado principalmente do avanço tecnológico e também da ampliação do público leitor, mais generalizado e politicamente diverso (TRAQUINA, 2005). A *penny press*⁶ foi a responsável por dar destaque para o dia a dia das pessoas no espaço do jornal. O pioneiro, em 1883, foi o norte-americano Benjamin Day, que ao contrário dos outros *publishers* que cobravam até seis centavos de dólar lançou-se no mercado vendendo seu produto por um centavo. “Um jornal não é simplesmente impresso. É publicado e lido. Se não for assim, não será um jornal. A luta pela existência no caso do jornal tem sido a luta pela circulação”, resume Robert Park (2008, p. 33), que entende que o poder do jornal está na extensão de seu público de leitores.

De acordo com Franciscato (2005), para além das questões mercadológicas, a *penny press* foi a grande responsável por trazer para o jornal as histórias das pessoas comuns, em oposição à cobertura das pessoas influentes e de posição social de prestígio. O fato é que a *penny press* ampliou o alcance do público dos jornais, agora menos elitizado e também com opiniões políticas mais diversificadas: “o jornal se encaixava

⁶ Literalmente, periódico que custava um centavo.

tanto para informar, orientar quanto para distrair, preenchendo horários ociosos” (FRANCISCATO, 2005, p. 107).

Concomitantemente, a política do imediato, do instantâneo, passou a imperar: “a obsessão pelos fatos acompanhou uma crescente obsessão com o tempo e uma maior orientação por parte da imprensa para os acontecimentos” (TRAQUINA, 2005, p. 53). Assim, o jornalismo diário passou a seguir o mesmo passo do ritmo urbano, em pleno crescimento durante o século XIX.

2.3 A gênese do jornalismo cultural

O jornalismo cultural é um produto das cidades. Na medida em que vai se firmando no cotidiano dos leitores, o jornal passa a dizer e também a construir uma cidade, especialmente por meio de seus cronistas, que vão tematizar a vida e o cotidiano do ritmo urbano (GADINI, 2009).

As primeiras experiências no âmbito do jornalismo literário remontam ao século XVII, com o *Journal des Sçavans*, que depois se transformaria em *Journal des Savants*. Com circulação restrita a Paris, de 1665 a 1795, o semanário “trazia abrangência temática e o caráter seriado e panorâmico que tipificou as publicações do gênero” (MARTINS, 2001, p. 38). Além da experiência francesa, na mesma época se destacam, na Itália, o *Giornale de Letterati* e, na Alemanha, o *Acta Eruditorum*, que respectivamente se voltaram para a publicação de textos literários e divulgação de assuntos científicos. Essa ramificação consolidou-se principalmente a partir da publicação de textos de escritores conhecidos, que encontraram um espaço de ampla divulgação de seu trabalho.

Na Inglaterra, o grande expoente foi *The Spectator* (1711), revista dirigida pelos ensaístas ingleses Richard Steele e Joseph Addison. Cobrindo áreas como literatura, música, hábitos e costumes, artes cênicas e política, passando pelas principais discussões do momento, caracterizava-se por uma linguagem acessível, quase num tom de conversa, não deixando de ser culta, mas sem formalismos:

Em outras palavras, a *Spectator* – portanto o jornalismo cultural, de certo modo – nasceu na cidade e com a cidade. Não por acaso, Addison e Steele comentam com frequência a difícil adaptação de um homem do campo que se mudava para Londres. Até o século anterior, os cavalheiros, homens com estudo e refinamento, moravam em propriedades rurais e desprezavam a rudeza urbana, onde a industrialização que começava causava poluição e

atraía pobres. A *Spectator* se dirigia ao homem da cidade, “moderno”, isto é, preocupado com modas, de olho nas novidades para o corpo e a mente, exaltado diante das mudanças no comportamento e política (PIZA, 2004, p. 12).

O autor lembra que é possível pensar a influência do jornalismo cultural para a modernidade na mesma medida que revoluções políticas ou avanços científicos, tendo também ele contribuído para o advento das ideias iluministas do século XVIII.

No século XIX, a literatura folhetinesca impulsionou a profusão de suplementos culturais. Pode-se citar, no continente europeu, Honoré de Balzac, na França, e Charles Dickens, na Inglaterra, que chegou a fundar um jornal próprio, o *Daily News* (MARTINS, 2001). Na Rússia, ainda, é oportuno citar o caso de Fiódor Dostoiévski, e, posteriormente, nos Estados Unidos, entre vários outros, os escritores Mark Twain (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2007) e Henry James, que além de romancista notabilizou-se pelos ensaios e artigos que escreveu nos jornais e revistas nova-iorquinos (PIZA, 2004).

No Brasil, os grandes nomes do folhetim no século XIX são os escritores José de Alencar e Machado de Assis. Pode-se afirmar que a literatura adentrava os jornais, influenciando inclusive na própria redação das notícias. É dessa época o desenvolvimento do “nariz de cera”, por exemplo. O folhetim – importado da França – tornou-se o grande chamariz dos jornais brasileiros. *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, inaugurou o gênero no país ao ser o primeiro folhetim traduzido para o português, circulando no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, a partir do ano de 1838 (GOLIN; CARDOSO, 2010). Seu suplemento, o *Folhetim*, fez do jornal um dos pioneiros ao se voltar para temas relacionados à cultura (TRAVANCAS, 2000). O folhetim, mesmo no gênero ficcional, funcionava como um espelho do tempo presente, fazendo uso, entretanto, de uma linguagem subjetiva (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2007). Os autores ressaltam ainda que um dos grandes méritos desses literatos que participavam ativamente dos jornais tenha sido trazer uma nova leva de leitores para as publicações. Pechman (1994, p. 5) também nos lembra que “os romancistas são os primeiros a se darem conta de que o meio urbano, onde seus personagens se movimentam, é o cenário privilegiado para observação do mundo”.

É a partir do século XIX que se pode começar a pensar na constituição de um público consumidor de cultura na Europa. O aceleramento da urbanização propicia o aparecimento de museus, salas de teatro e concerto em todo o continente europeu. Gadini (2009, p. 127) resalta a relação entre a proliferação dos jornais e o aumento da

“apreciação leiga das artes”. Aos poucos, esses movimentos vão dando forma a uma incipiente vida cultural:

pode-se dizer que a cidade desloca a relação de sociabilidade dos nobres círculos palacianos, passando a configurar a efetiva existência de espaços públicos modernos. A crítica, já não voltada exclusivamente aos salões, ganha as ruas e também espaço em periódicos que passam a compor o emergente mercado literário e das artes em geral (GADINI, 2009, p. 127).

Já no Brasil, no final do século XIX se passa a falar de um nascente jornalismo cultural, mas será somente a partir dos anos 1930 que se poderá pensar de fato em consumo cultural, tendo em mente a tardia urbanização e desenvolvimento socioeconômico (GADINI, 2009). Mesmo assim, o grande impulso da urbanização desse período impulsiona o fortalecimento do setor cultural. A criação de algumas universidades no país, como a Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1920, a Universidade de Minas Gerais (UFMG) em 1927 e a Universidade de São Paulo (USP) em 1934 (GOMES, 2002), contribuiu para o processo de consolidação de um grupo que passou a consumir informação, cultura e lazer regularmente.

Piza (2004) relata que na Europa, no mesmo período, dois grandes acontecimentos influenciaram mudanças no curso do jornalismo na história e no hábito de as pessoas lerem jornais: o Caso Dreyfus, que colocou em destaque na sociedade o poder da imprensa por meio do manifesto *J'Accuse*, de Émile Zola, e a atuação do escritor e também crítico de artes plásticas e cênicas, além de literatura, George Bernard Shaw. Com uma coluna semanal publicada no *The World* a partir de 1890, Shaw inaugurou um novo paradigma de jornalismo cultural, tirando a crítica da torre de marfim e aproximando-a da realidade e do cotidiano das pessoas nas cidades.

No Brasil, no início do século XX, cerca de 90% da população vivia afastada dos primeiros produtos e serviços culturais. Gadini (2009) recupera um estudo que Karina Janz Woitowicz realizou pesquisando os jornais paranaenses nas primeiras décadas do século XX: “Neste modo peculiar de organizar temas que devem ser digeridos pela sociedade, a capital e seus traços de urbanidade também se veem tematizados nos textos dos jornais.” (apud GADINI, 2009, p. 149).

Esse papel cabe especialmente ao cronista, que observa e reflete a vida cotidiana em seus textos e, de certo, modo, vai revelando a cidade para seus leitores. O olhar sobre a capital do Rio de Janeiro está muito bem exemplificado nas crônicas de João do Rio, publicadas tanto em *A Gazeta de Notícias* como na revista *Kosmos*. Nas

reportagens, o autor dá voz aos marginalizados, que não têm acesso aos serviços urbanos. Entre os anos de 1904 e 1907, ele retratou, entre tantos outros, prostitutas e vendedores ambulantes, consolidando-se como “um dos principais (se não o principal) criadores da reportagem no jornalismo brasileiro” (GADINI, 2003, p. 27).

O papel do cronista foi fundamental para os primórdios do jornalismo cultural no Brasil. De acordo com Piza (2004, p. 33), “o gosto nacional pelas crônicas, até certo ponto, sempre foi uma forma de atrair a literatura para o jornalismo, praticada por jornalistas, escritores e sobretudo por híbridos de jornalista e escritor”. Além do já citado João do Rio, podemos lembrar de Carlos Heitor Cony, Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende, entre outros.

Mas é a partir do trabalho de João do Rio, de seu “modo jornalístico” (GADINI, 2003, p. 29), que a imprensa passa a realizar, de fato, uma cobertura ampla do dia a dia: “A chamada imprensa de artigos e ensaios político-partidários começa a ceder espaço a crônicas e matérias mais jornalísticas que falam da cidade, dos problemas sociais, das reclamações populares etc.”

Além dos jornais, o rádio e as revistas de variedades tiveram um papel importante na consolidação de um mercado consumidor de cultura. O rádio despertou nos seus ouvintes uma curiosidade sobre a vida dos artistas do radioteatro, além de passar a divulgar produtos e serviços relacionados ao campo cultural (GADINI, 2003). O autor levanta ainda outra questão: o público do rádio, em função de restrições de circulação de outros meios culturais como o livro, o cinema e o teatro, pode, com o rádio, ter alcançado sua primeira experiência de consumo cultural (GADINI, 2009). Já Abreu (1996, p. 21) destaca que a tradição das revistas de variedades teria origem nos suplementos femininos: “A mulher era ainda nessa década a grande consumidora da produção literária, de poesias, crônicas, romances”. Concentrados nos finais de semana, os suplementos deram início a um hábito cultural que se mantém até os dias de hoje.

Durante as décadas de 1930 e 1940, é possível mapear o fortalecimento de alguns setores da cultura que vão posteriormente estar relacionados com a criação de cadernos diários pelos maiores jornais brasileiros. Como o mercado livreiro, que está em expansão. A própria radionovela que, a partir de 1941 entra nos lares brasileiros e ajuda na formação de um público ouvinte de música. E, por fim o cinema, com a criação das produtoras Atlântida e Vera Cruz, que darão um impulso à produção nacional (GADINI, 2003).

A partir da década de 1940 é possível falar da formação de uma geração de críticos como Otto Maria Carpeaux, Álvaro Lins, Antonio Candido e Mario de Andrade que deixou uma marca indelével para o jornalismo cultural brasileiro. Sússekind (2003) observa que até os anos 1950 o jornalismo brasileiro está marcado pela “crítica de rodapé”, que ela classifica da seguinte maneira:

uma crítica ligada fundamentalmente à *não especialização* da maior parte dos que se dedicam a ela, na sua quase totalidade “bacharéis”; ao meio em que é exercida, isto é, o jornal – o que lhe traz, quando nada, três características formais bem nítidas: a oscilação entre a crônica e o noticiário puro e simples, o cultivo da eloquência, já que se tratava de convencer rápido leitores e antagonistas, e a adaptação às exigências (entretenimento, redundância e leitura fácil) e ao ritmo industrial da imprensa; a uma *publicidade*, uma difusão bastante grande (o que explica, de um lado, a quantidade de polêmicas, e de outro, o fato de alguns críticos se julgarem verdadeiros “diretores de consciência” de seu público, como costuma dizer Álvaro Lins); e, por fim, a um diálogo estreito com o mercado, com o movimento editorial seu contemporâneo (SÚSSEKIND, 2003, p. 16-17).

Podemos afirmar que esse é um ponto de inflexão para o jornalismo cultural praticado no Brasil, uma vez que será essa geração que fará parte dos cadernos de cultura que os jornais brasileiros passam a publicar a partir da década de 1950, tanto durante a semana como aos finais de semana. Sússekind (2003) ressalta que esse período será cercado de polêmicas, uma vez que há um embate natural entre dois grupos: a geração de críticos que podem ser chamados de “homens de letras” e a oriunda das universidades, formada pelas faculdades de filosofia das grandes cidades. Enquanto os primeiros defendem uma crítica impressionista e autodidata, os segundos trabalham pela especialização, tendo o rigor da pesquisa acadêmica como norte.

Os anos 1950 foram palco de grandes transformações para o jornalismo cultural brasileiro:

Os cadernos semanais da segunda metade do século XX, cujas características alguns contemporâneos ainda tentam resgatar, concentravam-se no debate, na exposição de ideias, na formação cultural e na divulgação de críticas e ensaios, com ênfase na literatura, em especial a brasileira, na publicação de poemas e contos. Em geral, o editor era escritor ou crítico e havia pelo menos um grande nome da área literária ou humanística associado ao caderno. Percebe-se, nesse caso, a iniciativa de cada jornal em agregar prestígio intelectual a suas páginas, acolhendo nos suplementos nomes legitimados por outras áreas do saber. Atingiam-se, assim, circuitos privilegiados de leitores e colaboradores (SEGURA; GOLIN; ALZAMORA, 2008, p. 74).

Nessa época, a imprensa vivia um movimento de expansão: em 1949 nascia o *Última Hora* e, em 1951, o *Tribuna da Imprensa*, que inovaram tanto na questão técnica como na linguagem, inspirados principalmente no modelo norte-americano: aos poucos, o jornalismo foi abandonando a crítica e o combate para adotar um perfil mais informativo e que separa a opinião da notícia (ABREU, 1996).

O fim da década de 1950 também viu o nascimento do Caderno B do *Jornal do Brasil* (conhecido pela sigla JB). A partir de uma modernização iniciada em 1956, o JB passou a valorizar a reportagem e o conjunto visual. Dessa mudança nasceria o emblemático caderno de cultura diário. Com edição de Reynaldo Jardim e projeto gráfico de Amílcar de Castro, tornou-se um marco para a imprensa brasileira (PIZA, 2004). No mesmo ano de 1956, *O Estado de S. Paulo* – também conhecido como *Estadão* – lançava o Suplemento Literário, idealizado por Antonio Candido e com edição de Décio de Almeida. “Parece possível dizer que foram exatamente os jornais que passavam por um processo de mudança aqueles que lançaram ou ampliaram seus suplementos, como o *Jornal do Brasil* e *O Estado de S. Paulo*” (ABREU, 1996, p. 20). A autora afirma ainda que os suplementos literários tiveram uma importância ímpar na constituição do que ela chamou de “redes de sociabilidade”, uma rede que perpassava cafés, salões, revistas literárias e editoras e que foi fundamental para a consolidação de uma intelectualidade.

Gadini (2003) relaciona a criação da maioria dos cadernos culturais nos anos 1950 com o fortalecimento da indústria cultural no país, diretamente ligado a uma expansão do público consumidor de cultura. Mas o contexto é mais amplo:

aumento populacional, barateamento de algumas condições técnicas de acesso aos bens de consumo cultural, urbanização, desenvolvimento (em especial a partir do pós-guerra) dos sistemas de transporte rodoviário associado à industrialização automobilística, surgimento de espaços urbanos de sociabilidade, entre outros fatores que podem ser relacionados ao fortalecimento da esfera cultural e ao surgimento dos cadernos jornalísticos voltados ao setor (GADINI, 2003, p. 81).

Para Lorenzotti (2007, p. 37), é possível afirmar que as palavras de ordem da época eram “industrialização, urbanização e tecnologia”, e o Plano de Metas do presidente Juscelino Kubitschek – cujo governo foi de 1956 a 1961 – era a personificação dessa mentalidade: “o crescimento veio em seguida, confirmando o país como uma das economias mais prósperas do século XX, num processo de industrialização acelerada”. Um grande exemplo da consolidação das indústrias

culturais no Brasil nos anos de Juscelino Kubitschek foi o nascimento do conglomerado *Folhas* (a partir da unificação da *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*) no início dos anos 1960 (GADINI, 2003).

Seguindo o percurso do jornalismo cultural, os anos 1960 e 1970 foram palco de um novo embate. Entre diversas razões, mas principalmente em função da regularização da profissão de jornalista, de acordo com Sússekind (2003), os jornalistas passaram a olhar com ainda mais desconfiança para os acadêmicos, atacando sua linguagem e sua lógica argumentativa em prol de um leitor médio que não estaria interessado nesse jargão.

Gadini (2003) sustenta ainda que a visibilidade alcançada pela mídia hoje se deve ao fato de que a imprensa escrita e as cidades fizeram parte de um processo quase simultâneo: “Por um lado, devido à ausência de um projeto público de educação/cultura etc. e, por outro, pela própria formação excludente que o país forjou em suas relações econômicas escravistas e desiguais no que diz respeito aos bens (e produtos) culturais existentes” (GADINI, 2003, p. 42).

Chegamos assim à década de 1980, quando a *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, os dois principais jornais do país, consolidaram seus cadernos diários, a *Ilustrada* e o *Caderno 2*. Segundo Gadini (2009), os anos 1980 foram o período de cristalização do “modelo de cadernização” dos diários brasileiros. O autor mostra que jornais que dispunham de menos de cinco cadernos passaram a circular com até trinta. O movimento de cadernização – incluindo os cadernos de cultura – vai ao encontro de um processo que busca atingir leitores de maneira segmentada. Em paralelo a esse processo ocorrem também diversas reformas gráficas, que buscam a atenção do leitor que está inserido dentro de um novo contexto televisivo.

A crítica literária vai perdendo espaço para diversos setores da indústria cultural e a cobertura jornalística, gradualmente, vai passar a priorizar uma lógica de serviço, dando grande lugar para o entretenimento. Assim, os cadernos passam a desempenhar um papel de “coprodutores” e são alçados a um lugar de protagonismo no campo da cultura.

2.4 O jornalismo como uma construção da realidade e intermediário do sistema cultural

Para pensarmos o jornalismo, temos que inseri-lo em uma realidade social, levando em conta os indivíduos que dela fazem parte. Essa realidade, de acordo com Berger e Luckmann (2009, p. 11), pode ser definida como “uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição (não podemos ‘desejar que não existam’)”. O que a imprensa oferece, por meio de notícias, é o presente social.

Para Gomis (1997), os meios de comunicação têm o papel de mediadores, de intérpretes da realidade social, mas não com o objetivo de transmitir essa realidade, mas de construir essa realidade. Dentro desse pensamento, cabe ao profissional selecionar aquilo que for mais interessante e concentrá-lo dentro de um tempo e de um espaço.

De acordo com Franciscato (2005, p. 15), o jornalismo “é uma prática social voltada para a produção de relatos sobre eventos do tempo presente”. É nesse fazer que o profissional desenvolve o papel privilegiado de reforçar uma temporalidade social, uma cultura do momento atual. Essa temporalidade é que dará forma cultural à notícia – de duração efêmera –, o principal produto do jornalismo. A singularidade do tempo é fundamental também para entender que, para além de relatos sobre o presente, o profissional é partícipe desse processo de construção de uma experiência social.

O presente, segundo Gomis (1997), é o tempo da informação. O jornalismo atuaria como um mediador entre o passado e o futuro, transformando tudo em um presente social. “O presente é aquilo que se comenta” (GOMIS, 1997, p. 34); por essa razão, é possível afirmar que as notícias que mais perduram são aquelas que dão consistência ao nosso “presente de referência, nosso presente coletivo, comum, aos fatos que comentamos socialmente”.

Ao contrário dos paradigmas que enxergam o jornalismo como um espelho da realidade, a teoria construcionista, à qual nos apoiamos, vê o jornalismo como parte dessa realidade, e as notícias como elementos constituintes dela. O paradigma das notícias como construção está baseado também no fato de que a linguagem neutra, transparente, é apenas um ideal. “As notícias são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas” (HALL et. al., 1999, p. 224). Para que um acontecimento se torne uma notícia, primeiramente deve ser

identificado como tal e, posteriormente, inserido dentro de um contexto social. De acordo com os autores, é por meio de mapas culturais do mundo social que os jornalistas conferem sentido a esses acontecimentos. Esse processo vai acionar, por sua vez, os mapas de significado do público, mapas esses que unem os indivíduos em sociedade.

A construção do discurso jornalístico está baseada em um processo trifásico que envolve a produção, a circulação e a recepção (ALSINA, 2009). Esse discurso social está inserido em um sistema produtivo: “Os jornalistas são, como todo o mundo, construtores da realidade ao seu redor. Mas também conferem estilo narrativo a essa realidade, e, divulgando-a, tornam-na uma realidade pública sobre o dia a dia” (ALSINA, 2009, p. 11).

Alsina (2009) afirma, porém, que há de se levar em conta que o conceito de construção da realidade não está ligado especificamente ao jornalismo. Quando Berger e Luckmann o formularam, estavam pensando

no nível da vida no cotidiano, em que se dá, no entanto, um processo de institucionalização das práticas e dos papéis. Esse processo é, ao mesmo tempo, social e intersubjetivamente construído. Isso faz caracterizarmos a atividade jornalística como um papel socialmente legitimado para gerar construções da realidade publicamente relevantes. Portanto, podemos dizer que os jornalistas têm um papel socialmente legitimado e institucionalizado para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante (ALSINA, 2009, p. 46).

Uma segunda ressalva que poderia ser feita diz respeito a desconsiderar o público dessa construção social. Ainda segundo o autor, é a partir de um contrato fiduciário – entre o jornalista e seu público –, social e historicamente definido que se estabelece tal entendimento.

Essa conexão com o mundo, ou como Gadini (2009, p. 67) afirma, essa “(inter)conexão”, proporcionada pelo discurso jornalístico reúne uma série de fenômenos simultâneos que vão ilustrar um “mapa do universo social”. Partindo do pressuposto de que jornalismo é o discurso da cotidianidade, ele “notícia, informa e veicula uma abordagem a respeito dos eventos da realidade global cotidiana” (GADINI, 2009, p. 68), vamos trabalhar com a ideia do jornalismo como construtor de mapas, como um guia dentro do sistema cultural. Para tanto, partimos da ideia de jornalismo cultural do autor, que compreende

os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo – atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, clareza, dinâmica, singularidade etc. – que, ao abordar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem e projetam modos de ser, pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde ele é produzido, circula e é consumido (GADINI, 2009, p. 80-81).

A ideia de guia do sistema cultural remonta aos primeiros serviços de informação das cidades, uma consequência tanto da própria organização do trabalho como do crescimento desordenado das metrópoles europeias, que passaram a gerar um sem-número de informações sobre si mesmas nunca antes catalogadas. O surgimento dos guias era parte integrante de um processo de sistematização desses dados novos (BURKE, 2003).

O autor também lembra que já no início da Europa moderna havia necessidade de pessoas que trabalhassem como guias para desbravar cidades como Roma, Veneza e Paris para os turistas e que desde a Idade Média já havia livros-guia com diversas informações sobre as cidades, como o *Maravilhas da cidade de Roma*. Mas não somente os turistas: “Os próprios nativos das grandes cidades precisavam cada vez mais de orientação, para informações sobre várias formas de lazer, ou sobre onde encontrar certas mercadorias e serviços” (BURKE, 2003, p. 70).

Se retrocedermos no tempo, observaremos que a cidade e a escrita trilharam um caminho conjunto. O conhecimento que anteriormente era transmitido oralmente precisou cada vez mais de um registro permanente, que permitisse lidar com as novas configurações do urbano (MUMFORD, 1991, p. 113): “Viver *pelo* documento e *para* o documento tornou-se um dos grandes estigmas da existência urbana: na verdade, a vida tal como era registrada [...] muitas vezes tendia a se tornar mais importante que a vida tal como era vivida”.

É possível afirmar que os primeiros guias sobre os eventos culturais das cidades estavam publicados na forma de cartazes, iniciativa pioneira na Espanha dos anos 1500 e seguida posteriormente pela Itália, pela França, pela Alemanha e pela Inglaterra (BURKE, 2003). Hoje em dia, os cartazes deram lugar aos espaços de roteiro, agenda e serviço dos jornais impressos, que trazem informações de cinema, teatro, shows, musicais, palestras, programação cultural como um todo. De acordo com Gadini (2009), a lógica do próprio roteiro cultural está galgada na ideia de prestação de serviço.

Medina (2007, p. 33) lembra que desde seus primórdios, “com a finalidade de distribuir a informação nas redes financeiras, o jornalismo sempre mostrou a

virtualidade de trabalhar com qualquer conteúdo simbólico, econômico ou artístico”. Um desses conteúdos é o jornalismo de serviço. Para a autora, esse tipo de jornalismo tem a característica de colocar o leitor em confluência com o atual, com o tempo presente.

Esse instantâneo concentrado no qual o jornalismo opera vai ao encontro de Franciscato (2005, p. 99) ao afirmar que “O jornalismo se realiza em um processo de tensão entre a velocidade do movimento do mundo e a velocidade da produção do discurso jornalístico sobre este movimento”. É nesta brecha que um dos princípios do jornalismo vai emergir, a atualidade. É este elemento que, consolidado por meio de uma prática e de um discurso, vai assegurar um elo entre o tempo do acontecimento e a notícia a seu respeito.

O jornalismo, a partir dessa fragmentação do tempo, cria uma nova unidade discursiva, um recorte, tornando-se uma referência para o público-leitor. Essa marcação temporal faz do jornalismo uma instituição social única, e o jornal diário é um dos seus maiores expoentes:

Tanto a tecnologia quanto a economia foram fatores estruturantes de um modo de vida urbano em que a rotina diária de atividades tinha, também, contornos próprios, resultantes de novas formas de interação e relações sociais: os deslocamentos pela cidade, os horários do trabalho, das refeições e do lazer demarcam um cotidiano diário no qual o jornal se encaixava tanto para informar, orientar quanto para distrair [...] (FRANCISCATO, 2005, p. 107).

Além disso, o jornal diário tem um papel fundamental em demarcar o cotidiano urbano: o jornal do dia encerra um ciclo que se iniciou no dia anterior. O autor afirma ainda que dessa forma o leitor pode fazer uma projeção dos eventos que terão lugar nesse dia.

2.4.1 O jornalismo de serviço como mapa de consumo

Medina (2007, p. 33) nos alerta para o fato de que o jornalismo de serviço sempre existiu, desde os primórdios da profissão, como “uma identidade inabalável para situar o cidadão imediatamente no presente”, seja por meio de atualizações sobre a bolsa de valores, programação de cinema, teatro etc. A questão que se faz presente é que o jornalismo de serviço não deveria se bastar por si só; deveria, sim, vir acompanhado de reportagem e crítica.

O estudo que Gadini (2009) desenvolveu para mapear o tipo de jornalismo cultural que se pratica em vinte jornais brasileiros revelou que a maioria dos cadernos culturais dedica 50% do seu espaço para roteiro, programação televisiva e colunas sociais. Incluindo as variedades (horóscopo, palavras cruzadas, jogos, quadrinhos e os mais diversos gêneros de entretenimento e lazer, de tarô e numerologia a piadas), esse número sobe para alarmantes 60%. Para o autor, o jornalismo de serviço poderia ser descrito como:

Uma expressão e tendência que surge bastante ligada ao jornalismo de revista, onde a matéria ou notícia aparece, na maioria das vezes, associada a uma orientação ou serviço de esclarecimento ao leitor, buscando auxiliar nas opções de compra, escolha, direitos existentes, mas nem sempre garantidos, dicas sobre endereços, horários, atividades e eventos programados, dentre outras formas de orientação que o jornalismo passou a incorporar na produção contemporânea da informação periodística (GADINI, 2003, p. 52).

Continuando seu raciocínio, apenas os 40% restantes seriam utilizados para críticas e matérias jornalísticas. Nessa conta entram ainda as páginas de publicidade, que ganham mais espaço nas sextas-feiras.

O jornalismo de serviço, assim como as outras seções dos jornais, trabalha com a lógica do agendamento. Para tanto, a cobertura segue um calendário cultural que, mesmo indiretamente, parece acompanhar o ano letivo, pois raramente vê-se grandes eventos nos meses das férias de verão. Nessa lógica devemos excetuar as festividades atreladas a grandes vendas do comércio, como o Natal, o Ano-Novo etc., que acabam por ser legitimados pelas grandes coberturas da imprensa. Gadini (2009) aponta para outro item importante na cobertura do calendário cultural: feiras, exposições, festivais, inaugurações, tudo pode virar pauta. Inclusive, os próprios eventos acabam custeando passagens e gastos do jornalista para garantir a cobertura.

Piza (2004) também discute a submissão ao calendário de eventos. Para o autor, cada vez mais se lê sobre discos, filmes e livros que estão chegando ao mercado ou mesmo que ainda vão demorar meses para chegar. Mas esses assuntos são depois raramente retomados, sendo quase impossível encontrar matérias sobre a “carreira” de determinado disco, filme ou livro; assim, a imprensa fica sem promover uma reflexão sobre o que eles significaram para o público.

Dando continuidade à discussão, Januário (2005) classifica os serviços como uma reunião de universos diversos:

roteiros gastronômicos, endereços de estabelecimentos, sinopses, grades e tabelas, comentários, dicas e listas, este formato ganhou cadernos exclusivos nos principais jornais, mas nem por isso desgarrou-se das páginas dos cadernos de cultura, onde por vezes ocupa o espaço da crítica e da resenha. Estes guias são o resultado final do desenvolvimento de um modelo que, com a evolução da indústria de bens culturais e com o crescimento do público consumidor, representou uma nova modalidade informativa surgida nos diários brasileiros (JANUÁRIO, 2005, p. 40).

Para o autor, o jornalismo de serviço vem atender os interesses das empresas de comunicação e não do leitor-consumidor. Segundo ele, com o fracasso comercial dos grandes jornais, a saída mais fácil é a que peca pela qualidade jornalística, qual seja, o uso de releases “ligeiros” para elaborar esses guias.

É esse jogo de tensões que constitui a cobertura cultural brasileira, numa lógica pautada por três eixos principais (GADINI, 2009):

- 1) lançamentos cercados por investimentos massivos;
- 2) eventos que ocorrem no eixo Rio-São Paulo;
- 3) estratégias agressivas de marketing.

De uma maneira ou de outra, afirma o autor, há sempre uma indústria da cultura por trás do agendamento, seja do mercado do livro, do cinema, da música, entre outras.

Uma hipótese levantada por Gadini (2009) diz respeito ao fato de, no jornalismo cultural, ao contrário de outras áreas, haver um trânsito muito grande de assessorias e agências de notícias que estão praticamente dentro das redações divulgando seu produto. Esse tipo de comportamento se soma à rotina produtiva do jornalismo cultural, que, assim como o restante da publicação, funciona sob a égide do tempo do fechamento.

Januário (2005, p. 110) conclui: “O que finalmente comprovamos é que os cadernos e suplementos se tornaram guias de consumo; e mais, que esse novo modelo foi adotado na década de 80, baseado nos serviços, nos lançamentos, nas resenhas”. Para Gadini (2003), a questão ainda vai além: mesmo frente à falta de consenso sobre o jornalismo de serviço, o fato é que essa tendência está hoje relacionada a questões de cidadania e pertencimento, a uma pequena distância da lógica de consumo.

Assim, ao eleger os assuntos sobre os quais falar – e ao silenciar outros tantos – o jornalismo, por meio de critérios internos à profissão, acaba influenciando os seus leitores nas suas práticas diárias, tornando-se um guia de consumo de livros, de filmes,

de peças de teatro, aonde ir, o que comer etc., além um mapa para a interpretação do mundo aos olhos dos seus leitores.

A ideia de mapa é desenvolvida por Mouillaud (1997) quando afirma que:

A disposição dos acontecimentos em um jornal possui uma analogia com um mapa [...]. As regiões do mapa são dispostas horizontalmente. O mapa não tem centro nem periferia, nenhum ponto de onde parte a vista, nem horizonte. No jornal, os acontecimentos tornando-se informações, também perdem a relação de próximo e de distante que o separa territorialmente (MOUILLAUD, 1997, p. 69).

Para o autor, assim como um mapa, o jornal tem a função de colocar o leitor no mundo e resalta: seja qual for a escala, o planeta ou o vilarejo. Porém, em pelo menos uma característica eles diferem: enquanto o mapa pode circular em todos os lugares, o jornal está ligado a um território, mesmo que seja um jornal cosmopolita do porte do *Le Monde*.

Entretanto, se um mapa é uma projeção, dependem da projeção escolhida as distorções que lhe serão impingidas. E é esse o paralelo que o autor faz com a informação: “Revelam, tanto um quanto a outra, a existência escondida de uma perspectiva. Ambos são inseparáveis de uma orientação: um ponto de onde parte a visão e uma tela cuja posição e natureza condicionam a imagem do mundo” (MOUILLAUD, 1997, p. 71).

É a partir desse conceito de jornalismo como mapa, neste caso, do consumo cultural, que vamos analisar no próximo capítulo como as mudanças no modo de consumir refletidas pelo jornalismo cultural estão modificando noções de cidadania, pertencimento e consumo. Para tanto, os conceitos desenvolvidos aqui em relação ao jornalismo como guia de consumo vão nos ajudar a pensar o protagonismo da cidade como ator social e o reposicionamento da cultura como mediador das relações econômicas.

3 A CIDADE COMO PALCO DO CONSUMO DA CULTURA

3.1 A pós-cidade e o fenômeno da reterritorialização

Há duzentos anos, ínfimos 3% da população morava em cidades (SMITH, 2012). Em 1950, já eram 750 milhões de pessoas. Em 2011, nada menos que 3,6 bilhões. A projeção é de que em 2030, 60% dos cidadãos vivam nas cidades. São Paulo, por sua vez, no ano de 2025 será uma megalópole de mais de 23 milhões de habitantes. De acordo com as projeções da ONU, o principal problema que se vislumbra – na verdade, ele já está presente, pois atualmente 33% dos habitantes de São Paulo já gastam mais de três horas/dia no trânsito – é o da mobilidade (VIEIRA, 2012).

Esses dados, para além de inquietantes, demonstram que a cultura urbana está em plena transição. De acordo com Mongin (2009), não é mais possível falar apenas em “cidade” sem questionarmos de qual cidade estamos falando. O conceito que nos acompanhou até aqui, sinônimo de lugar, com fronteiras delimitadas, características geoculturais abriu espaço para um conceito mais amplo, o mundo da “pós-cidade”,

no qual as entidades ontem circunscritas a lugares autônomos doravante dependem de fatores exógenos, a começar pelos fluxos tecnológicos, pelas telecomunicações e pelos transportes... O bom equilíbrio entre os lugares e os fluxos tornou-se muito ilusório (MONGIN, 2009, p. 16).

Ainda de acordo com o autor, o modelo de cidade europeia conhecido até hoje, um modelo localizado e integrador, está cada vez mais no passado. O futuro dos aglomerados urbanos não está na Europa mas justamente nos países não europeus, onde as megacidades vão se localizar. Em 2015, a projeção é que passem a existir trinta e três megalópoles (cidades com mais de dez milhões de habitantes) no mundo.

Face a essa realidade, nos questionamos se ainda é possível pensar a cidade como um conglomerado de pessoas, com raízes fixadas em um lugar, com uma cultura própria. Para Mongin (2009), estamos diante de um fenômeno de reterritorialização, que ocorre em diversas velocidades, um fenômeno que passa pela dispersão, pela fragmentação e pela multipolarização, transformando o que anteriormente era “cidade” para o que hoje é mais conhecido como “urbano”, um “urbano generalizado”. O autor propõe olhar para essa experiência urbana por meio de três ângulos:

A cidade entendida como experiência urbana é polifônica. Ela é primeiramente uma experiência física, a marcha do corpo dentro de um espaço onde prevalece a relação circular entre um centro e uma periferia. A experiência urbana é, depois, um espaço público onde corpos se expõem e onde se pode inventar uma vida política pelo viés da deliberação, das liberdades e da reivindicação igualitária. Mas a cidade é também um objeto que se observa, a maquete que o arquiteto, o engenheiro e o urbanista têm diante dos olhos, uma construção, até mesmo um maquinário, submetida de imediato aos fluxos da técnica e ao desejo de controle do Estado (MONGIN, 2009, p. 29-30).

Para Canevacci (1997, p. 15), polifônica é a cidade de São Paulo, onde as diversas vozes e musicalidades se unem. Quando deu o título ao seu livro de *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana* espelhou-se no fato de que a cidade e a comunicação urbana podem ser comparados a “um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam” (CANEVACCI, 1997, p. 17). É a cidade onde os estilos se mesclam, entendida como uma série de eventos, fragmentos urbanos, dos quais seus habitantes podem fazer parte como protagonistas ou espectadores. É o conjunto de lembranças sobre ela, que vão formando um mapa urbano mental. Para Canevacci (1997, p. 35), “compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas”.

No intuito de discutir a questão da identidade e do pertencimento, Canclini (1999) observa que o fenômeno das megacidades transformou a maneira como as pessoas se identificam. O que anteriormente se entendia como “lugar” deixou de ser uma área delimitada e passou a ser um espaço de interação. Para o autor, a comparação entre cidades europeias, norte-americanas e latino-americanas não é uma incongruência, pelo contrário, mostra-se interessante no sentido de agregar diferentes experiências sobre a condição urbana em relação ao local, ao nacional e ao global.

Ao contrário do pessimismo que acompanhou os estudos sobre o urbano nos anos 1980, nos anos 1990 houve uma mudança de perspectiva que tentou compreender o renascimento das cidades. Aliado a esse renascimento, um outro movimento ocorria. As metrópoles regionais, gradualmente, passaram a tomar o papel de protagonistas do cenário global: “se observa um relançamento econômico e cultural dessas cidades, aumenta o emprego, não somente o terciário mas também o industrial, que estava em declínio, se conectam novas redes imateriais de infraestrutura” (CANCLINI, 1999, p. 167).

Ainda segundo o autor, seria possível dividir o mundo em cidades globais e cidades emergentes. Ao primeiro grupo pertenceriam Nova York, Londres, Paris, Berlim, Tóquio. Já ao segundo, Barcelona, São Paulo, México, Chicago, Moscou. Enquanto o primeiro grupo concentraria atividades financeiras, consultorias, gerenciamento de indústrias audiovisuais etc., o segundo se caracterizaria por aglutinar tanto gestão de serviços como setores da economia informal, ao mesmo tempo em que lidaria com questões como o desemprego, a deficiência de serviços urbanos, entre outros.

Sobre o histórico das globalizações, Mongin (2009) faz um rápido percurso pelos três grandes movimentos que levaram a essa nomenclatura. A primeira das globalizações, ocorrida entre os estertores da Idade Média e o período renascentista, está ligada a cidades comerciais e marítimas durante a grande era dos descobrimentos. O segundo movimento de globalização se situa mais precisamente entre o final do século XIX e o início do século XX, resultado da revolução industrial decorrente do desenvolvimento tecnológico. E, por fim, a terceira globalização se situa nos anos 1960, fruto da revolução econômica que iniciou um processo de enfraquecimento do Estado, que acabou, lentamente, por dar maior autonomia e poder às cidades. Essa terceira globalização, afirma Mongin (2009, p. 147), “não se caracteriza por uma articulação hierárquica e piramidal em termos de centro e periferia, mas por uma oscilação entre ilimitação e limitação”, ilimitação essa dos fluxos globalizados, e não mais dos lugares, dos espaços urbanos delimitados, sem limites geográficos.

Esse também é o ponto de partida dos estudos de Campos e Pitombo (2010, p. 35). Ao analisar a cidade contemporânea como crucial para a consolidação da esfera cultural, percebe-se que a configuração do urbano vem se modificando justamente em meio “aos intensos fluxos e refluxos socioculturais, políticos e econômicos engendrados pelo processo de globalização⁷”. Dentro dessa lógica de mudanças estruturais, talvez uma das mais definidoras da segunda metade do século XX seja a mudança para a lógica do consumo. Canclini (1995) vai mais além, revelando que o consumo passa a ditar valores de pertencimento, de cidadania e de representatividade. É interessante lembrar, entretanto, que já a partir da metade do século XIX uma série de pensadores passa a estudar a vida nos novos centros urbanos tendo como foco uma nova

⁷ Para Tolila (2007, p. 12), não se pode deixar de mencionar que a globalização é um fenômeno altamente contraditório: “pela competição que pressupõe e amplia, contribui para revitalizar a reflexão sobre a cultura de cada país como fenômeno simbólico distinto num universo de mercadorias padronizadas”.

perspectiva, qual seja, a da cultura de consumo, entre eles Simmel (1973), Park (1973) e Benjamin (2013).

Em comparação com a cidade antiga, lembra Park (1973), que era um lugar de refúgio para se proteger das guerras, a cidade moderna se volta para o comércio e, conseqüentemente, para a praça do mercado. Na cidade é onde o indivíduo irá encontrar, na diversidade de ocupações, sua vocação própria e assim desenvolver talentos específicos; muito mais do que uma mera aglomeração de pessoas, faz parte dos processos vitais desses indivíduos. São os usos e costumes que fazem dos artefatos da cidade (seus prédios, ruas etc.) uma cidade viva, o habitat do homem civilizado, e por isso uma “área cultural caracterizada pelo seu próprio tipo cultural peculiar” (PARK, 1973, p. 27).

Já Simmel (1973) em seu seminal ensaio “A metrópole e a vida mental” – publicado pela primeira vez em 1902 – aborda o embate entre as forças individuais e as forças externas da metrópole. Para o autor, é em oposição ao homem do campo que o homem da cidade melhor se define. Enquanto o primeiro segue um ritmo de vida no qual as imagens mentais fluem mais devagar, o segundo “reage com a cabeça, ao invés de com o coração”, preservando “a vida subjetiva contra o poder avassalador da vida metropolitana” (SIMMEL, 1973, p. 13). É justamente esse poder avassalador da cidade que o inquieta, esse excesso de estímulos exteriores e interiores, que o leva a um estado mental alterado.

Para Simmel, a cidade é o lugar da economia monetária, e, por consequência, o lugar onde tudo adquire valor de troca, reduzindo tudo e todos a uma única questão: “Quanto?”. Para viver em uma grande cidade, segundo o autor, os indivíduos precisam respeitar a pontualidade, saber trabalhar num lugar de agregação de pessoas e superar as longas distâncias, estrutura que para além de funcionar como uma grande engrenagem leva as relações a um alto grau de impessoalidade e indiferença, a uma atitude *blasé*: “Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa *blasé* porque agita os nervos até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir” (SIMMEL, 1973, p. 16). As mudanças (e a rapidez com que elas ocorrem) levariam a essa quase anulação de pensamento, que afetaria inclusive o poder de discernimento dos indivíduos sobre as coisas, fazendo tudo parecer o mesmo, anulando as preferências de um sobre o outro.

Para Simmel (1973, p. 23), “o desenvolvimento da cultura moderna é caracterizado pela preponderância do que se poderia chamar de o ‘espírito objetivo’

sobre o ‘espírito subjetivo’”. Segundo o autor, a cidade pode ser comparada a uma formação histórica na qual aquele indivíduo que carregava o ideal libertário do século XVIII agora se deparava com o território incerto da metrópole, o território da divisão do trabalho, dos interesses, e por isso lutava por distinguir-se dos demais. Para o pensador, a metrópole é justamente onde esse embate entre os papéis do homem na sociedade deve ter lugar.

Esse ritmo pulsante da cidade descrita por Simmel é hoje “onde se dá ao vivo a cultura” (CAMPOS; PITOMBO, 2010, p. 35). Ao analisar a cidade contemporânea, é preciso entender como esse processo foi construído e de que maneira o jornalismo como parte integrante da esfera cultural produz um entendimento sobre essa cidade-mercadoria.

Tétu (1997) destaca que desde a Revolução Francesa a nação era o espaço da comunicação territorializada, e que a imprensa – seja ela nacional, regional ou departamental – estava ligada diretamente aos domínios do Estado francês. A partir da década de 1980, a realidade francesa mudou em função de uma lei de descentralização. Entretanto, esse fenômeno localizado logo tomou proporções maiores de fortalecimento das cidades, bem como do alargamento territorial e da mudança das relações sociais nesses lugares. Para o autor, esse fato está ligado à explosão de uma sociedade de consumo.

Toda e qualquer definição de local, para Tétu (1997), deve levar em consideração três características principais: a proximidade, o pertencimento a um grupo social e a participação na coletividade. Esse raciocínio demonstra que o local, muito mais do que um território, agora pode ser definido como uma “noção de lugar de vida” (TÉTU, 1997, p. 435).

Seguindo adiante com seu raciocínio, o filósofo afirma que essa noção de lugar de vida é “*totalmente penetrado pela comunicação* [grifo nosso] em três campos: aquele do trabalho, aquele do acesso aos bens, aquele do modo de pertencimento à sociedade” (TÉTU, 1997, p. 436) e isso se dá da seguinte maneira: o trabalho se modificou em função das novas tecnologias de comunicação, que acabou criando novos ofícios, modificando até o local de trabalho. O do acesso aos bens se dá em relação à publicidade, que para além dos bens de consumo agora está por toda a cidade, financiando todo tipo de atividades, quais sejam o esporte, a cultura e até as ações humanitárias. Por último, o pertencimento, é um sentimento que é recorrentemente reforçado pelas campanhas eleitorais locais.

Tétu (1997) destaca ainda um comunicado do Conselho Econômico e Social francês intitulado “O desenvolvimento dos fenômenos de comunicação e a participação na vida local”. Apresentado em 1991, indicava que “o local está na moda”. Esta “moda”, afirma o autor,

resulta da conjunção de duas séries de fenômenos. Inicialmente, a emergência de toda uma série de atitudes novas em que segundo o caso, podem-se ver os traços de uma sociedade ‘pós-68’, o triunfo de uma sociedade de consumo, ou o nascimento de uma era pós-moderna (TÉTU, 1997, p. 433).

Vamos agora focar em uma de suas hipóteses, a do triunfo de uma sociedade de consumo.

3.2 A cultura de consumo

“Cultura” é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua, e ao termo que é por vezes considerado seu oposto – “natureza” – é comumente conferida a honra de ser o mais complexo de todos (EAGLETON, 2005, p. 9).

Na maioria das vezes que a cultura é problematizada, surge uma mesma dúvida inicial: de qual cultura afinal está se falando? Raymond Williams (2000) inicia a discussão de seu livro *Cultura* da mesma maneira. Primeiramente, cultura representava um *processo* [grifo nosso] (seja ele de plantio, de criação de animais ou mesmo cultivo da mente). Já no final do século XVIII, a cultura passou a designar o “‘espírito’ que informava o ‘modo de vida global’ de determinado povo” (WILLIAMS, 2000, p. 10). Desde então, “cultura” passou a acumular diversos significados, alternando entre a antropologia e a sociologia, do espírito formador e de uma ordem social global, respectivamente. Compartilhamos com o autor o significado de cultura inserido dentro de uma convergência contemporânea de um sistema de significações:

Assim, há certa convergência prática entre (i) os sentidos antropológico e sociológico de cultura como “modo de vida global” distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um “sistema de significações” bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em *todas* as formas de atividade social, e (ii) o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como “atividades artísticas e intelectuais”, embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as “práticas significativas” – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o

jornalismo [grifo nosso], moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso (WILLIAMS, 2000, p. 13).

Assim como Hall (1997), entendemos que a cultura está em cada um dos ângulos da vida social e, num processo que começou a se desenvolver ainda no século XX, tomou um lugar central na estrutura da vida moderna, tanto em relação ao desenvolvimento global como ao uso de seus recursos econômicos; as indústrias culturais, por sua vez, têm tido um papel de mediação fundamental em diversos processos relacionados à cultura.

Contudo, uma das grandes ameaças desse movimento transnacional é a uniformização dos gostos e padrões. Em função da rapidez das mudanças sociais, corre-se o risco de enveredar para a homogeneização cultural, de que o mundo transforme-se numa massa uniforme, de que a cultura global nada mais seja do que uma cultura homogênea e ocidentalizada:

A cultura global necessita da “diferença” para prosperar – mesmo que apenas para convertê-la em outro produto cultural para o mercado mundial (como, por exemplo, a cozinha étnica). É, portanto, mais provável que produza “simultaneamente” *novas* identificações (Hall, *ibid*) “globais” e *novas* identificações locais do que uma cultura global uniforme e homogênea (HALL, 1997, p. 19).

A revolução cultural e da informação está sendo responsável por mudanças em escala global, rompendo fronteiras e colocando em xeque conceitos do passado. Em função disso, Hall (1997, p. 20) proclama categoricamente: “a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança história do novo milênio”.

E essa revolução tem um alcance micro e macro. Assim como Tétu (1997), Hall (1997) também parte do princípio de que uma das mudanças mais bruscas e impactantes está se dando no campo das relações de trabalho: enquanto o trabalho na indústria decaí, o de serviços (e outros)⁸ cresce de maneira exponencial, com todas as mudanças de vida intrínsecas a essa modalidade. Outra transformação crucial advinda dessa revolução é a relativa às folgas e ao lazer: o que fazer com o tempo “livre”? Para Hall, essas seriam mudanças *das* culturas do cotidiano. Já as mudanças pela cultura envolvem

⁸ Campos e Pitombo (2010) destacam que as indústrias culturais e o turismo são as áreas que mais despontam a partir dessa mudança na dinâmica do trabalho.

o bombardeio dos aspectos mais rotineiros de nosso cotidiano por meio de mensagens, ordens, convites e seduções, a extensão das capacidades humanas, especialmente nas regiões desenvolvidas ou mais “ricas” do mundo, e as coisas práticas – comprar, olhar, gastar, poupar, escolher, socializar – realizadas à distância, “virtualmente”, através das novas tecnologias culturais do estilo de vida *soft*. A expressão “centralidade da cultura” indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, *mediando* tudo (HALL, 1997, p. 22).

Além de mediadora de todas as relações, a cultura também está adquirindo um papel central na “constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social” (HALL, 1997, p. 24). Para Canclini (1995), essa identidade passou a ser forjada pelo consumo. Questões como pertencimento, acesso à informação, representatividade estão sendo esclarecidas muito mais em função do consumo de bens e dos próprios meios de comunicação do que pelas tradicionais vias da política. De acordo com o autor,

consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos dos moralistas, ou atitudes individuais, tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado (CANCLINI, 1995, p. 53).

As próprias cidades passam a ser definidas mais pelo seu perfil de consumo do que pelos seus limites geográficos. E esses hábitos, por sua vez, criam novas relações entre os indivíduos e a própria informação em circulação.

Featherstone (1995) já antecipara esse fenômeno quando, ao estudar a pós-modernidade, detectou três tipos principais de mudanças nas práticas sociais: a primeira mudança é no modo de pensar do campo artístico-intelectual; a segunda, advinda de novos modelos de produção, de consumo e de circulação de bens simbólicos; em decorrência dessas mudanças nas práticas, o terceiro item se refere justamente a novos modos de afirmação de identidades. Esse rearranjo social trouxe a discussão sobre a cultura para o plano de frente dos debates. Para o autor, “a cultura nas sociedades ocidentais contemporâneas parece estar passando por uma sucessão de importantes transformações, que precisam ser examinadas em termos de processos intrassociais, intersociais e globais” (FEATHERSTONE, 1995, p. 30).

Quando se fala sobre cultura, observam Lipovetsky e Serroy (2011), ao “sacar” essa palavra, é como se houvesse um revólver apontado para o interlocutor, tamanha é a

polêmica e a miríade de significados que a ela podem ser atribuídos. Assim como o conceito de cidade está em plena transformação, o de cultura também. Em vez de significados estanques, “a cultura tornou-se um mundo cuja circunferência está em toda parte e o centro em parte alguma” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 8). Fazendo eco a Mongin (2009), os autores destacam que o conceito de cidadão do mundo deu lugar a um mundo sem as fronteiras dos capitais, no qual a cultura passa a ser um recurso econômico.

As transformações sociais, econômicas e comportamentais de que falávamos acima e sua relação com os desejos da sociedade não estão mais em sintonia com o conceito amplamente difundido de identidades nacionais. Canclini (1995) relembra que o modelo de nações que remonta aos séculos XIX e XX foi necessário para o crescimento das cidades e a aglomeração dos cidadãos. Dessa forma, fazia sentido uma cultura nacional baseada em bens de consumo produzidos em território nacional. O importado era sinônimo de um certo prestígio. Mas agora que basicamente consome-se todo tipo de produto pelo mundo houve uma dissociação do objeto com seu território: “A cultura é um processo de montagem multinacional, uma articulação flexível de partes, uma colagem de traços que qualquer cidadão de qualquer país, religião e ideologia pode ler e utilizar” (CANCLINI, 1995, p. 17). O exemplo que o autor traz é muito significativo em relação a esse processo, o do filme-mundo:

Acendo a minha televisão japonesa e o que vejo é um filme-mundo, produzido em Hollywood, dirigido por um cineasta polonês com assistentes franceses, atores e atrizes de dez nacionalidades e cenas filmadas nos quatro países que o financiaram (CANCLINI, 1995, p. 16).

Diante dessa realidade, inúmeros questionamentos vêm à tona. Há poucos anos, questões de mercado e de consumo estavam restritas ao campo da economia, enquanto a cultura era discutida pela sociologia e a comunicação estava a anos-luz de distância de ambas as discussões. Canclini (1995), por exemplo, propõe uma discussão em relação ao exercício de cidadania, baseado na prática daquilo que nos faz pertencer ao mundo, o consumo:

Para vincular o consumo com a cidadania, e vice-versa, é preciso desconstruir as concepções que julgam os comportamentos dos consumidores predominantemente irracionais e as que somente veem os cidadãos atuando em função da racionalidade dos princípios ideológicos. Com efeito costuma-se imaginar o consumo como o lugar do suntuoso e do supérfluo, onde os impulsos primários dos indivíduos poderiam alinhar-se com estudos de

mercado e táticas publicitárias. Por outro lado, reduz-se a cidadania a uma questão política, e se acredita que as pessoas votam e atuam em relação às questões públicas somente em função de suas convicções individuais e pela maneira como raciocinam nos confrontos de ideias (CANCLINI, 1995, p. 21).

A partir do consumo de bens, selecionamos então aquilo que consideramos importante, que nos define e ao mesmo tempo nos diferencia na sociedade.

Quando Meneses (1996, p. 89) se propõe discutir os usos e funções culturais, situa a cultura no universo do sentido, pertencente ao circuito social: “o domínio cultural, tudo isso diz respeito à produção, armazenamento, circulação, consumo, reciclagem, mobilização e descarte de *sentidos*, de *significações*. Por consequência, diz respeito, igualmente, aos *valores*”. E conclui que “a cultura é uma condição de produção e reprodução de valores”. Vamos discutir a seguir as quatro proposições que o autor levanta para discutir a cultura. Sua análise é voltada para o turismo, que veremos em breve ser um dos pilares do consumo de cultura e de atração das cidades.

Na sua primeira proposição, Meneses (1996) postula que a cultura é o universo da escolha. É aquilo que diferencia os humanos do restante das espécies. A opção, a seleção é um ato de mediação simbólica. Ao fazer escolhas, o ser humano produz e faz circular sentidos e valores.

Sua segunda proposição diz respeito ao fato de os valores culturais não serem espontâneos e sim decorrentes de uma ação social: “As seleções e opções feitas pelos indivíduos e grupos, para serem socializadas e se transformarem em padrões, necessitam de mecanismos de identificação, enculturação, aceitação” (MENESES, 1996, p. 92). Desse modo, o autor identifica que o universo cultural está inserido dentro de um quadro político; logo, é um elemento de poder e passível de conflito. O conflito, então, não só faz parte do campo da cultura como também pode ser considerado uma força propulsora.

Até este ponto o autor discutiu que a cultura, ao fazer parte do universo da escolha, faz parte também da circulação de sentidos e valores. Assim, seguindo esse raciocínio, sua terceira proposição está baseada no fato de o valor cultural ser resultante do jogo de relações sociais. Meneses (1996, p. 93) exemplifica a questão mostrando que os bens culturais são identificados a partir de um julgamento feito pela sociedade: “Os sentidos e valores não se confinam no universo mental. Para que tenham existência social, para que se traduzam em práticas, para que induzam a comportamentos, em síntese, para que se encarnem na materialidade da vida, eles precisam manifestar-se”. E

completa que o mais importante seria “desfetichizar o campo da cultura”, trazendo-o para a realidade dos circuitos de produção e consumo de valores.

Para finalizar seu raciocínio, chegamos ao ponto mais importante: a cultura não deve ser vista como supérfluo mas sim fazer parte do domínio da necessidade. Para o autor, a cultura não deve ser vista como um segmento. Ela deveria fazer parte da vida social como um todo, em diversas instâncias:

Esta visão concentradora e espasmódica da cultura está consubstancializada, por exemplo, nos centros de cultura. O próprio termo *centro* introduz como necessária a ideia de periferia. Privilegiar o centro é se descompromissar com o que não é central. É hierarquizar os espaços da vida social e qualificá-los de forma discriminatória (MENESES, 1996, p. 95).

A cultura, inserida nessa dimensão da vida social, passou a ser vista por uma série de agentes – além do próprio Estado – como uma possibilidade de novas ações e projetos. Um desses enfoques engloba a cultura dentro dos fluxos econômicos. Preterida pelos agentes culturais e pelos próprios teóricos da ciência econômica, a economia da cultura vem ganhando espaço a partir do momento que se percebeu que a cultura pode ser uma fonte geradora de empregos, renda, desenvolvimento econômico e turístico e promover o fluxo de pessoas e conhecimento, além de impulsionar as indústrias culturais. É pontual observar que nosso estudo está focado no caráter do jornalismo como um lugar privilegiado de mediação, cumprindo uma função de intermediário dentro de um mercado de incertezas, traduzindo a lógica da oferta da economia da cultura (GOLIN; CARDOSO, 2010).

3.3 O enfoque econômico da cultura

Os estudos sobre a economia do setor cultural são relativamente recentes, remontando a aproximadamente meio século (TOLILA, 2007⁹). Pensadores clássicos da economia como Adam Smith ou David Ricardo fizeram apenas pequenas reflexões a respeito; para eles os gastos com atividades culturais não poderiam ser contabilizados nas riquezas das nações, pois configuravam atividades de lazer:

⁹ É com curiosidade (mas sem surpresa) que observamos o subtítulo do livro de Paul Tolila: *Cultura e economia: problemas, hipóteses e pistas*. O fato de os problemas estarem na frente das hipóteses e das pistas nos passa uma ideia sobre o terreno arenoso no qual estamos pisando.

foi preciso esperar transformações sociológicas massivas (aumento do tempo livre e do lazer, crescimentos dos gastos consagrados à cultura pelos diferentes atores econômicos) por volta do fim do século XIX e, sobretudo, no século XX, para que a cultura, entrando nas normas de consumos correntes, merecesse a atenção dos economistas (TOLILA, 2007, p. 26).

Um dos trabalhos fundadores da área é *Performing Arts: The Economic Dilemma* (1966), de William Baumol e William Bowen, com seu estudo sobre o espetáculo ao vivo e a necessidade das subvenções públicas. O texto nasceu a partir das reivindicações dos profissionais do setor cultural, que tinham que lidar com uma realidade de restrições orçamentárias. A partir daí outros trabalhos começaram a focar a economia da cultura, possibilitando novas linhas de pesquisa. O reconhecimento institucional foi respaldado pelo trabalho que David Throsby publicou em 1994 no *Journal of Economic Literature*, “The Production and Consumption of the Arts: A View of Cultural Economics” (BENHAMOU, 2007). Por fim, a teoria econômica padrão teve que se adaptar para absorver o enfoque da cultura: “focada desde a origem na análise dos bens homogêneos em situação de informação perfeita, tenta progressivamente integrar o estudo de produtos diferenciados em situação de incerteza” (TOLILA, 2007, p. 28).

A economia da cultura consolidou-se e obteve reconhecimento a partir de três questões fundamentais (BENHAMOU, 2007):

- 1) o setor cultural passou a ser reconhecido como um gerador de renda e de empregos;
- 2) as decisões sobre o campo cultural passaram a ocupar um lugar de destaque na política¹⁰;
- 3) a economia acabou se abrindo para novos campos de estudo.

A autora observa ainda que a economia da cultura simplesmente deixou de lado por muito tempo as indústrias culturais, e a economia dos meios de comunicação, na qual se incluem a imprensa escrita, o rádio e a televisão, foi por muito tempo considerada separadamente por ter modos de consumo e de distribuição muito particulares – e seus produtos, considerados efêmeros. Já hoje a situação é diferente, sendo os meios de comunicação considerados muito mais próximos das indústrias ditas “tradicionais”. A

¹⁰ Yúdice (2004) conta que em um encontro internacional da Unesco (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), uma funcionária primeiramente reclamou do fato de a cultura ser colocada em pauta para resolver problemas que anteriormente eram da alçada política e econômica. Por outro lado, para conseguir investimentos na área da cultural, essa mesma funcionária diz invocar o fato inequívoco de que a cultura é responsável por promover o desenvolvimento econômico.

autora cita como exemplos dessa aproximação os grupos multimídia e as novas tecnologias, que estão mudando as formas de comunicação como um todo.

Uma discussão sobre cultura – seja ela sobre artes plásticas, música ou artes cênicas – passa indiscutivelmente pela questão da ponderação sobre o valor dos bens ofertados. Throsby (2001) assinala que a determinação do valor está inserida dentro de um contexto social e que não é possível simplesmente analisá-lo utilizando-se de mecanismos de medição econômicos já existentes devido à singularidade que o produto cultural assume. Benhamou (2007) confirma essa tendência, completando que a análise econômica tende a ser receosa quando o consumo – no caso, de bens culturais – pode ser explicado majoritariamente por questões sociológicas do que devido a comportamentos típicos da economia.

Para a autora, o consumo cultural muitas vezes subverte o padrão de que o consumidor faz escolhas racionais, de que seus gostos se mantêm ao longo do tempo e de que a restrição de renda é determinante. A hipótese econômica, segundo Benhamou (2007, p. 29), postula que a “utilidade, isto é, a satisfação que obtém com seu consumo, decresce proporcionalmente ao aumento desse consumo”. No entanto, o consumo cultural – excetuando os casos em que se trata de consumos isolados, como o citado por Grampp (apud BENHAMOU, 2007, p. 29) no que se refere ao tempo em que se passa diante de uma obra (que vai diminuindo conforme a visita passa) – tende a aumentar a utilidade, sofisticando os gostos. Isso, de acordo com a autora, está ligado ao crescimento do estoque de capital humano, que aumentará o custo de oportunidade do tempo destinado à cultura.

Tolila (2007) explica ainda que os bens culturais fogem à classificação econômica padrão. Enquanto uma mercadoria-tipo pode ser medida pela “qualidade do bem”, ou seja, pode passar por medições objetivas, reconhecidas pelos indivíduos, de maneira que sejam mensuráveis, os bens culturais, por sua vez, estão sujeitos a uma análise subjetiva.

Throsby (2001) mostra as seguintes características do valor cultural: estético, espiritual, social, histórico, simbólico e de autenticidade. O autor inclusive traça um pequeno esquema na tentativa de medir aspectos do valor cultural. Porém, na sua opinião, mesmo que a análise seja detalhada, há certos valores que talvez não possam ser quantificados devido à “natureza plural dos próprios fenômenos” (2001, p. 45), que Frey (2000, p. 17) chama de “aspectos psicológicos”. Ana Carla Fonseca Reis (2007), em entrevista à revista do SESC SP, afirma que:

Ao contrário de todos os outros produtos e serviços da economia, os culturais engendram dois fluxos paralelos: um econômico (referente ao que é produzido, distribuído e consumido) e um simbólico (que diz respeito à transmissão de valores, mensagens, símbolos de uma sociedade), aspectos que seguem paralelamente e em harmonia (REIS, 2007)¹¹.

Para Throsby (2001), o valor econômico deve ser analisado separadamente do valor cultural, uma vez que a concepção neoclássica da teoria econômica não é suficiente para compreender como se formam as preferências de um indivíduo, já que elas podem ser resultado de influências externas aliadas a costumes e crenças que acompanham o indivíduo por gerações. Por essa razão, o valor cultural não poderia ser aferido pela disposição de pagar dos indivíduos, pois em alguns casos o valor cultural é incomensurável.

Frey (2000, p. 17) também põe a teoria neoclássica à prova. Para ele, seria importante ir um pouco além da rigidez da teoria e aceitar a existência de “anomalias do comportamento”, que invalidam a análise da eleição racional, ou seja, não maximizam a utilidade aguardada. Já Throsby (2001) se refere ao consumidor de cultura como um indivíduo para o qual o gosto é acumulativo e essa concentração se propõe a satisfazer o consumo no momento presente e também favorece um consumo no futuro.

O enfoque econômico da cultura definitivamente deixou de ser um inimigo, como afirma Tolila (2007). O autor dá como exemplo os Estados Unidos, que desde os anos 1990 têm os produtos culturais no topo das exportações. Essa mudança de mentalidade foi gradual. Yúdice (2004), por sua vez, aponta que as indústrias da cultura de massa são atualmente responsáveis pela maior contribuição para o Produto Nacional Bruto (PNB) e propõe encarar a cultura, como é caro ao nosso tempo, como uma cultura de globalização acelerada, como um recurso. Em sua própria definição,

a cultura como recurso é muito mais do que uma mercadoria; ela é o eixo de uma nova estrutura epistêmica na qual a ideologia e aquilo que Foucault denominou sociedade disciplinar (isto é, a imposição de normas a instituições como a educacional, a médica, a psiquiátrica etc.) são absorvidas por uma racionalidade econômica ou ecológica, de tal forma que o gerenciamento, a conservação, o acesso, a distribuição e o investimento – em “cultura” e seus resultados – tornam-se prioritários (YÚDICE, 2004, p. 13).

¹¹ Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?edicao_id=274&Artigo_ID=4283&IDCategoria=4872&reftype=2>. Acesso em: 20 jan. 2012.

A mudança no perfil da acumulação do capital, de um incremento dos fluxos de pessoas e informação, da cultura como mercadoria, fez surgir um novo produto, a própria cidade (ARANTES, 2002, p. 60): “Como a própria terminologia corrente já indica, estamos diante de políticas de *image-making*, ou seja, *business-oriented*”. Estamos falando da cidade-mercadoria, cidade-evento, da cidade como o lugar do serviço, do consumo e da distinção e é sobre ela que vamos focar nossas atenções.

3.4 As cidades como centro da transformação da cultura em recurso: o caso de São Paulo

Martins (2001), em seu já citado estudo sobre as práticas e os hábitos culturais do tempo da República, ao lembrar como São Paulo era celebrada como a capital do progresso pela imprensa da época, destaca que havia três tipos de abordagem: a da cidade-mercadoria, cidade vista nos cartões-postais, a artística e a política, palco de um amplo projeto nacional. A imprensa da época veiculava uma imagem de São Paulo como uma cidade próspera, onde o capital industrial circulava, uma república de bacharéis.

O lançamento da revista *A Cidade de São Paulo*, semanário republicano e científico, em 1905, sinalizava a carga de referência de seu próprio topônimo. Balizava, igualmente, a transformação da Capital em temática recorrente nas inúmeras revistas então criadas: *Álbum Paulista*, 1904, *Vida Paulista*, 1905, *São Paulo Magazine*, 1906, *O Criador Paulista*, 1906, *Ilustração Paulista*, 1910, *Semana Paulista*, 1910, *O Paulista*, 1914, *Ilustração de São Paulo*, 1916, *São Paulo Ilustrado*, 1919, *Terra Paulista*, 1920 (MARTINS, 2001, p. 486).

Esta postura de enaltecimento da cidade como capital do progresso, tanto para seus moradores como para os estrangeiros, se refletia enormemente nas publicações da época, que, a despeito do caos urbano, vendiam uma imagem de cidade estimulante, de frenéticas obras, exaltando a instalação e expansão do telefone, do esgoto, da luz elétrica, entre outros (MARTINS, 2001).

São Paulo é considerada hoje uma das doze capitais culturais do mundo e é a única representante da América Latina, segundo o World Cities Culture Report¹², maior

¹² É possível ter acesso ao estudo completo aqui: <<http://www.worldcitiesculturereport.com/>>. Acesso em: 2 nov. 2012.

estudo sobre a relação cultura-cidade da atualidade (MENEZES, 2012)¹³. A pesquisa, encomendada pela prefeitura de Londres, traça o perfil da cultura a partir da análise de sessenta indicadores dos mais diversos mercados, da literatura até games. O estudo considera que atualmente as cidades estão competindo não mais com seus vizinhos, mas sim com cidades de outras partes do mundo e estabelece duas categorias: aquelas que historicamente já têm forte investimento em cultura, como Londres, Nova York e Paris, que já veem a cultura como parte vital da economia, investem nas indústrias criativas e movimentam um grande número de empregos, exportações; e as mais novas, das quais fazem parte as economias emergentes, como Xangai, Istambul e São Paulo, que estão trabalhando para atrair talentos e investimentos, acreditando que a cultura vai ser determinante no sucesso econômico. Em relação ao protagonismo da cultura, a especialista em economia criativa Lidia Goldenstein afirma que ainda há muito o que melhorar em São Paulo, principalmente em relação à infraestrutura:

É a política industrial deste século. O setor mais importante na geração de emprego e renda na sociedade moderna. Estamos muito atrasados na compreensão do que esses setores da economia criativa representam no mundo hoje. Aqui, isso ainda é visto como algo circunscrito à cultura ou às políticas de inclusão social. Muito diferente dos países que estão levando a sério, entre eles a Inglaterra e a China, que colocou o tema no seu plano quinquenal. Esse é um tema de campanha, era o que devia estar sendo discutido, porque é isso que vai definir o futuro da cidade (MENEZES, 2012, p. 6-7).

Na época da reportagem, o então secretário municipal de cultura de São Paulo, Carlos Augusto Calil, reconheceu que a cultura simplesmente não é levada a sério o suficiente e sequer é incluída no planejamento da pasta. Já para o diretor da empresa britânica que realizou o levantamento, Paul Owens, o grande problema de São Paulo é a carência de infraestrutura, uma vez que há uma demanda muito maior do que a oferta: “Infraestrutura é o meio de expor essa criatividade. Se ela não existe, as pessoas terão que achar outras formas de exibir seu potencial. Mas isso não significa que criatividade seja mais importante do que a estrutura” (MENEZES, 2012, p. 7).

Owens trouxe um elemento novo para nossa discussão, o da criatividade. Landry (2009) destaca que se hoje em dia é possível falar em um movimento de cidades criativas é porque nos anos 1980 os membros dos setores artísticos começaram a lançar luz sobre o viés econômico de suas atividades. Esse movimento teve origem nos

¹³ As outras são: Londres, Paris, Berlim, Nova York, Tóquio, Istambul, Johannesburgo, Xangai, Sydney, Cingapura e Mumbai.

Estados Unidos e depois migrou para o Reino Unido, para a Austrália, e, posteriormente, nos anos 1990, para a Europa e o restante do mundo. Inicialmente o conceito estava ligado a uma ideia de que a cidade criativa seria aquela em que a classe artística – e criativa – tinha um papel estratégico. Para o autor, o conceito vai bem mais além das indústrias criativas: “os outros setores [...] não irão se desenvolver a não ser que a administração pública seja inventiva, que haja inovações nas áreas sociais, criatividade em áreas como a saúde ou o serviço social ou mesmo na política e na governança” (LANDRY, 2009, p. 10). O arquiteto britânico também alerta para o possível esvaziamento do termo “cidade criativa”. Para que ele não vire um slogan, é necessário colocar em prática mudanças estruturais – entendendo estruturais como também mudanças de mentalidade.

Ana Carla Fonseca Reis (2011), em sua tese de doutorado, se propõe a trabalhar a cidade criativa como um conceito ainda em formação e testar sua aplicabilidade à cidade de São Paulo. A autora destaca que, em 1998, no governo trabalhista de Tony Blair, foi colocado em prática um programa de desenvolvimento que tinha como ponto focal a criatividade e que deveria congrega a maioria das pastas do governo britânico com o objetivo de recolocar o Reino Unido num patamar competitivo frente às outras potências econômicas mundiais.

Para Reis (2011), a transformação de uma cidade por meio de sua criatividade pode ser vista como um processo trifásico: num primeiro momento, a criatividade está esparsa e não há uma instância integradora entre as diversas iniciativas. Seria como um arquipélago, sem ligação entre as ilhas. Num segundo momento, a criatividade, a partir de iniciativas de organização que podem partir tanto da sociedade civil como do governo, passa a ser gerenciada em conjunto com a cidade, e seus habitantes começam a perceber essas mudanças. A terceira seria a fase de consolidação, quando a criatividade: “em toda a cidade, seria permanentemente fomentada por uma governança compartilhada entre os agentes da cidade (público, privado, academia, sociedade civil), tornando-se algo incutido na trama urbana e alheio às reviravoltas políticas [...]” (REIS, 2011, p. 56).

Por último, gostaríamos de destacar a leitura da pesquisadora sobre os diversos papéis da cultura na cidade criativa:

- *simbólico*, como amálgama identitário, de cidadania e coesão social;

- *econômico*, como conjunto de setores com impacto econômico direto e com impacto econômico indireto, agregando valor a setores tradicionais da economia (e.g. moda e têxtil; arquitetura e construção civil; design e setor moveleiro);

- *turístico*, como fator de atração – por consequência do que se desenvolve na cidade e não como sua causa;

- *urbano*, como elemento fundamental à formação de um ambiente criativo, aberto a novas ideias e conexões intraurbanas, desencadeador de inovações, livre pensar e preocupação com a sustentabilidade urbana (REIS, 2011, p. 57).

Acrescentaríamos ainda à lista a cultura como um “modo de comunicar a cidade” (PIO, 2005, p. 88), num processo de valorização da urbe tanto para seus habitantes, como para os turistas e também para os possíveis investidores. O autor cita que não chega a ser uma surpresa que essas novas prerrogativas para a cidade e principalmente a ideia de mercantilização da imagem urbana estejam cada vez mais pautadas pela imprensa, seja na busca de soluções para os inúmeros problemas da cidade, seja remetendo à sua história e a seus personagens ou mesmo apontando suas falhas.

Neste contexto, surgem novas percepções a respeito do espaço público e dos produtos culturais, produzido especialmente pelas redes de comunicação e informação, que desempenha papel significativo neste processo de educação do morador das grandes cidades. Pelo seu caráter interpretativo e reflexivo, o jornalismo cultural pode ser visto, então, como um produtor privilegiado de sentidos e representações vinculadas ao imaginário contemporâneo, e que especificam critérios a partir dos quais a memória e cultura urbana serão interpretados e utilizados (PIO, 2005, p. 88-89).

Esse novo cenário para a cidade contemporânea acaba produzindo um reordenamento “pelos vínculos telemáticos e eletrônicos”, e o jornalismo cultural, por sua vez, passa a desempenhar um papel crucial na orientação dos indivíduos nos fluxos dessa cidade.

3.4.1 A megalópole São Paulo em números

Para caracterizar uma megalópole são necessários mais de 10 milhões de habitantes. De acordo com o último censo, São Paulo, tem 11.253.503 de habitantes¹⁴. A ONU projeta que em 2025 – daqui a doze anos – a cidade seja uma megalópole de

¹⁴ Censo 2012. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 1 mar. 2013.

mais de 23 milhões de habitantes (VIEIRA, 2012). O principal problema que se vislumbra – na verdade, ele já está presente, pois atualmente 33% dos habitantes de São Paulo já gastam mais de três horas/dia no trânsito e 19%, mais de quatro – é o da mobilidade (VIEIRA, 2012). Na opinião de Carlos Leite, professor da Universidade Mackenzie e consultor em cidades sustentáveis,

é possível promover o crescimento ordenado ligado a um plano eficiente de mobilidade sustentável e gerar bairros mais compactos e sustentáveis. A atual administração perdeu a oportunidade de realizar isso desde o início, mas ainda pode começar através das novas operações urbanas (VIEIRA, 2012, p. 71).

Não se pode afirmar com precisão quantos bairros a cidade de São Paulo tem. Os 96 distritos em que a cidade é dividida se subdividem em um número aproximado de 2.500 bairros – uma média de 26 por distrito –, segundo dados informais da prefeitura, uma vez que não há legislação que regule a organização de um bairro¹⁵. Essa divisão em 96 distritos é recente, remontando ao governo Erundina, no final da década de 1980. A responsável por essa divisão foi a professora da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) Aldaiza Sposati, que esclarece que a divisão da cidade seguiu a lógica administrativa de Portugal, com suas chamadas freguesias (DNA Paulistano, 2012).

A seguir vamos mostrar alguns dados que refletem a São Paulo de hoje em números. O jornal *Folha de S.Paulo*, baseado em pesquisa do instituto Datafolha, realizou o especial DNA Paulistano em 2012, mostrando um perfil atualizado da cidade e como ela é vista pelos seus cidadãos. Alguns dos resultados mais interessantes mostram que a cidade está “mais rica, estudiosa e conectada”:

- 1) Pessoas que concluíram o ensino superior: o índice subiu de 16% para 20%.
- 2) Pessoas que pertencem à classe B: houve um crescimento de 33% para 38% (a classe A se manteve com 5%). Já a classe C foi de 53% para 50%, a D foi de 8% para 7% e a E foi de 1% para 0%. O percentual de desempregados caiu de 14% para 9%.
- 3) Pessoas conectados à internet: houve um aumento de 51% para 59%.

¹⁵ Pesquisa Datafolha de 2012, o “DNA Paulistano”, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2012/dnapaulistano/>>. Acesso em: 2 nov. 2012.

Já em relação à percepção dos seus moradores, dos 96 distritos apenas 8 foram classificados com médias superiores à mesma pesquisa realizada em 2008. Por outro lado, 22 foram classificados com notas piores do que na pesquisa anterior e 66 continuam estáveis:

Ao se observar no mapa da cidade os distritos que pioraram nos últimos anos, percebem-se duas grandes manchas. Uma é localizada no extremo leste e configura uma faixa que corta a região no meio e reúne Ermelino Matarazzo, São Miguel Paulista, Itaquera, Parque do Carmo, José Bonifácio, Cidade Tiradentes e Iguatemi.

A outra mancha de involução começa no extremo norte, nos bairros de Tremembé e Mandaqui, desce por Vila Medeiros e Vila Maria, contempla Tatuapé e Água Rasa, na zona leste, contorna o centro pela Mooca, Belém e Liberdade, passa pelo Jardim Paulista, na zona sul, e chega à zona oeste por Pinheiros e Alto de Pinheiros (DNA PAULISTANO, 2012).

Uma das razões para essa situação é a discrepância de serviços públicos e privados oferecidos nas diversas regiões da cidade. Já a melhora de desempenho dos bairros Sapopemba e Jardim São Luís, situados, respectivamente, nas zonas leste e sul, se deve muito mais a mudanças comunitárias e culturais do que estruturais.

No site oficial de turismo da cidade de São Paulo é possível ter acesso a alguns desses dados estruturais, como, por exemplo, os equipamentos culturais:

Tabela 1 – Cultura e lazer em São Paulo

Teatros	160
Museus	110
Cinemas	55
Salas de cinema	260
Centros culturais	40
Salas para shows e concertos	294
Parques e áreas verdes	64
Estádios de futebol	7
Autódromos internacionais	1

Fonte: Site oficial de turismo da cidade de São Paulo. Acesso em: 2 mar. 2013.

Entre os locais mais visitados por turistas em São Paulo destacam-se os museus com 83% de visitação, seguidos pelos parques e áreas naturais, visitados por 81% dos turistas. É oportuno observar que anualmente a cidade recebe um número da ordem de 11 milhões de visitantes (praticamente o número dos seus habitantes), sendo que, em 2010, 56,1% foram à cidade para fazer negócios. Já 22,4% foram para participar de eventos e 10,9% a lazer. Os outros visitantes se dividiram entre tratamentos de saúde, cursos, entre outros.¹⁶

São Paulo também é conhecida como a capital sul-americana de feiras de negócios, realizando um total de 90 mil eventos por ano e movimentando R\$ 2,9 bilhões de receita/ano, R\$ 700 milhões em serviços. Na tabela abaixo é possível verificar alguns dos eventos em termos de faturamento:

Tabela 2 – Grandes eventos em São Paulo

Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1	R\$ 230 milhões
Parada GLBT (maior do mundo)	R\$ 189 milhões
Fórmula Indy	R\$ 126 milhões
Salão do Automóvel	R\$ 125,5 milhões
Bienal de São Paulo (de Artes)	R\$ 120 milhões
Bienal do Livro	R\$ 91,7 milhões
Virada Cultural	R\$ 90 milhões
Couromoda	R\$ 78,6 milhões
Salão Duas Rodas	R\$ 60 milhões
Réveillon na Paulista	R\$ 50 milhões

¹⁶ Os dados, porém, não são absolutos. Hoje já se sabe que esse turista de negócios também usufrui dos equipamentos culturais da cidade. Ou seja, uma boa parte do fluxo de turismo de negócios aproveita que está na cidade para consumir – entre outras coisas, cultura.

Carnaval	R\$ 45 milhões
Mostra Internacional de Cinema	R\$ 31,5 milhões
Adventure Sports Fair	R\$ 20,4 milhões
SP Fashion Week	R\$ 15 milhões

Fonte: Site oficial de turismo da cidade de São Paulo.

O peso econômico de São Paulo em relação ao restante do país é inegável: é sede de 38% das 100 maiores empresas privadas de capital nacional e de 63% dos grupos internacionais instalados no Brasil, além de abrigar 17 dos 20 maiores bancos e 8 das 10 maiores corretoras de valores e ser sede da BOVESPA – a maior bolsa de valores da América do Sul.

Atualmente, São Paulo está desenvolvendo uma campanha para sediar a Expo 2020¹⁷, exposição mundial que é uma referência na área das artes e da educação, bem como do turismo e do comércio para discutir “projetos de inovação e cooperação, habilidades, novas políticas sociais e econômicas, programas de combate às mudanças climáticas e políticas ambientais, novos sistemas de produção e distribuição de energia e novos projetos de infraestrutura” (EXPO 2020, 2012)¹⁸.

Com o tema “Força da diversidade, harmonia para o crescimento”, a prefeitura já criou diversas campanhas na internet fazendo uso de vídeos com o intuito de “vender” a cidade¹⁹. Aqui São Paulo é o legítimo exemplo da cidade-evento, mostrando como tem capacidade para sediar um encontro de tanto peso:

O local da São Paulo EXPO está projetado para ser um polo de atração para futuras feiras e eventos na América Latina. O evento será realizado no Centro de Convenções e Exposições de Pirituba, localizado na região noroeste de São Paulo.

O local compreenderá uma área de mais de cinco milhões de metros quadrados, equivalente a quatro vezes o tamanho do Anhembi, atualmente o maior centro de exposições da cidade.

O novo centro de exposições fortalecerá o importante mercado e a posição de São Paulo como novo destino global: atualmente a cidade abriga 75% de todos os eventos e feiras setoriais realizadas no Brasil e ocupa a 12ª posição mundial em eventos internacionais.

¹⁷ É possível conferir aqui a campanha: <<http://www.saopauloexpo2020.com.br/pt>>. Acesso em: 10 out. 2012.

¹⁸ Documento eletrônico.

¹⁹ Este é o mais completo deles: <<http://www.youtube.com/watch?v=uu5h4OwCHh0>>. Acesso em: 10 out. 2012.

A São Paulo EXPO também compreenderá um centro de conferências, uma área de exposições, um shopping center, hotéis, instalações e serviços. O acesso será facilitado por sua proximidade com grandes conexões de transporte, como a Rodovia Bandeirantes, o Rodoanel, as Marginais Pinheiros e Tietê. Uma nova linha de metrô será construída e uma nova estação será incorporada à linha 7 (EXPO 2020, 2012).

Essa é a São Paulo que iremos analisar a partir dos critérios expostos no capítulo seguinte. Pensar a cidade de São Paulo a partir do jornalismo cultural recaiu na escolha do Caderno 2 do *Estadão*, caderno de cultura de *O Estado de S. Paulo*, o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação. Acreditamos que a observação desse objeto nos possibilitará avançar na discussão que permeia o jornalismo cultural e o espaço urbano, em busca de um maior conhecimento sobre essas duas realidades.

4 A SELEÇÃO DA SEMANA: OBJETO, MÉTODO E ANÁLISE

4.1 O jornal

Resumindo, o fato é que a formação de um grande centro urbano, como São Paulo, neste setor do país, determinou nele transformações de vulto que já se fazem sentir nitidamente e que, com o tempo, se tornarão cada vez maiores. Já se torna impossível compreender esta região brasileira onde se situa, e explicar os fatos mais salientes de sua vida econômica e mesmo social, para não dizer política, sem levar em conta a presença aí desta concentração demográfica imensa que é a cidade. Transformações que dizem respeito à própria estrutura orgânica do país, pois elas trazem um tom de vida completamente novo, que o Brasil não conheceu ainda no passado, e desconhece ainda na maior parte do seu território (PRADO JÚNIOR, 1989, p. 90-91).

Abrimos o capítulo com esta citação de Caio Prado Júnior do livro *A cidade de São Paulo*, um excerto de *Evolução política do Brasil e outros estudos*, publicado pela primeira vez em 1933, mesmo período no qual foram lançadas obras também emblemáticas que observavam à época o advento da modernidade no Brasil e faziam projeções para os próximos anos e décadas. Prado Júnior (1989, p. 61) observa pelo menos dois fatores de peso para compreender a cidade de São Paulo: aqueles que ele denomina como internos, quais sejam, a localização privilegiada “no centro natural e ponto de convergência de uma grande região altamente favorável ao desenvolvimento e progresso do homem”, e os gerais, como a leva de imigrantes que povoou a cidade de “elemento humano”, promovendo o desenvolvimento e transformando a região num polo cosmopolita.

No início do século XIX, São Paulo vivia um período de expansão econômica baseada na produção do açúcar e do café. O escoamento pelas ferrovias permite que ela logo adquira o caráter de centro econômico, explore novas regiões e ao mesmo tempo atraia os setores de maior concentração de dinheiro, como grandes fazendeiros e proprietários, que agora poderiam ir e vir com mais facilidade. Posteriormente, a capital também vai atrair as grandes indústrias e consolidar um parque industrial, um passo para a hegemonia econômica do país.

Fundado em 1875, *O Estado de S. Paulo* é o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação. Quando da sua fundação – nessa época chamava-se *A Província de S. Paulo* – o jornal, em formato standard, circulava numa cidade pulsante e

em desenvolvimento. Fundado sob um ideário republicano, sua tiragem inicial era de 2 mil exemplares, num município de cerca de 20 mil habitantes (SEVERIANO, 2012). O desenvolvimento da cidade propiciaria a difusão de uma imprensa diária: além do *Província*, já estavam em circulação o *Correio Paulistano* (1854) e o *Diário de São Paulo* (1864), aos quais logo se juntariam *O Diário Popular* (1884) e *A Plateia* (1888).

Gadini (2009, p. 147) destaca que a São Paulo do final do século XIX poderia ser utilizada para compreender o Brasil como um todo: o aumento das pessoas letradas, a expansão da circulação de periódicos e materiais impressos em geral e o desenvolvimento de um setor de artes gráficas, ou seja, a produção cultural como um todo vai impulsionar o “novo ritmo da urbanidade brasileira, na virada do século XIX”.

À época do surgimento de *A Província*, São Paulo já dispunha de cinco ferrovias. Pensando a cidade em termos territoriais,

a futura metrópole não tem mais de 4.000 casas que se esparramam para leste até a Liberdade, então Largo da Força; à esquerda do mapa, rumo norte, o casario termina antes da Estação da Luz; do outro lado, não vai além do Largo da Memória, ‘pois para diante era a chácara do Bixiga, com seu pouso de tropeiros’; e, subindo a Rua da Palha, mais tarde Sete de Abril, chega-se ao fim uns 500 metros adiante, no Campo dos Curros, futura Praça da República (SEVERIANO, 2012, p. 21).

As ferrovias – herança do período cafeeiro – tiveram papel decisivo no processo de urbanização, facilitando a expansão do comércio e posteriormente da indústria. Quinze anos depois da fundação, a tiragem já está em 8 mil exemplares. É dessa mesma época a mudança de nome do jornal, atrelada à Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, pelo marechal Deodoro da Fonseca. Com a extinção das províncias, o jornal segue a nova nomenclatura da divisão territorial das unidades do país e passa a se chamar *O Estado de S. Paulo*. A aquisição de uma nova máquina faz com que a tiragem pule para 18 mil exemplares, em plena campanha de Canudos. As reportagens durante o acontecimento ficaram a cargo de Euclides da Cunha.

“Pauliceia”, “Capital Artística” e “Cidade do Progresso”: assim era vista a São Paulo do início do século XX pelas revistas da época, a cidade em toda sua pujança, como um “palco, abrindo-se para viver seu projeto de Ordem e Progresso” (MARTINS, 2001). O que estava à venda era a imagem de uma cidade-mercadoria, em pleno desenvolvimento e com múltiplas oportunidades. A autora, no seu acurado estudo sobre as revistas brasileiras entre as décadas de 1890 e 1920, lembra que o ritmo de crescimento da cidade e da construção de imóveis se encaixava perfeitamente na pauta

da reportagem da época. Além dos textos ufanistas, a fotografia também cumpriu papel relevante ao reforçar a ideia de urbanidade juntamente com a ideia sanitária de uma cidade livre de doenças e da desordem, exaltando a força da indústria e a florescente modernidade.

Na virada para o século XX, São Paulo já contava com mais de 200 mil moradores, e a tiragem do jornal passaria para 35 mil exemplares na primeira década. Em 1902, Júlio Mesquita – família que mantém o controle até os dias de hoje –, genro de um dos fundadores, torna-se o proprietário único do jornal. Em 1905, o *Estadão* passa a funcionar no edifício Martinico Prado, na praça Antônio Prado. “O endereço comercial mais elegante da cidade [...], com quatro andares e elevador” (MARTINS, 2011, p. 481). É interessante observar que a austeridade da capital paulista contrastava com o cosmopolitismo carioca.

No ano de 1930, São Paulo já conta com cerca de 888 mil habitantes e o jornal alcança a marca de 100 mil exemplares, mesmo ano em que apoia a candidatura presidencial de Getúlio Vargas. Em 1932, *O Estado de S. Paulo*, aliado com o Partido Democrático, forma uma aliança para articular a Revolução Constitucionalista. Os jornalistas Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita acabam, assim, presos pelo governo getulista e, posteriormente, expatriados para Lisboa, só retornando ao país um ano depois, anistiados.

O período também seria marcado pelo lançamento de um suplemento dominical dedicado à rotogravura, dando espaço privilegiado para as ilustrações fotográficas. O *Estadão*, na figura de Júlio de Mesquita Filho, se envolveu numa campanha pela criação da USP, que acabou sendo inaugurada em 1934 e ajudou no fortalecimento de setores letrados que passariam a consumir informação e cultura (GADINI, 2009).

Em 25 de março de 1940, numa São Paulo de 1 milhão e 300 mil habitantes, tropas do governo getulista invadem a redação em função de denúncias sobre uma conspiração armada. Até hoje há polêmica em relação ao fato que levou o jornal a ser gerido pelo governo até 1945, quando Getúlio Vargas é deposto e Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita reassumem seus postos no jornal.

A década de 1950 é marcada pela diversificação do grupo, com a inauguração da Rádio Eldorado, e por grandes transformações na imprensa brasileira. Gadini (2009, p. 159) reproduz um depoimento de Mino Carta sobre o período: “o ponto inicial dos [últimos] 50 anos é a reforma do *Estadão*. O *Estadão* volta às mãos da família Mesquita e aí vem uma reforma que meu pai inicia e Cláudio Abramo completa brilhantemente”.

Secretário de redação, Cláudio Abramo permaneceu no *Estadão* entre 1952 e 1961. A reforma que protagonizou envolveu “desde a mudança de sede até o controle da produção, do horário de fechamento, da publicidade, até a contratação de universitários para a redação” (LORENZOTTI, 2007, p. 39).

Nessa época, o jornal ainda não tinha um suplemento específico dedicado à cultura. Artigos, crônicas e crítica literária podiam ser encontrados em diversas partes do periódico: “Em suas edições diárias, o *OESP* [*O Estado de S. Paulo*] dedicava de duas a quatro páginas para os assuntos culturais, que iam de notas, informes, colunas, a matérias de agências noticiosas em meio a matérias sobre arte e cultura local” (GADINI, 2009, p. 170). O autor completa que essas matérias eram editadas em seções intituladas “Artes e artistas”, “Cinema”, “Rádio” e “Palcos e circos”.

O Suplemento Literário do *Estadão* nasceria apenas em 6 de outubro de 1956 (LORENZOTTI, 2007). Dirigido por Décio de Almeida Prado, num primeiro momento congregou grandes intelectuais de diversas áreas como Antonio Candido, Paulo Emilio Salles Gomes – oriundos da revista *Clima* – e Sábato Magaldi, entre outros (PIZA, 2004). Ainda de acordo com o autor, o Suplemento foi precursor de um modelo que seria a seguir adotado por todos os jornais. Nas palavras do diretor, Décio de Almeida Prado:

Não exigiremos que ninguém desça até se pôr à altura do chamado leitor comum, eufemismo que esconde geralmente a pessoa sem interesse real pela arte e pelo pensamento. [...] Uma publicação que se intitula literária nunca poderia transigir com a preguiça mental, com a incapacidade de pensar, devendo partir, ao contrário, do princípio de que não há vida intelectual sem um mínimo de esforço e disciplina (PIZA, 2004, p. 37).

Embora a edição coubesse a Décio de Almeida Prado²⁰, Antonio Candido, convidado pelo próprio Júlio de Mesquita Neto, teve papel fundamental na organização da seção cultural. Abreu (1996) lembra que embora o Rio de Janeiro contasse com os melhores suplementos do país, São Paulo detinha o melhor centro universitário. Pensando dessa maneira, Antonio Candido explica a gênese do suplemento do *Estadão* “como uma espécie de cruzamento entre o suplemento e a revista literária, isto porque São Paulo não tinha uma boa revista literária” (ABREU, 1996, p. 53).

Dentro da proposta de Candido (que acabou aceita), haveria o mesmo espaço para seções fixas e colaboradores variáveis. Em suas palavras: “Seria, então, uma

²⁰ Décio de Almeida Prado editaria o Suplemento por 508 edições, passando o cargo em 1966 para o jornalista Nilo Scalzo (LORENZOTTI, 2007).

publicação semanal, iniciada com quatro páginas (duas folhas) no formato comum do jornal, com três de Letras e uma de Artes. Mais ou menos 50% de seções fixas obedecendo a um plano e 50% à vontade dos colaboradores escolhidos” (LORENZOTTI, 2007, p. 41). Entre alguns dos colaboradores fixos podemos destacar Anatol Rosenfeld, João Cabral de Melo Neto, José Arthur Giannotti, Paulo Emilio Salles Gomes, entre diversos outros expoentes da literatura, artes plásticas, música, história, ciências. Além dos intelectuais já citados, num segundo momento o Suplemento Literário passou a abrir espaço para os professores da USP, como Florestan Fernandes e Maria Izaura de Queiroz (ABREU, 1996).

O Suplemento foi inovador também no quesito remuneração. Após extensa pesquisa no mercado, Antonio Candido estabeleceu valores para artigos, desenhos ou gravuras, textos literários, fotografias, poesias, entrevistas (pagando-se, além do entrevistador, ao entrevistado), passando a remunerar dignamente a colaboração intelectual para o jornal (LORENZOTTI, 2007).

Em 1966, foi lançado o *Jornal da Tarde*, que seguia de perto o desenvolvimento da cidade e os problemas urbanos. Após apoiar os militares que depuseram João Goulart, o Grupo Estado começou a fazer oposição ao regime, e tanto o *Estadão* como o *Jornal da Tarde* – que rodou seu último exemplar no dia 31 de outubro de 2012 – acabaram censurados.

Os anos 1970 são marcados pelo surgimento da Agência Estado e, em 1975, o jornal completa seu centenário, celebrando, porém, apenas 95 anos, uma vez que o jornal passou cinco anos sob a direção da ditadura varguista. Em 1976, o Suplemento Literário dá lugar ao também dominical Suplemento Cultural, em formato tabloide e com dezesseis páginas, tendo inicialmente como maioria dos seus colaboradores professores oriundos da USP (GADINI, 2009). A ele se seguiria, em 1980, o caderno Cultura, também tabloide, com dezesseis páginas e circulando aos domingos. O autor destaca que

até os primeiros anos da década de 1980 *O Estado* insere as matérias culturais de cobertura diária no primeiro caderno (que oscila entre 24 e 40 páginas). Em 2, 3 ou 4 páginas, dependendo do dia da semana e da edição, o periódico abre as páginas que veiculam matérias culturais sob o chapéu (destaque no alto da página) Artes/Roteiro/Variedades. Informações de serviço e roteiro de cinema/teatro são publicadas, nessa época, junto com os classificados do jornal (GADINI, 2009, p. 172).

A segunda metade da década de 1980 foi um período no qual os principais jornais do país sofreram uma transformação: a cadernização, um indicativo de que, focados como empresas, estavam mirando atingir um determinado grupo de leitores. Esse período foi um marco para a consolidação dos cadernos culturais diários dos dois principais jornais do país, a *Folha de S. Paulo*, com a *Ilustrada*, e *O Estado de S. Paulo*, com o Caderno 2, que teve papel protagonista nesse novo enfoque dado para a cultura dentro do jornal. De acordo com Piza (2004, p. 40), “os dois cadernos fizeram história de meados dos anos 80 até o início dos anos 90, sintonizados com a efervescência cultural que a cidade vinha ganhando e com o espírito de abertura democrática do país”.

Criado em 1986, o Caderno 2 se consagrou como um espaço de debate e crítica na área cultural. Sua tradição era oriunda do Suplemento Literário. Sob o título “E o ‘Caderno 2’ chega com as suas surpresas”, é possível ler na capa da edição do dia 5 de abril de 1986:

O Caderno 2, cujo número zero começou a ser distribuído ontem em 450 bancas de jornais e à porta de restaurantes, cinemas e teatros de São Paulo, será lançado amanhã com a edição normal de *O Estado de S. Paulo*, em 16 páginas e uma tiragem de 576 mil exemplares. Leve, moderno e atraente, ele representa mais uma revolução na imprensa brasileira, com mais espaço para cultura, artes, lazer e comportamento. Cheio de surpresas, a começar pela sua equipe.²¹

O texto da página dezessete do jornal apresenta detalhadamente o projeto editorial e gráfico, além da equipe. O repórter José Maria Mayrink comenta que o caderno contará com desenhos de Henfil, reportagens especiais, histórias em quadrinhos, coluna social, crônicas e comentários. A equipe contava nada menos que com trinta e seis editores, repórteres, redatores e desenhistas em São Paulo, além de cinquenta colaboradores no Brasil e no exterior. O Caderno chegou a se chamar provisoriamente de Etc., que passou a ser o nome da coluna social. Outro trecho da matéria de lançamento do jornal que vale destacar afirma que “atendendo às exigências do leitor, que reclama páginas mais leves e um espaço maior para a cultura e o lazer, tratando de alguns temas que até agora não eram abordados pela seção de Artes”.

De acordo com Gadini (2009, p. 192), é curioso observar como a *Folha*, o maior concorrente do *Estadão*, também noticia o aparecimento do Caderno 2:

²¹ Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/arquivo/2011/04/06/parabens-caderno-2>>. Acesso em: 25 out. 2012.

A partir de hoje, o jornal *O Estado de S. Paulo* incorpora a suas edições diárias a publicação de um caderno de cultura e variedades, o Caderno 2. Com essa decisão, o centenário matutino paulistano adota, em 1986, uma antiga tradição da melhor imprensa brasileira e internacional, consagrada em São Paulo pela *Folha*, que publica a *Ilustrada* desde 1959 (GADINI, 2009, p. 192).

A primeira geração de colaboradores do Caderno 2 reunia, entre outros, Wagner Carelli, Zuza Homem de Mello, Caio Fernando Abreu, Antonio Bivar e Enio Squeff. Nessa época, a tiragem de *O Estado de S. Paulo* alcançava 194 mil exemplares durante a semana e 372 mil aos domingos (GADINI, 2009). A segunda geração, sob a direção de José Onofre, contou com nomes como o de Ruy Castro e Paulo Francis. Piza (2004, p. 41) ressaltava que “o Caderno 2 fazia uma dosagem maior com literatura, arte e teatro – distinção que permanece mais ou menos até hoje, sem a mesma qualidade de texto e a mesma força de opinião”.

O Caderno 2 do *Estadão* é publicado de segunda a sexta-feira. No final de semana, passa a ser C2+música, aos sábados, e Caderno 2+TV Domingo, ou apenas C2+TV, aos domingos²², caderno onde se encontra a coluna Seleção da semana, nosso objeto de estudo. O C2+TV, de acordo com o jornal, “traz para seus leitores matérias especiais em torno de criadores e personalidades do mundo cultural: atores, músicos, artistas plásticos e cineastas, além de uma cobertura especializada sobre TV”²³. Essa ramificação do caderno de cultura vai ao encontro da afirmação de Gadini (2009) de que os cadernos de cultura acabaram se tornando televisivos. E, da mesma maneira que reforçam a relação do leitor com a TV, produzem um “‘mix’ de informação, serviço, guia e roteiro, onde aquilo que sucede nos outros principais espaços de produção simbólica também não pode(ria) ser ignorado” (2009, p. 213).

O caderno, editado pelo jornalista Ubiratan Brasil e tendo como subeditor o também jornalista João Luiz Sampaio²⁴, varia de tamanho ao longo de suas edições,

²² Durante o percurso da nossa pesquisa, além do já citado *Jornal da Tarde*, nos deparamos com a extinção do Sabático em 20 abril de 2013. O suplemento, dedicado à literatura e ao mercado editorial, circulava desde 2010. Em nota, o *Estadão* publicou: “Nossas pesquisas confirmaram o que já vínhamos detectando: as pessoas querem mais eficiência no consumo da informação, sem abrir mão do aprofundamento e da análise”. (...) “A cobertura de literatura (hoje concentrada no caderno Sabático) será incorporada ao dia a dia do Caderno 2”. O que temos visto ao longo da pesquisa é de fato uma diminuição do espaço da crítica aprofundada em prol da informação ligeira, voltada ao serviço, à agenda e ao guia. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,estado-estreia-novo-projeto-grafico-dia-22,149714,0.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

²³ Disponível em: <http://www.grupoestado.com.br/midiakit/estadao/index.asp?Fuseaction=Caderno_Detalhe&Id_Cad=57> Acesso em: 25 out. 2012.

²⁴ Equipe que comandava a editoria durante o período da nossa pesquisa.

tendo um mínimo de doze e um máximo de dezoito páginas. No site do jornal, é possível ter acesso a alguns números. O C2+TV tem uma média de 473 mil leitores – praticamente o dobro da circulação aos domingos –, divididos quase igualmente entre homens (51%) e mulheres (49%), dentre os quais uma parcela de 59% tem nível superior. A maioria dos leitores está concentrada na faixa a partir de 50 anos (38%), seguida da de 30 a 39 anos (21%), e pertence à classe B (59%). Do universo total de leitores, 58% se interessa por moda, 45% por “gente famosa”, 26% por TV (incluindo fofocas). A informação “costuma ir a exposições e museus” está em branco. Já em relação ao potencial de crédito, 64% possui cartão de crédito, 60%, cheque especial, 58%, aplicação financeira/ poupança e 54%, seguro, incluindo seguro da casa, do carro e de vida²⁵.

4.2 Quadro metodológico

Nesta etapa, tendo em vista o problema de pesquisa proposto, nos aprofundaremos nos procedimentos metodológicos. Este trabalho faz uso constante da pesquisa bibliográfica, presente aqui desde o marco inicial, e utiliza também a análise de conteúdo (AC), por sua abrangência na captação das nuances no e fora do texto: a AC é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”, afirma Bardin (2004, p. 7) e tem por objetivos diretos a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura, por essa razão seria mais adequado falar de “análises de conteúdo”, no plural. Utilizada nos seus primórdios para interpretar textos filosóficos ou religiosos, em especial a Bíblia, a AC aplica-se sobretudo à interpretação daquilo que é simbólico (LALANDE, 1999) e busca o que não está aparente, que não está dito. A AC pode ser entendida como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2004, p. 37).

²⁵ Outras informações sobre o caderno e o perfil de leitores estão disponíveis em <http://www.grupoestado.com.br/midiakit/estado/index.asp?Fuseaction=Cadernos_Perfil&Id_Cad=57>.

Herscovitz (2010, p. 126) destaca que a AC tem uma característica híbrida, reunindo elementos quantitativos e qualitativos. Segundo a autora, a integração dessas duas características num estudo é importante “para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido”. Entre algumas das vantagens da AC, a autora ressalta a possibilidade de refazer a codificação do texto em caso de falha na análise, além de possibilitar trabalhar com um grande universo de informação, num longo período.

Bardin (2004) ressalta que existem apenas algumas regras de base, as técnicas precisam ser reinventadas a cada caso. O analista deve fazer um trabalho de “poda”, delimitando as unidades de codificação e registro para seguir então à inferência – entendida aqui como o meio do caminho entre a descrição e a interpretação – de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). A codificação é entendida como uma transformação do material bruto em dados passíveis de análise. Para Bardin (2004, p. 99), “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura”.

Ao trabalhar com as mensagens verbais inseridas no texto – aqui o jornalístico – tem-se como objetivo efetuar deduções lógicas e justificadas referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens). A AC procura aquilo que está por trás daquilo que é dito, buscando outras realidades através das mensagens.

De acordo com Bardin (2004), a organização da análise deve respeitar três etapas: a pré-análise (1), a exploração do material (2) e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (3). Na primeira etapa, reunimos e arquivamos as edições do *Estadão* de abril a outubro de 2012. Desde o início deste trabalho, o foco foi o estudo da cidade. Então, a primeira opção de análise pareceu ser o caderno Metrôpole, onde se concentram as matérias sobre “Trânsito, segurança pública, urbanismo, administração pública, patrimônio histórico, clima, comportamento e outros temas que afetam a vida em São Paulo, das principais cidades do Estado e de outras capitais do País”²⁶.

²⁶ Disponível em <
http://www.grupoestado.com.br/midiakit/estadao/index.asp?Fuseaction=Caderno_Detalhe&Id_Cad=17>.
Acesso em: 10 mai. 2013.

Entretanto, apesar de a temática cidade transbordar por essas páginas e de ser possível abordar as questões culturais que delas emanam, nosso foco estava naquela cidade que transparecia nos suplementos culturais. Não é uma tematização, por assim dizer, óbvia, mas ela perpassa cada escolha de pauta, cada notícia, cada coluna. Partindo então dessa ideia inicial, pré-selecionamos o Caderno 2, o C2+música, o C2+TV e o Sabático.

Após uma leitura flutuante desse material, optamos pela coluna Seleção da semana do C2+TV por ela ser um retrato da nossa discussão anterior em relação ao papel do jornalismo cultural como um lugar de hierarquização e seleção de assuntos e como protagonista dessa mudança que vem sendo operacionalizada no campo da cultura, tendo a cidade como mercadoria principal na lógica de consumo. É no final de semana que os jornais editam suplementos direcionados “a setores específicos que, de algum modo, perpassam ou em certos aspectos até integram o campo cultural, ‘fortalecendo’ o rol de atrativos de leitores, curiosos eventuais e consumidores de ocasião” (GADINI, 2009, p. 218).

Seguindo a lógica de calendário cultural observada pelo autor, restringimos nosso *corpus* de análise ao período entre abril e setembro de 2012. Gadini (2009) observa que períodos como o das férias de verão tendem a contar com uma diminuição da oferta cultural:

Raramente um evento importante se realizará nos meses de janeiro e fevereiro, por exemplo, com exceção das programações de cidades litorâneas com maior fluxo turístico. A indústria cinematográfica também acompanha esse “calendário” brasileiro, uma vez que raramente ocorrem lançamentos de grande impacto e adesão após o início de dezembro e o final de fevereiro do ano seguinte (GADINI, 2009, p. 85).

Durante o intervalo de tempo de nossa amostra ocorreram o Festival Internacional de Curtas, a Virada Cultural, o 39^o Salão de Humor de Piracicaba, o Lollapalooza, o 20^o Anima Mundi, o Festival de Inverno de Campos do Jordão, duas bienais (a 22^a Bienal do Livro de São Paulo e a 30^a Bienal de São Paulo), a Mostra Sesc de Artes, o 16^o Festival da Cultura Inglesa, o BMW Jazz Festival, entre outros eventos de grande porte, totalizando seis meses de cobertura, mais precisamente 27 edições, o que representa a totalidade dos cadernos do período: abril (1, 8, 15, 22, 29), maio (6, 13, 20, 27), junho (3, 10, 17, 24), julho (1, 8, 15, 22, 29), agosto (5, 12, 19, 26) e setembro (2, 9, 16, 23, 30). Após o manuseio e a análise do material, passamos à segunda fase do

trabalho e elaboramos os recortes do texto principal em unidades de registro passíveis de categorização.

Seguindo a nossa problematização inicial – que cidade é oferecida pelo jornalismo cultural – e de acordo com o referencial teórico utilizado, elaboramos quatro categorias que nos ajudarão na análise do objeto: 1) O que ver? 2) De onde vem a atração? 3) Quanto custa? 4) Em qual região da cidade se encontra? Para aprofundar a análise do objeto, vamos ampliar a contextualização, verificando também quem são os colaboradores da coluna, em qual página ela aparece, a origem das imagens veiculadas e a presença de publicidade na página. É oportuno lembrar que os valores observados nas tabelas abaixo são absolutos.

4.3 A coluna Seleção da semana

A definição de coluna, de acordo com Carro (2000), depende de alguns critérios como a relação de espacialidade no jornal, seu contexto histórico ou mesmo seu sentido normativo. O fato é que “a palavra ‘coluna’ é um neologismo resultante de uma metonímia [...] que designa um artigo assinado que é publicado com regularidade e que ocupa um espaço pré-determinado pelo jornal” (CARRO, 2000²⁷). Já uma definição mais normativa vai ao encontro da variedade de sentidos. É possível dizer

que a coluna é um artigo de opinião que pode ser racional ou loquaz, orientador ou enigmático; analítico ou passional; julgador ou narrativo; e sempre com juízo de valor, subjetivo, porque não pode ser de outro modo (CARRO, 2000)²⁸.

Outra característica a ser levada em conta é que forma e conteúdo são indissociáveis. Carro (2000) afirma ainda que é um produto feito para o consumo das massas, um público que lê o jornal apressadamente. Coluna é, frequentemente, um espaço não apenas do artigo, mas das notas, do tom autoral, da opinião, da subjetividade.

A coluna Seleção da semana está disposta sempre na metade superior da página standard, ocupando um espaço que varia entre, aproximadamente, 29,5 x 25cm e 29,5 x 28,5cm. É composta de seis textos, todos ilustrados, sendo um sempre em destaque, emoldurado, ocupando o espaço de três pequenos (9,5 x 7,5cm). Os textos menores têm uma média de 250 caracteres sem espaço, enquanto os maiores podem chegar a 1000.

²⁷ Documento eletrônico. Acesso em: 12 mar. 2013.

²⁸ Documento eletrônico. Acesso em: 12 mar. 2013.

Cada nota destaca as seguintes informações: quando, onde e quanto, exceto as de cinema, que elencam a direção, o gênero e o elenco.

Em meados dos anos 1970, quando Cremilda Medina era editora de Artes no *Estadão*, conviveu com o também jornalista Maurício Ielo, que se tornou responsável pelo roteiro de cinema, teatro, rádio, TV e música. Ielo inovou a escrita dos roteiros na imprensa brasileira ao acrescentar ao serviço “uma ou duas frases em que ele criava uma síntese interpretativa e articulava a informação com uma frase da crítica” (Medina, 2001, p. 39). O jornalista criou uma marca autoral sem nem mesmo assinar os textos. A utilização desse modelo – porém, assinado – pode ser observada na coluna Seleção da semana²⁹.

A coluna, curiosamente, não tem uma página fixa, variando a cada edição e aparecendo ao longo de praticamente todo o caderno, como é possível ver na tabela a seguir a partir do número de ocorrências de páginas em que cada coluna da amostra apareceu:

Tabela 3 – Localização da coluna no caderno

Página	Nº de ocorrências
D2	7
D4	1
D5	3
D6	3
D7	1
D8	1
D9	2
D11	4
D12	2
D13	2
D15	1

É fato que o caderno varia muito de número de páginas (entre doze e dezoito), mas se a coluna tivesse uma página fixa seria mais fácil fidelizar o hábito dos leitores.

²⁹ É possível observar essas características no material reunido em anexo.

Como é possível verificar na Figura 1 do anexo, a publicidade está presente na página de maneira constante. Em 23 das 27 edições selecionadas, ocupa a parte inferior da página, anunciando desde colchões até tratamentos contra a calvície, passando por campeonatos de luta, moda em tamanho especial e sofás. Apenas oito estão relacionados com as tematizações propostas pela coluna: leilão de arte, lançamento de livro, festival de música, estreia de musical, show, além de anúncios publicitários de canais de rádio e televisão.

Seguindo com nossa análise, observamos que as imagens são parte integrante e fundamental da coluna. Absolutamente todos os textos são ilustrados. Sempre há quatro imagens retangulares de 7 x 5cm, uma recortada e vazada (geralmente uma figura humana, mas também aparecem esculturas, desenhos animados ou ainda bonecos) e uma destacada de 11 x 8cm, envolta por uma moldura branca de 5mm que lhe confere um aspecto de fotografia. As imagens podem ser classificadas em três categorias: divulgação, reprodução e agência, incluindo a própria Agência Estado (AE). Chama a atenção também o grande número de imagens sem crédito (praticamente um terço). As imagens – coloridas – acabam dando um apelo visual maior à coluna dentro do C2+TV e também dialogam com o restante do caderno dedicado à televisão.

Esse excesso de imagens de divulgação é também resultado de um trabalho intenso das assessorias de imprensa e das agências de notícias, que já entregam as informações trabalhadas para os jornalistas, “[n]uma corrida constante de produtores, assessorias, agências e outros segmentos aos mais diversos veículos para divulgar seus respectivos projetos, eventos, produtos ou atividades” (GADINI, 2009, p. 89). Nesse pacote de informações prontas se incluem entrevistas, notas e, inclusive, imagens. Essa prática é utilizada também no intuito de enxugamento de custos de produção.

Tabela 4 – Tipo de imagem veiculada na coluna

Divulgação	93
Reprodução	4
Agência Estado (AE)	16
NYT	2
Reuters	2
Agência EFE	1
Agência AP	1
Sem crédito	43

Os textos, na sua quase totalidade, têm autoria. Além dos repórteres do caderno, o editor e o subeditor também assinam as notas. Em um universo de 162 textos, apenas três não são assinados. Esse fato, que Medina (2001) denomina de “inflação de assinaturas”, segundo a própria autora dá uma falsa impressão de que o jornalista-autor está em todos os espaços do jornal. A assinatura, para além da autoria, passa a significar uma grife, agregando valor ao produto (JANUÁRIO, 2005).

Tabela 5 – Autoria das notas

Repórteres	Nº de notas
Eliana Silva de Souza – repórter	25
Jotabê Medeiros – crítico de música	23
Camila Molina – repórter de artes visuais	23
Luiz Carlos Merten – crítico de cinema	21
Maria Eugênia de Menezes – repórter e dramaturga	18
Ubiratan Brasil (editor)	15
João Luiz Sampaio (subeditor)	14
Roberto Nascimento – repórter	9
Flávia Guerra – repórter	5
Luiz Zanin Oricchio – crítico de cinema	3
Maria Fernanda Rodrigues – repórter	2
Julio Maria – crítico	1
Sem autoria	3

É possível afirmar que o gancho jornalístico de todos os textos é a estreia. Pautados pelo que acabou de estrear na sexta-feira anterior ou no que está para acontecer na semana seguinte, os jornalistas recomendam a “seleção da semana” para o leitor. Os relatos sobre o tempo presente produzidos pelos jornalistas reforçam essa cultura do momento atual (FRANCISCATO, 2005). Por meio da Seleção da semana, em apenas seis textos, o jornal quer que os leitores acreditem estarem informados sobre o que está acontecendo em São Paulo. É como se fosse uma tentativa de instantâneo da cidade, potencializando a vivência daquele momento. É a ideia de “instante presente” de Franciscato (2005), quando se refere ao fato de o jornalismo situar o leitor no tempo em que o evento está acontecendo, mesmo que haja uma distância entre eles.

4.3.1 O que ver?

Ao eleger alguns eventos para noticiar, o jornalismo acaba criando uma hierarquia de assuntos. Em um espaço de prestígio no jornal como a coluna Seleção da semana, as dicas sobre o que ver variam muito³⁰. É só comparar a dança ao cinema, por exemplo, como é possível observar na tabela abaixo:

Tabela 6 – Sobre o que se fala na coluna

Música	45
Teatro	35
Cinema	30
Artes visuais	18
Palestra	11
Dança	8
Fotografia	7
Musical	4
Performance	2
Variado	2
Literatura (Bienal)	1

E, do universo de oito textos nos quais a dança é tematizada, apenas um deles não fala de uma companhia consolidada e de prestígio. Quando não é o mineiro grupo Corpo, é o Ballet do Theatro Municipal do Rio, o BÉjart Ballet Lausanne, o Ballet do Teatro Scala de Milão, o Balé Nacional da Ucrânia, o Nederlands Dans Theater ou o Cirque Plume. A única exceção ao grupo é a 6ª Mostra do fomento à dança, que reúne trabalhos contemplados no Programa Municipal de Fomento à Dança.

Esse recorte nos mostra que a dança que é tematizada é aquela dança com grife, que já vem alicerçada em conceitos de tradição e prestígio, como sugerem os títulos: “Tradição no palco”, “A poesia de *Giselle*”, “Clássicos de BÉjart”.

Se passarmos para as artes visuais, com um número de ocorrências mais significativo, vamos encontrar uma diversidade maior de escolas e técnicas como, arte

³⁰ É importante verificar que essa hierarquia poderia derivar de uma relação direta com a oferta de atrações culturais da cidade. Para um aprofundamento, necessitaríamos de um estudo posterior dessa relação, que não é o foco deste trabalho.

cinética, intervenções, novas mídias, arte interativa, escultura, pintura, gravura, desenhos, “objetos ativos” de nomes consagrados como Lygia Clark, Lasar Segall, Visconti, Oswaldo Goeldi (que aparece em duas exposições), Maringelli, Amilcar de Castro, Willys de Castro, Clemens von Wedemeyer. Entre o universo das matérias, catorze são assinadas por Camila Molina, repórter de artes visuais do Caderno 2, responsável pela matéria em destaque intitulada “O mestre do claro-escuro”. O texto sobre a mostra “Caravaggio e seus seguidores” ressalta que “é de se celebrar a vinda para o Brasil” e também traz o dado de que a mostra atraiu 90 mil visitantes quando passou por Minas Gerais.

Ao contrário desta, nas outras matérias, nem sempre é especificada a técnica do artista ou o autor é contextualizado – se pressupõe que o leitor já tenha um conhecimento prévio sobre aquele nome em questão. Em alguns casos é destacado quando é a primeira (ou primeira grande) exposição do artista no país. No caso da exposição “Memórias do horror”, de Lasar Segall, o texto repete a informação já dita no serviço do lugar onde será exibida a mostra em vez de, por exemplo, contextualizar a obra de Segall.

Quando a categoria é a música, até pelo número de ocorrências, encontramos uma diversidade um pouco maior de estilos, mas com a predominância da música clássica e de ritmos contemporâneos que vão desde o samba rock do Los Hermanos ao indie de Joan of Arc. Tanto na primeira como na segunda classificações, o repertório é de consagrados: Villa-Lobos, Debussy, Ravel, Liszt, Bach, Schubert, Chopin, Tchaikovsky, Mozart, Stravinsky, na música clássica e Noel Gallagher, Franz Ferdinand, Kraftwerk. Também ganham destaque shows de ícones da música (de diversas gerações), como Liza Minnelli, Morten Harket (vocalista do A-ha), B.B. King, Tom Zé, entre outros.

Os “diferentes” desse universo são raros. A nota “Samba esquema 2.0” se destaca pela diferença nesse ambiente dominado pela música clássica e pelo rock. Porém, de acordo com o texto, o samba também tem um quê de clássico: “Os sambas de Rodrigo Campos transitam entre a herança afro-brasileira de Baden e Vinicius, o jazz e a cena paulistana de pop contemporâneo”. Nas outras poucas notas que se diferenciam, aparece a *soul music* abasileirada, chorinho, percussão.

É perceptível também o grande destaque que a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp) tem na coluna, seja como coordenadora do Festival de Campos do Jordão em “Sob nova direção”, ou mesmo na divulgação do seu calendário de eventos.

Das vinte e sete edições, onze têm a música como tema do texto em destaque na página. Aqui há uma diversidade um pouco maior do que no restante das notas sobre música: a diversidade de Tom Zé, o surf-punk de The Vaccines, a classe do mestre pianista de hard bop Cedar Walton, o impacto visual do show de Marisa Monte, a (eterna) despedida de B.B. King, a apresentação da Orchestre du Capitole de Toulouse, o rock do Festival da Cultura Inglesa, o jazz dos músicos da banda que acompanhava James Brown, entre outros.

Tanto nas artes visuais como na dança e na música estamos falando de uma cultura de celebridades. É o antigo *star system* de Hollywood aplicado a outras atividades. O que anteriormente estava restrito ao cinema se abriu para “a política, a religião, a ciência, o business, a arte, o design, a moda, a imprensa, a literatura, a filosofia, o esporte, até a cozinha: hoje nada mais escapa ao sistema do estrelato” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 81). Basta conferir o seguinte trecho do texto de Julio Maria intitulado “Marisa Fashion Week”:

A grife Marisa Monte desfila em São Paulo, a partir de quinta, com a turnê *Verdade, uma ilusão*, criada sobre o repertório de seu mais recente álbum, *O que você quer saber de verdade?* Não é fácil atingir tal status, o de grife, e Marisa foi a última cantora da resistente nomenclatura MPB a fazê-lo. Desde *Memórias, crônicas e declarações de amor*, de 2000, seu movimento de aproximação das grandes plateias não para, com bons resultados de uma carreira bem dirigida em repertório e estratégias de comunicação.

Marisa ganhou carta branca para habitar um mundo extremamente pop sem perder a ternura. Ou seja, fica bem com a massa que assiste à novela *Avenida Brasil* sem ferir as regras de etiqueta dos acadêmicos. Mais um passo nessa direção é dado com seu novo disco, lançado no ano passado, e que agora a cantora traz para ser mostrado em São Paulo³¹.

Aqui está explicitada a configuração da cantora como uma marca, que circula por diversos ambientes: amada pelas massas que assiste à novela, mas sem perder a admiração de seus antigos e fiéis fãs, um exemplo entre muitos da “economia do estrelato”, de um mercado cultural “de nome e renome” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 82). De acordo com o descrito acima é mais fácil se perguntar quem não faz parte desse grupo.

³¹ Coluna de 17 de junho de 2012, p. D6, figura 12.

4.3.2 De onde vem a atração?

Nos textos, independentemente da origem da atração – muitas vezes não explicitada – é possível notar um esforço para salientar o papel de protagonismo de São Paulo, seja pelo próprio nome do evento (23^o Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, 22^a Bienal do Livro de São Paulo, 30^a Bienal de São Paulo, Feira SP-Arte); pela temática de uma exposição de fotografia, como em “Cidade desaparecida”, que exhibe as fotografias de Militão Augusto de Azevedo sobre São Paulo, em “Cidade em vertigem”, peça que faz um mergulho no bairro Bom Retiro: “Ao longo de quase um quilômetro, o público acompanha intervenções em ruas praticamente desertas, mira a cidade sob uma nova, e perturbadora, perspectiva”, ou em “Imagens da cidade”, que traz fotografias inéditas de São Paulo dos anos 1920 e 1950; e principalmente pelo movimento: “vem a São Paulo”, “retorna a São Paulo”, “chega finalmente a São Paulo”, como no seguinte trecho do texto “John Cage no CCSP”: “Fotografada, acima, ao lado de John Cage, a pianista brasileira radicada na Europa Beatriz Roman volta a São Paulo para participar de uma homenagem ao centenário do compositor [...]” Ou em “Rir com Shakespeare”, onde diz: “Depois de percorrer o país, *Sua incelença, Ricardo III* chega finalmente a São Paulo”. Ou ainda em “Mestre da gravura”: “Direto de Olinda, Gilvan Samico, considerado um dos principais criadores da gravura no Brasil, vem a São Paulo para a inauguração [...]”.

Mesmo nos jornais de circulação nacional (além do próprio *Estadão* podemos citar a *Folha de S.Paulo*, *O Globo*) grande parte das reportagens e colunas é publicada em torno da agenda de eventos culturais restritos a São Paulo e ao Rio de Janeiro, dando origem ao que Gadini (2009, p. 272) denomina de “cobertura nacional regionalizada”.

Quando observamos a origem das atrações, vemos um número maior de artistas nacionais sobre os estrangeiros, dado que apontamos na tabela abaixo, mas não podemos esquecer de observar que as atrações internacionais representam 40% da totalidade da oferta cultural da coluna.

Tabela 7 – Fluxos na cidade

Nacional	94
Estrangeiro	64
Nacional e estrangeiro	4

Entretanto, as nacionalidades muitas vezes encontram-se diluídas em expressões como “artistas estrangeiros” ou “atrações estrangeiras”. As produções cinematográficas são um caso peculiar e muitas vezes são de difícil classificação, como no filme *Na estrada*, dirigido pelo brasileiro Walter Salles e com elenco estrangeiro (neste caso não há indicação de país no serviço). Já em “Acredite se quiser”, que destaca o lançamento do filme *Área Q*, há a seguinte indicação: Brasil-EUA. No texto, Luiz Carlos Merten afirma: “Coproduzido com os EUA e com bons efeitos, o longa tem participação de brasileiros (Murilo Rosa) e americanos (Isaiah Washington)”. Um exemplo ainda mais complexo é o do texto “Monica e o desejo”. O filme *Um verão escaldante* é uma coprodução que envolve Itália, França e Suíça, o legítimo filme-mundo (CANCLINI, 2005). Abaixo podemos ver mais casos:

Tabela 8 – País de origem da produção

Sem procedência (geralmente cinema)	23
Estados Unidos	8
Inglaterra	6
França	4
Itália	3
Rússia	2
Japão	2
Ucrânia	2
Dinamarca	2
Brasil/EUA	1
Argentina/Portugal/Cuba	1
Itália/França/Suíça	1
França/Áustria	1
Alemanha	1
Peru	1
Canadá	1
Holanda	1
EUA/UK	1
México	1
China	1

China/Hong Kong	1
Portugal	1
Noruega	1

As fronteiras entre os países aqui inexistem. Os filmes são resultado da internacionalização da produção. Ainda segundo Canclini (1995, p. 17): “A cultura é um processo de montagem multinacional, uma articulação flexível de partes, uma colagem de traços que qualquer cidadão de qualquer país, religião e ideologia pode ler e utilizar”.

A ideia de cidade como aglutinadora de estrangeiros remonta a Mumford (1991). Entretanto novas leituras, como a de Caiafa (2007), iluminam a questão. O estrangeiro, no caso, permitiria vivenciar outras experiências, outros mundos. A esse outro, nos processos de comunicação nas cidades, a autora chama de “operador de diferenciação”, uma vez que ele possibilita vivenciar diferentes dimensões, diferentes níveis da experiência urbana.

A coluna também apresenta uma outra ideia interessante de mundo, a de que São Paulo, em muitos casos, reúne o mundo dentro de si, como na nota “O mundo no Sesc” de Ubiratan Brasil:

Como acontece todos os anos, o Sesc abre suas portas para receber mais de 70 atrações, nacionais e internacionais, nas áreas da música (Tumi and The Volume), teatro (Lume Teatro), dança (Claudia Triozzi), artes visuais (Carmela Gross), cinema (filmes de Guy Maddin), artemídia (O Grivo) e literatura (o autor Ariano Suassuna, na foto).³²

Ou ainda na superlativa “A *maior* do mundo”, de Flavia Guerra, sobre o Vivo Open Air na megalópole de São Paulo:

O *maior* festival de cinema ao ar livre do mundo comemora uma década com novidades. Além de levar para o Jockey Club a *maior* tela do mundo, com 325 metros quadrados, terá shows e noites animadas por DJs renomados.³³

A cidade aqui é vista como o centro do espetáculo. Mas ela também pode ser o espetáculo, como no trecho do texto de Jotabê Medeiros “Outra virada noite adentro”, sobre a Virada Cultural de 2012:

³² Coluna de 15 de julho de 2012, p. D12, figura 16.

³³ Coluna de 15 de abril de 2012, p. D2, figura 3.

Mais de 4 milhões de pessoas nas ruas, 15 quilômetros de ruas tornadas passeios públicos, 24 horas de shows, peças, concertos, exposições, milhões de carros nas garagens e uma excitação de começo de inverno que já se incorporou à paisagem paulistana. Das 18h de sábado até as 18h de domingo, a 8ª edição da Virada Cultural é soberana na cidade, no país.³⁴

A cidade deixou de ser palco para se tornar protagonista. Por meio de um evento como a Virada Cultural, São Paulo passa a ter uma visibilidade internacional, atrair turistas, incrementar a economia. De acordo com Pio (2005, p. 88), é um modo de “comunicar a cidade, no sentido de valorizar a imagem urbana aos possíveis interessados (habitantes, turistas, empreendedores)”. Em 2009, a Virada Cultural foi o evento que mais mobilizou pessoas na cidade, reunindo um público de 4 milhões de pessoas e movimentando em torno de R\$ 90 milhões³⁵.

4.3.3 Quanto custa?

Praticamente um terço dos eventos levantados é gratuito. Porém, para poder analisar o valor médio das outras atrações tivemos que criar faixas de preço, que serão exibidas a seguir. O cinema teve que ser deixado de fora desta análise, pois como cada sala pratica seu preço, esta informação não consta na coluna. E, ao contrário das outras categorias, não estamos falando de valores absolutos já que diversas atrações se encaixam em mais de uma faixa de preço. Inclusive, há atrações que são gratuitas em certos dias e pagas em outros.

Tabela 9 – Valores

Preço	Nº
Grátis	41
Sem precificação:	
Cinema	26
Música	1
Variado	2
Com precificação:	
Até R\$ 20	38

³⁴ Coluna de 29 de abril de 2012, p. D2, figura 5.

³⁵ Disponível em <<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/sao-paulo-em-numeros>>. Acesso em: 29 nov. 2012.

De R\$ 21 a 50	42
De R\$ 51 a R\$ 100	22
De R\$ 101 a R\$ 200	25
De R\$ 201 a R\$ 500	12
Mais de R\$ 500	1

É possível afirmar que a grande maioria das atrações oferece pelo menos uma das opções de preço entre R\$ 21 e R\$ 50. É o caso da Osesp. No texto “batuta veterana”, João Luiz Sampaio afirma que, para assistir ao maestro Frank Shipway reger a *Sinfonia n.º 8* de Anton Bruckner na Sala São Paulo, há ingressos entre R\$ 26 e R\$ 149. Mas também há opções para desembolsar R\$ 500, como o show de Liza Minnelli, e até R\$ 1200, como é o caso da apresentação de B. B. King no Bourbon Street.

A maioria das opções gratuitas são palestras e exposições, como no caso da edição de 16 de setembro. Os seis eventos selecionados e seus respectivos preços são:

- show de Tom Zé no Sesc Vila Mariana: R\$10 a R\$ 42;
- exposição de fotografias de Militão Augusto de Azevedo na Casa da Imagem: grátis;
- palestra com o escritor português Gonçalo M. Tavares no Sesc Vila Mariana: grátis;
- peça infantil *A linha mágica* no Teatro Alfa: R\$ 30;
- peça adulta *Razões para ser bonita* no Teatro Vivo: R\$ 50 a R\$ 70;
- filme *Polissia*: não consta.

Já na edição de 6 de maio os preços se comportam assim:

- concerto na Osesp com o violista David Aaron Carpenter: R\$ 26 a R\$ 149;
- exposição de esculturas de Antony Gormley no CCBB: grátis;
- peça de teatro *A garota do adeus* no Teatro Renaissance: R\$ 70 a R\$ 80;
- animação *Piratas pirados!*: não consta;
- festival de música Sónar no Parque Anhembi: R\$ 230 a R\$ 400;
- filme *Luz nas trevas – a volta do Bandido da Luz Vermelha*: não consta.

A mercantilização da cultura colocou a arte num novo patamar: o do hiperconsumo. Entendemos esse último como Lipovetsky e Serroy (2011): um processo

de individualização do consumo (ao contrário do que acontecia até os anos 1970, quando ele era voltado para as necessidades das famílias). Cada vez mais os sujeitos parecem estar em busca de satisfações pessoais, desconectados do coletivo, e sucumbem a comportamentos que beiram a compulsividade. O consumidor se vê perdido num mercado de enorme oferta cultural. Os artistas, por sua vez, cobram cachês cada vez maiores:

O mercado englobou o mundo da arte, o que lhe abre recursos até aqui inexplorados. Sendo a arte vendida, e bem vendida, as publicações em geral, e não mais apenas as revistas especializadas, lhe consagram uma cobertura crescente, dando às atividades dos museus, das galerias, das feiras e dos diversos mercados de arte uma publicidade incomparável ao que até então não passava de um domínio quase reservado e confidencial (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 89-90).

A cultura também faz parte das mudanças operacionalizadas nas relações de consumo. De acordo com Tolila (2007, p. 49), “as práticas culturais são, na maioria dos países desenvolvidos, indicadores de ascensão social e de ‘distinção’. Ir ao teatro ou escutar jazz em um clube não guardam – como ação social de valor – o mesmo significado que ir à ópera”. O autor também identificou que a pressão do tempo, a sensação de que o dia e as semanas “passam cada vez mais rápido” operacionalizaram uma conduta compensatória, na qual o indivíduo adquire bens culturais cada vez mais caros e que estejam relacionados com valores educativos.

No Brasil, de acordo com estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2002, os gastos com cultura atingiram R\$ 31,9 bilhões, o que representa 3% do total de gastos das famílias e 2,4% do PIB. Por outro lado, enquanto 82% dos gastos com cultura estão relacionados com práticas domiciliares, apenas 18% se referem a atividades realizadas fora de casa. Já a despesa cultural especificamente com espetáculos ao vivo ficou ao redor de R\$ 2.143.000. De acordo com a pesquisa, é possível dizer que o consumo cultural é feito em boa medida por jovens, ou por famílias que têm filhos de mais de dezoito anos que ainda moram no domicílio. Em relação à composição do consumo, destaca-se aquele relacionado às atrações audiovisuais.

Cruzando as duas faixas de valores com mais atrações na coluna (até R\$ 20 e entre R\$ 21 e R\$ 50, respectivamente) com os dados sobre o leitor da Seleção da semana expostos no item 4.1 observamos justamente um perfil de consumo de classe média (59% dos leitores), que está disposto a gastar parte de seu salário principalmente em música, teatro e cinema. Logo depois dessas duas faixas de preço estão as atrações

que custam entre R\$ 51 e R\$ 100 e R\$ 101 e R\$ 200, seguidas daquelas que custam entre R\$ 201 e R\$ 500 e mais de R\$ 500, valores que geralmente estão fora do orçamento da maioria dos jovens. Essa informação nos faz retornar a outro dado sobre os leitores da coluna, que mostra que 38% deles estão acima dos 50 anos. Justamente o perfil de público das atrações mais caras, como a de Liza Minnelli e a de B. B. King. Para “conversar” com seu público, não é de surpreender que a coluna dê mais espaço para atrações já consagradas pela crítica e abra pouco espaço para nomes poucos conhecidos da cena artística.

4.3.4 Em qual região da cidade se encontra?

Após um levantamento dos equipamentos culturais presentes na amostra, detectamos que eles se concentram na zona central, oeste e sul da cidade, com respectivamente 58, 38 e 31 ocorrências.

A zona central da cidade é capitaneada pela Sala São Paulo e pelo Cine Joia, que aparecem, respectivamente, em oito e sete ocorrências. O dado não é surpreendente se o cruzarmos com a categoria “O que ver?”, justamente na qual figura a predominância da música, mais especificamente a música clássica (Sala São Paulo) e os ritmos contemporâneos (Cine Joia). Logo a seguir, vem o Theatro Municipal, o lugar da dança clássica, da dança com marca.

É oportuno observar que é na área central onde se encontram variados equipamentos privados e públicos, num movimento que tem acontecido em diversas cidades de revitalização dos seus centros históricos a partir de iniciativas públicas e privadas. Na zona central é possível assistir ao balé nacional da Ucrânia, a uma mostra sobre Nelson Rodrigues, ao 3º Encontro de mamulengo, frequentar uma livraria e ir ao cinema.

Tabela 10 – Zona Central

TOTAL	58
Sala São Paulo	8
Cine Joia	7
Theatro Municipal	5
Itaú Cultural	5

Sesc Consolação	4
Centro Cultural Banco do Brasil	4
Centro Cultural São Paulo	2
Pinacoteca do Estado	2
Teatro FAAP	1
MAB FAAP	1
MASP	1
Livraria Cultura Conjunto Nacional	1
Oficina Cultural Oswald de Andrade	1
Club Noir	1
Teatro do SESI	1
Cine Olido	1
Galeria Olido	1
Cine Sesc	1
Espaço Itaú Augusta	1
Parque da Luz	1
Auditório do MASP	1
Boulevard São João	1
Caixa Cultural São Paulo	1
Sesc Bom Retiro	1
Casa das Rosas	1
SP Escola de Teatro	1
Centro Maria Antônia	1
Teatro Folha	1
Sociedade Brasileira de Eubiose	1

Só na zona central observamos a presença de três unidades do Sesc (contando o cinema). Na zona oeste teremos dois, o Pompeia e o Pinheiros. A instituição Sesc está enraizada no cenário cultural da cidade de São Paulo e é “reconhecida (pela imprensa, por estudiosos do campo da cultura, por artistas e públicos) como um dos principais atores do campo cultural da cidade” (OLIVEIRA, 2009, p. 48).

Na zona oeste há espaço para a fotografia, para o teatro, para os grandes eventos no Jockey Club, para pequenas e grandes exposições, para a literatura. Certamente está muito bem servida de equipamentos culturais.

Tabela 11 – Zona Oeste

TOTAL	38
Sesc Pompeia	6
Auditório do MIS	3
Jockey Club	3
Teatro Renaissance	2
Teatro GEO	2
Espaço das Américas	2
Casa da Imagem	2
CinUSP	1
Livraria da Vila Fradique	1
Livraria da Vila Itaim	1
Centro da Cultura Judaica	1
Museu da Casa Brasileira	1
Paço das Artes	1
Tucarena	1
Sesc Pinheiros	1
Teatro Cacilda Becker	1
Galeria Estação	1
Luciana Brito Galeria	1
Teatro das Artes	1
FASS Galeria	1
Instituto Tomie Ohtake	1
Memorial da América Latina	1
Galeria Raquel Arnaud	1
Galeria Marília Razuk	1
Cultura Artística Itaim	1

A zona sul concentra uma série de espaços para grandes eventos, como o Credicard Hall – na coluna do dia 23 de setembro há duas notas sobre atrações no local (que acontecem em dias diferentes), Liza Minnelli e Morten Harket –, o complexo Ibirapuera (auditório e ginásio), a Via Funchal, que recebem renomados nomes da

música, teatros importantes como o Vivo e o Alfa, com programação adulta e infantil, museus e mais duas unidades do Sesc.

Tabela 12 – Zona Sul

TOTAL	31
Teatro Alfa	8
Sesc Vila Mariana	5
Teatro Vivo	4
Auditório Ibirapuera	3
Credicard Hall	2
Via Funchal	2
Ginásio Ibirapuera	1
MAM	1
Museu Lasar Segall	1
Cinemateca	1
HSBC Brasil	1
Sesc Ipiranga	1
Bourbon Street	1

A zona norte tem o Teatro Bradesco, que fica dentro de um shopping, o APCD, inaugurado em 2012, o Sesc Santana, com atrações como o polêmico Michel Melamed.

Tabela 13 – Zona Norte

TOTAL	6
Sesc Santana	2
Parque Anhembi	2
Teatro APCD	1
Teatro Bradesco	1

Um dos poucos momentos em que se vê a descentralização da cultura para além da cidade de São Paulo é nos textos “Rir em Piracicaba” e “Sob nova direção”. O primeiro destaca o 39º Salão de humor de Piracicaba. Segundo o jornal, é o “mais tradicional evento do gênero na América Latina” e contará com a presença do ucraniano

Vladimir Kavanevsky. Depreende-se pelo contexto que deve ser um artista da área, mas a nota não esclarece o fato. Já o segundo aborda o Festival de Inverno de Campos do Jordão e as alterações na sua proposta pedagógica.

Já a zona mais marginalizada pela cobertura da coluna é certamente a zona leste, como é possível ver na tabela a seguir.

Tabela 14 – Zona Leste

TOTAL	8
Sesc Belenzinho	8

Entretanto, a zona leste conta com uma forte atuação do Sesc Belenzinho, com oito atrações, como a banda indie britânica Joan of Arc, os brasileiros da Patife Band, o novo espetáculo da Sutil Companhia de Teatro, dirigida por Felipe Hirsch, o diretor Bob Wilson protagonizando uma peça de Beckett, entre outros.

4.4 Qual é a São Paulo que se encontra na coluna?

As quatro categorias estabelecidas previamente (1. O que ver?; 2. De onde vem a atração?; 3. Quanto custa?; 4. Em qual região da cidade se encontra?) nos permitem analisar a coluna Seleção da semana sob vários aspectos, mas um deles se sobressai sobre os outros: a cidade encontrada na coluna é a da convergência. Essa convergência se dá a partir da constatação da crise das fronteiras que estamos vivenciando e principalmente de um impulso da mobilidade. A coluna passa essa ideia: embora não possa abarcar toda a produção cultural da cidade de São Paulo, ao optar por determinados eventos acaba fazendo o recorte de um lugar pulsante, de incessamento de fluxos, tanto de pessoas como de empreendimentos culturais.

Voltando ao dado abordado anteriormente, as cidades são sim o grande palco para as transformações do século XXI, especialmente as advindas das novas formas de consumo da cultura, o que fica explícito na coluna ao fazer o cruzamento dos dados levantados a partir das quatro categorias. A cultura como mercadoria está presente na organização dos espetáculos que vêm ao Brasil, no planejamento dos centros de cultura nacionais, e a Seleção da semana articula essas informações conferindo à cidade uma espécie de legendamento cultural. Assim como nos filmes, a coluna traduz para o leitor essa São Paulo-mundo.

É interessante observar, porém, que dessa constatação surge um questionamento: como ver, como pensar a cidade que não para nunca, baseada no fluxo, se o jornalismo praticado na coluna está enraizado num espaço fixo, limitado? Vivemos em um tempo no qual o serviço é cada vez menos consultado no impresso e cada vez mais acessado em dispositivos móveis. O fluxo do jornalismo atualmente se encontra na dinâmica do online. É aí então que se destaca, por exemplo, a assinatura das notas da coluna. A autoria ainda é hoje uma questão de diferenciação do jornalismo impresso em relação ao recorrente anonimato do online. A Seleção da semana é um recorte autoral do que está acontecendo em São Paulo, vai além de um serviço de roteiro da web.

Analisando os dados trazidos anteriormente, chegamos ao impressionante número de dois quintos de toda a produção apresentada na coluna como sendo internacional. A partir de um processo de legitimação do quem vem de fora, ocorre um movimento quase que simultâneo de legitimação dentro do país. A cidade de São Paulo é uma cidade internacional.

Por outro lado, embora sobressaia a cobertura da São Paulo que tem um mundo dentro de si, detectamos um acentuado movimento de hiperlocalismo na coluna, da cobertura nacional regionalizada da qual Gadini (2009) falava. Esse dado na verdade não é exclusivo de *O Estado de São Paulo* nem do jornalismo impresso. Com uma força maior dentro do cenário global, as cidades se transformam em assunto de interesse imediato, sendo pauta tanto da grande imprensa como dos inúmeros blogs e sites de notícias independentes.

A Seleção da semana mostra, em suma, que a megalópole São Paulo oferece uma experiência de cultura multidimensional. Apesar de ser um recorte do seu estado atual, mostra uma cidade que se desdobra em várias outras, na qual há lugar para diferentes vozes, para reconfigurações do urbano, um lugar que dá forma à cultura e que proporciona uma experiência única a seus habitantes e visitantes. E é em meio a esse emaranhado que o jornalismo cultural exerce sua função de guia, sendo ele próprio partícipe da construção da experiência urbana contemporânea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa, filiada ao campo da Comunicação, desde o início teve a intenção de pensar a cidade contemporânea por meio do jornalismo cultural. Para tanto, houve a necessidade de retroceder no tempo e entender como ambos se desenvolveram, principalmente após a Revolução Industrial. Nós já tínhamos uma ideia de que a cidade e o jornalismo estavam ligados por processos sociais e políticos de mesma ordem, mas não esperávamos que a história da formação do jornalismo e o processo de urbanização das grandes cidades fossem, na verdade, unidos por uma trajetória comum.

Robert E. Park, um dos nomes mais proeminentes da chamada Escola de Chicago, foi, até os 49 anos, jornalista. Com essa idade ingressou na vida acadêmica com o objetivo, entre outros, de estudar a sociologia urbana. Por seus múltiplos interesses, acabou se tornando também um pioneiro da sociologia da comunicação. Em *A história natural do jornal (The Natural History of the Newspaper, 1923)*, estudou o surgimento das grandes cidades sobre diversas perspectivas da vida social, incluindo a imprensa. Para o autor, o desenvolvimento das cidades propiciou, entre outros, a consolidação da imprensa como negócio: “Tornando a informação sobre nossa vida comum acessível a cada indivíduo por menos preço do que uma ligação telefônica, nós conseguimos novamente ganhar alguma espécie de democracia ativa” (2008, p. 35).

O jornalismo cultural é também produto dessa mesma cidade. Com o aumento da escolarização da população, aos poucos o público vai se interessando por consumir cultura. Esse movimento teve um grande impulso com o rádio e depois se consolidaria no impresso, com a literatura folhetinesca, com a profusão de suplementos culturais.

No Brasil dos anos 1950, reformas gráficas e editoriais operadas nos principais jornais brasileiros elevaram o jornalismo cultural a um novo patamar de excelência. Nos anos 1980, consolidou-se no Brasil um modelo de cadernização nos jornais, incluindo os cadernos de cultura, solidificando a importância do Caderno 2 e da Ilustrada, respectivamente de *O Estado de S. Paulo* e da *Folha de S. Paulo*.

Vimos também que, de acordo com a teoria construcionista, o jornalismo, como intermediário do sistema cultural, a partir desse lugar privilegiado de mediação, atua como guia, inserido numa lógica econômica de oferta da economia da cultura. Gadini (2009), em seu mapeamento dos principais cadernos de cultura do Brasil, chegou ao impressionante número de que, hoje em dia, 60% do espaço do caderno cultural é

reservado para roteiro, programação televisiva, colunas sociais e variedades. Frente a essa realidade, o jornalismo de serviço se ergue como uma tendência entre os grandes jornais, nos quais as notícias aparecem casadas com uma orientação de consumo.

Posteriormente, desenvolvemos a ideia de jornalismo como um mapa com o intuito de situar o leitor no mundo (MOUILLAUD, 1997) e orientá-lo dentro de um ambiente de oferta plena da cultura. Mas justamente por haver inúmeras definições de cultura, nosso capítulo seguinte se debruçou sobre essa questão. Apresentamos, primeiramente, alguns autores que nos ajudaram a entender o fenômeno da reterritorialização e da pós-cidade, não mais definida pelos seus limites geográficos, mas sim pelos seus fluxos econômicos, de pessoas e mercadorias.

No intuito de, no capítulo de análise, poder dimensionar a cidade de São Paulo em termos de sua oferta cultural, trabalhamos com a ideia de megalópole e a definição de Canevacci (1997) de uma cidade polifônica, como um coro de múltiplas vozes, na qual a partir da reunião de diversos fragmentos foi possível construir pontes de entendimento e encontrar diversos significados sobre o urbano.

Nesse mesmo caminho de apreender a cidade, nos debruçamos sobre os estudos de Canclini (1995; 1999) em relação às mudanças no sentido de pertencimento dos cidadãos. Anteriormente urdidos pelas identidades nacionais, com o rompimento das barreiras geográficas os cidadãos passaram a ser cada vez mais identificados a partir de práticas de consumo, verdadeiros rituais de ressignificação sobre o que é de fato importante para cada indivíduo.

Assim, chegamos à cultura de consumo e nos aproximamos cada vez mais do nosso objeto, a coluna Seleção da semana do caderno C2+TV do jornal *O Estado de S. Paulo*. Utilizando a análise de conteúdo como procedimento metodológico, selecionamos 27 colunas entre abril e setembro de 2012, período rico em atividades culturais, para poder aplicar nossa problematização.

A partir do nosso entendimento de que a cultura está em cada um dos ângulos da vida social e do seu protagonismo na estrutura da vida moderna, observamos que a cultura problematizada na coluna está mais próxima do sentido especializado de que falava Williams (2000), das atividades artísticas e intelectuais, baseada no consumo de eventos e produtos à disposição no tempo e no espaço físico próximo.

Por meio da coluna, é também possível traçar um “mapa paralelo” de São Paulo, depreendendo um circuito cultural geográfico da cidade, concentrado nas zonas central, oeste e sul, como um cinturão, marginalizando o restante a tal ponto que a zona leste

aparece representada unicamente por um equipamento cultural. Há, sim, uma preocupação na coluna em diversificar a precificação das atrações, contrabalanceando eventos gratuitos com outros mais caros, mas não de pensar numa diversificação de equipamentos culturais.

Ao pensar no processo trifásico de construção de notícias, que envolve a produção, a circulação e a recepção (ALSINA, 2009), percebemos que há uma ênfase no segundo item. Na fase da produção da notícia, a informação sobre a atração é pouco trabalhada. Embora a coluna tenha textos assinados por críticos nas diversas áreas tematizadas, o que se vê na maioria das vezes é um texto padrão de release, sem a apreciação da crítica ou o toque pessoal daquele sujeito que está se colocando no papel de guia para o consumo de cultural.

Os eventos destacados, por sua vez, são aqueles que levam um nome de grife, uma marca. Como afirmam Lipovetsky e Serroy (2011, p. 83): “O próprio mundo entrou no sistema da celebridade. O que não dá imagem e não é midiaticizado não existe [...]”. Nas notas, inclusive, não se faz necessário explicar por que essas pessoas estão sendo destacadas, já que a grande maioria faz parte do circuito do entretenimento formado pela televisão, pelas revistas e pelos sites de variedades.

A Seleção da semana mostra que, apesar das atrações nacionais se sobreporem às internacionais na coluna, há um trânsito bem significativo de atrações estrangeiras pela cidade. Muitas vezes, porém, essa procedência não é explicitada, fruto do fenômeno que Canclini (1995) cunhou de filme-mundo: é a companhia de dança francesa com sede na Suíça, é o filme dirigido por um chinês e protagonizado por um ator britânico, é a mistura de jazz com ritmos afro-baianos e toques de candomblé.

Entretanto, excetuando essas críticas e com a ressalva de que seis notas certamente não são suficientes para abarcar a programação cultural de São Paulo, a coluna, por meio de seus textos, passa a ideia da cidade como uma das doze capitais culturais do mundo. A partir da seleção semanal é possível depreender uma cidade voltada para o internacional, que recebe atrações de várias partes do Brasil e do mundo, atrações essas já confirmadas pela crítica.

A imagem da São Paulo-evento, da São Paulo-espetáculo transparece na coluna a partir de um verdadeiro trânsito – de pessoas, de atrações, de possibilidades. O crescimento desordenado da cidade e seus gargalos são algumas das causas para explicar a concentração de equipamentos culturais em certas áreas. Apesar dessa

concentração é possível observar, entretanto, que há uma diversidade que transparece ao analisar apenas uma coluna.

A São Paulo que encontramos é uma capital em pleno crescimento, que pode ser comparada às outras grandes megalópoles do mundo. O jornalismo cultural, nesse exíguo espaço, delinea a cidade a partir desses instantâneos do tempo presente e ajuda a construir essa imagem que está sendo vendida para o mundo. São Paulo, a pós-cidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de et al. (org.) *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13-60.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Cultura e transformação urbana. In: PALLAMIN, Vera M. (org.). *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BENHAMOU, François. *A economia da cultura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013. No prelo.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BRESCIANI, Maria Stella (org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- _____. *Jornadas urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro*. FGV, 2002.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPOS, Cleise; PITOMBO, Mariella. Lugares da cultura na contemporaneidade: a pólis. In: *Percepções: cinco questões sobre políticas culturais*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- _____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In: TEIXEIRA COELHO, José (org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras / Itaú Cultural, 2008.

_____. *La globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CARDOSO, Everton Terres. *Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do Caderno de Sábado do Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1969)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

CARRO, María Jesús Casals. La columna periodística: de esos embusteros días del ego inmarchitable. In: *Estudios sobre el mensaje periodístico*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, v. 6, 2000. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/emp/Numer_06/6-3-Estu/6-3-03.htm>. Acesso em: 12 mar. 2013.

CENSO 2012. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 1 mar. 2013.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

_____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CONDE, Maria Rosa Berganza. A contribuição de Robert E. Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). *A era glacial do jornalismo: Teorias sociais da imprensa*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

COUTINHO, Iluska. *Columismo e poder: representação nas páginas de jornal*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura), Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

CRIBARI, Isabela (org.). *Economia da cultura*. Recife: Massangana, 2009.

CULTURA EM NÚMEROS. Rio de Janeiro: Funarte, 2009. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2009/10/cultura_em_numeros_2009_final.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2012.

CUNHA, Leonardo; TEIXEIRA, Nísio. O jornalismo cultural e a lógica do iceberg. In: *Mediação*, n.º 6. Belo Horizonte, 2007.

DIZARD JR., Wilson. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DNA Paulistano 2012 – Cidade de São Paulo. Especial. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 7 out. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/70438-bairros-se-proliferam-sem-amparo-legal.shtml> - bairros>. Acesso em: 2 nov. 2012.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.

EXPO 2020. Disponível em <<http://www.saopauloexpo2020.com.br>>. Acesso em: 10 out. 2012.

FARO, J. S. Sob a superfície dos fatos, a complexidade de seu significado: o desafio da narrativa no Jornalismo Cultural. In: *Estudos em jornalismo e mídia* (Universidade Metodista de São Paulo), vol. 8, nº 2. São Paulo, 2011.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel, 1988.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

_____. *O desmanche da cultura*. Globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel / Sesc, 1997.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente*. Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FREITAG-ROUANET, Barbara. Vida urbana e cultura. In: PALLAMIN, Vera M. (org.). *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

FREITAS, Ana Laura Colombo de. *A formação do gosto musical na crítica jornalística de Herbert Caro no Correio do Povo (1968-1980): da torre de marfim ao rés do chão*. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

FREY, Bruno. *La economía del arte*. Barcelona: La Caixa, 2000.

GADINI, Sérgio Luiz. A cultura como notícia no jornalismo brasileiro. In: *Cadernos de comunicação*. Série Estudos. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, v. 8, 2003.

_____. *Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009.

GOLIN, Cida. Histórias do jornalismo cultural: o primeiro ano do Caderno de Sábado. In: *Estudos em Jornalismo e Mídia* (UFSC). Florianópolis: UFSC / Insular, v. 2, n. 2, p. 133-142, 2005.

_____.; CARDOSO, Everton. Jornalismo cultural e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida;

BRITTOS, Valério (org.). *Economia da arte e da cultura*. São Paulo: Itáu Cultural; São Leopoldo: Cepos/Unisinos; Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS; São Cristóvão: Obscom/UFS, 2010. p. 184-203.

_____. et al. Jornalismo cultural: reflexão e prática. In: ASSOLINO, Adriana Pessatte. *7 propostas para o jornalismo cultural*. Reflexões e experiências. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

_____. Jornalismo e sistema cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultura do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988). In: *Comunicação & Sociedade*, ano 32, n. 54, p. 127-147, 2010.

GOMES, Eustáquio. País tem história universitária tardia. In: *Jornal da Unicamp*, v. 191, ano XVII, 23 a 29 de set. 2002. Disponível em:
<http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2002/unihoje_ju191pag7a.html> Acesso em: 28 set. de 2012.

GOMIS, Lorenzo. *Teoría del periodismo: cómo se forma el presente*. Barcelona: Paidós, 1997.

GUATTARI, Félix. *Caosmosis*. Buenos Aires: Manantial, 1996.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez., 1997.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1999.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 123-142.

IBGE. Sala de imprensa. *Estimativas populacionais para os municípios brasileiros 2012*. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2204&id_pagina=1>. Acesso em: 15 out. 2012.

JANUÁRIO, Marcelo. *O olhar superficial*. As transformações no jornalismo cultural em São Paulo na passagem para o século XXI. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KELLER, Sara. *Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul: análise do caderno Cultura, de Zero Hora*. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

LANDRY, Charles. Preface – The Creative City: The Story of a Concept. In: REIS, Ana Carla Fonseca; KAGEYAMA, Peter (orgs.). *Creative City Perspectives*. São Paulo: Garimpo de Soluções & Creative Cities Productions, 2009.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Unesp, 1988.

LINDOSO, Felipe. Geopolítica cultural. In: *Rumos do jornalismo cultural*. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento Literário: que falta ele faz! 1956-1974. Do artístico ao jornalístico – vida e morte de um caderno cultural*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

MATA, Jhonatan Alves Pereira. Mídia, identidade e território: as cidades projetadas pelos formatos noticiosos no telejornal local. In: *Estudos em jornalismo e mídia* (Universidade Metodista de São Paulo), vol. 8, nº 2. São Paulo, 2011.

MEDINA, Cremilda. Autoria e renovação cultural. In: *Jornalismo cultural – cinco debates*. Florianópolis: FCC Edições, 2001.

_____. Leitura crítica. In: LINDOSO, Felipe (org.). *Rumos [do] jornalismo cultural*. São Paulo: Summus/ Itaú Cultural, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? In: *Media & Jornalismo*, v. 1, n. 1, 2002, p. 9-22. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo et al. (org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MENEZES, Maria Eugênia de. Estudo aponta os novos centros da arte no mundo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 set. 2012.

MOCARZEL, Evaldo. Cultura brasileira e ambiente empresarial. In: *Espaços na mídia – Banco do Brasil, jornalismo especializado em cultura*. Disponível em: <<http://www.bb.com.br/portalbb/page251,138,2517,0,0,1,6.bb?codigoMenu=5253&codigoNoticia=6741&codigoRet=5257&bread=3>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

MONGIN, Olivier. *A condição urbana*. A cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MORETZSOHN, Sylvia. *Pensando contra os fatos – jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MOUILLAUD, Maurice. Crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MUSSE, Christina Ferraz. *Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

NEGT, Oskar. Espaço público e experiência. In: PALLAMIN, Vera M. (org.). *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Caderno 2: 25 anos. Disponível em: www.estadao.com.br/noticias/artelazer,caderno-2-25-anos,702179,0.htm. Acesso em: 25 out. 2012.

_____. Mídia kit. Disponível em: <http://www.grupoestado.com.br/midiakit/estadao/index.asp>. Acesso em: 25 out. 2012.

_____. Parabéns, Caderno 2! Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/arquivo/2011/04/06/parabens-caderno-2/>. Acesso em: 25 out. 2012.

_____. Resumo histórico. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/historico/resumo/conti1.htm>. Acesso em: 15 jan. 2012.

OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos. *Instituições e públicos culturais. Um estudo sobre mediação a partir do caso Sesc-São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

PARDO, Jordi. Os Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992. In: REIS, Ana Carla Fonseca (org.). *Cidades criativas. Soluções inventivas*. O papel da Copa, das Olimpíadas e dos museus internacionais. Recife: Garimpo de soluções / FUNDARPE, 2010.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. A história natural do jornal. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). *A era glacial do jornalismo: Teorias sociais da imprensa*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. Notícia e o poder da imprensa. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. *A era glacial do jornalismo: Teorias sociais da imprensa*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PECHMAN, Robert Moses (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PERES, Ana Cláudia. *As cidades narradas: cultura e metrópole em narrativas midiáticas contemporâneas*. In: *Encontros de estudos multidisciplinares em cultura*. Bahia, 2011.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIO, Leopoldo Guilherme. Jornalismo e musealização: memória e cidade nos cadernos de cultura. In: *Contemporânea*, n. 5, 2005-2.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2004.

PRADO JÚNIOR., Caio. *A cidade de São Paulo*. Geografia e história. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PRIGGE, Walter. Metropolização. In: PALLAMIN, Vera M. (org.). *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 185-202.

REIS, Ana Carla Fonseca. *Cidades criativas*. Análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo. 2011. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

_____. *Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento* (PDF mestrado)

_____. Uma relação possível. In: *Revista E – SESC*, nº 118, mar. 2007. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?edicao_id=274&Artigo_ID=4283&IDCategoria=4872&reftype=2>. Acesso em: 20 jan. 2012.

RIVERA, Jorge Bernardo. *El periodismo cultural*. Buenos Aires, Paidós, 1995.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SEGURA, Aylton; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geane. O que é jornalismo cultural. In: AZZOLINO, Adriana et al. (org.). *Mapeamento do ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008*. Carteira professor de graduação. São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 70-80.

SEVERIANO, Mylton. *Nascidos para perder*. História do *Estadão*, jornal da família que tentou tomar o poder pelo poder das palavras – e das armas. Florianópolis: Insular, 2012.

SILVEIRA, Fernando Gaiger; SERVO, Luciana Mendes Santos; MENEZES, Tatiane; PIOLA, Sérgio Francisco (orgs.). *Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas*. v. 2. Brasília: Ipea, 2007.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; SIQUEIRA, Euler David de. A cultura no jornalismo cultural. In: *Líbero* (Faculdade Casper Líbero), ano X, nº 19. São Paulo, 2007.

SIQUEIRA, Mauricio. Cultura, cidade e comunicação. In: *Encontros de estudos multidisciplinares em cultura*. Bahia, 2011.

SITE OFICIAL de turismo da Cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/sao-paulo-em-numeros>>. Acesso em: 2 mar. 2013.

SMITH, P.D. *City: A Guidebook for the Urban Age*. London: Bloomsbury, 2012.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

SZÁNTÓ, András. Um quadro ambíguo. In: *Rumos do jornalismo cultural*. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Cidades em “cidade”. In: *Estudos em jornalismo e mídia* (UFSC). Florianópolis: UFSC / Insular, v. 2, n. 2, p. 51-61, 2005.

TEIXEIRA COELHO. *Dicionário crítico de política cultural*. Cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1999.

TÉTU, Jean François. A informação local: espaço público local e suas mediações. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

TOLILA, Paul. *Cultura e economia: problemas, hipóteses, pistas*. São Paulo: Iluminuras/ Itaú Cultural, 2007.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. v. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transacional*. v. 2. Florianópolis: Insular, 2008.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

THROSBY, David. *Economics and Culture*. Reino Unido: Cambridge University Press, 2001.

TUBAU, Iván. *Teoría y práctica del periodismo cultural*. Barcelona: A.T.E., 1982.

UMA NOVA geografia: Mesmo que longe do ideal, São Paulo já começa a ver um movimento de descentralização de suas opções e endereços culturais. Revista e. São Paulo, abr. 2008. Disponível em:

<http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=307&Artigo_ID=4782&IDCategoria=5464&reftype=2>. Acesso em: 2 nov. 2012.

VALIATI, Leandro; FLORISSI, Stefano (orgs.). *Economia da cultura: bem-estar econômico e evolução cultural*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

VIEIRA, Willian. O futuro nos formigueiros. *Carta Capital*, São Paulo, 3 out. 2012. p. 66-71.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. *O campo e a cidade*. Na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WORLD CITIES CULTURE REPORT. Disponível em:
<<http://www.worldcitiesculturereport.com/>>. Acesso em: 2 nov. 2012.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Minas Gerais: UFMG, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – Seleção da semana – colunas pesquisadas

D2 **Caderno2** DOMINGO, 1 DE ABRIL DE 2012 O ESTADO DE S. PAULO

seleção da semana*

XINGU
Diretor: Cao Hamburger (Brasil/ 2011). **Elenco:** João Miguel, Felipe Camargo, Caio Blat. **Estreia prevista para sexta.**

ÉPICO DO EXÍLIO

Embora tenha sido uma batalha épica que atravessou toda a década de 1990, a luta dos irmãos Villas-Boas para criar o Parque Nacional do Xingu é desconhecida pelos próprios brasileiros. Digamos que muita gente conhece dois dos irmãos, Orlando e Cláudio, e também sabe que o marque foi, e ainda é, decisivo na preservação de índios e espécies selvagens, mas quantos conhecem o terreno dos Villas-Boas, Leonardo?

Essa história já agora recuperada pelo diretor Cao Hamburger, de *Centão*, *Al-Tim-Bam* e *O Anão* (que Menus Patis Saram de Férias, seus trabalhos anteriores para cinema, não quis deixar-se somar a série *Os Filhos do Garamalé*, feita para TV. Cao pertence a uma categoria rara de diretores (autores) do Brasil.

Tranquila entre os filmes de arte (e os prêmios em festivais) e os sucessos de público, o que bem pouco cineastas do País conseguem.

A vocação de Xingu é repetir essa espécie de harmonização. O filme tem imagens deslumbrantes, um elenco forte (João Miguel, Felipe Camargo e

LOLLAPALOOZA
Quando: Dias 7 e 8, a partir das 12 h. **Onde:** Jockey Club, Av. Lineu de Paula Machado, 1.263. **Quanto:** R\$ 150/R\$ 300. www.lollapalooza.com.br

O FESTIVAL NO BRASIL.

No melhor lugar para shows de São Paulo, o velho Jockey Club. Com algumas das melhores bandas do indie rock (TV on the Radio, Band of Horses, Joan Jett, MGMT). Com um padrão de organização "familiar", focado em serviços e até em shows para os filhos dos rockeiros. Bom, é o primeiro Lollapalooza no Brasil. Não é de perder. E tem o Foo Fighters (foto), sempre animal ao vivo. **JOTAÍRE MEDeiros**

PANORAMAS
Quando: De hoje até 17/6, 10h/20h (sáb. e dom., 15h/17h). **Início 21h.** **Onde:** MAM - Praça Alagoas, 903, telefone 3662-7198. **Quanto:** Grátis.

PAISAGENS HISTÓRICAS

Vistas do Brasil, como o detalhe da imagem da Praia de Botafogo realizada em 1893 por Marc Ferret (foto), estão na mostra *Panorama: A Paisagem Brasileira no Arquivo do Instituto Moreira Salles*, com obras realizadas entre 1820 e 1920. **CAMILA HOLINA**

HAMILTON DE HOLANDA E STEFANO BOLLANI
Quando: quarta, às 21 h. **Onde:** Teatro GEO Avenida Faria Lima, 201 (acesso pela Rua Coraúbas, 88), tel. 3728-4900. **Quanto:** De R\$ 80 a R\$150.

CONVERSA DE BAMBÁ

Uma química descontraída está ao centro das conversas entre o bandolim de Hamilton de Holanda e o piano do italiano Stefano Bollani. Tanto que o repertório dos dois é escolhido poucas horas antes do show – mera formalidade, sendo que os temas clássicos como *Chorinho Pra Ele* e *1 a 0*, ou composições originais de Hamilton, como a emotiva *Beleza Brasil*, são meros pontos de partida para belos rascantes improvisados. **ROBERTO NASCIMENTO**

EQUUS
Quando: 6º, às 21h30; sáb., às 21h; dom., às 20h. Até 17/7. **Onde:** Teatro Folha, Av. Heliópolis, 618, telefone 3823-2323. **Quanto:** R\$ 40/ R\$ 60.

AVOLTA DO CLÁSSICO

Na reabertura do Teatro Folha, Leonardo Miggiolin (foto) e Elias Andreito interpretam o rapaz transformado e o pesquisador de *Equus*, peça que estreia em 1973 nos EUA e garante o prêmio Tony a seu autor, Peter Shaffer. **UBIRATAN BRASIL**

SINFÔNICA HELIÓPOLIS
Quando: Quarta-feira, às 21 h. **Onde:** Sala São Paulo, Praça Alagoas, 903, tel. 3223-3966. **Quanto:** R\$ 20/ R\$ 30.

HELÍÓPOLIS NA SALA

A Sinfônica de Heliópolis faz o segundo concerto de sua temporada na quarta, na Sala São Paulo. O grupo será regido por Isaac Karabchevsky (foto) e terá como solista o violonista Daniel Gusdin. No programa, Tchaikovsky e Dvorak. **JOÃO LUIZ SAMPAIO**

THE ULTIMATE FIGHTER BRASIL™

O MAIOR REALITY DO MUNDO DA LUTA.

Vitor Belfort

Wanderlei Silva

16 lutadores confinados em uma casa disputam um contrato com o UFC, o maior campeonato de MMA do mundo.

Liderados por lendas do esporte, em times rivais.

Assista também no Multishow

Terças às 21h30 e quartas às 18h.

*Canal 42: via Azem, CTBC, Net, Sim TV, SKY TV e Via Embratel. Canal 342 na Telefônica.

Figura 1 – coluna de 1º de abril de 2012

seleção da semana*

THE VACCINES
Quando: Quartá, às 23 h. Onde: Cine Jota, Praça Carlos Gomes, 82, I. Berrini, telefone: 3231-3705. Quanto: R\$ 90.

O VIRÓTICO THE VACCINES

Escalados para tocar nos badalados festivais Reading, Coachella e Leeds, eles primeiro serão nossos. Os ingleses do Vaccines, admirável quarteto surf-punk que infectou os ovidos jovens da Inglaterra nos últimos dois anos, toca nesta quarta-feira no Cine Jota. É bom aproveitar, porque eles estão há 19 meses tocando sem parar pelo mundo e, logo depois, devem entrar em estúdio para gravar seu segundo disco, segundo disse ao **Estadão** o vocalista Justin Hayward-Young.



Surf-punk. Com ecos de Ramones e Velvet Underground.

Ecoss de Ramones e Velvet Underground pontuam o som dos Vaccines, que esculta o produtor Ethan Johns para barulhar seu novo trabalho. "Amamos os discos que ele fez com o Kings of Leon e o Ryan Adams", disse Justin. O grupo deve jogar uma peladinha de futebol por aqui,

na terça-feira. "Sinto que o Brasil tem um verdadeiro espírito rock'n'roll", diz o cantor, que sintetiza da seguinte maneira o ideário da banda: "Nosso intuito é empurrar adiante a tradição do pop clássico". Esta semana, veremos se ele tem razão. **JOTA** **MEDEIROS**

ARISTÓDEMO BECHERINI E CARLOS MOREIRA
Quando: De 21/4 a 29/7, 3ª a dom., 9h-17h. Onde: Casa da Imagem, Rua Roberto Simonsen, 138-B, centro, tel. 3108-5127. Quanto: Grátis.



IMAGENS DA CIDADE

Fotografias inéditas feitas em São Paulo, entre os anos 1920 e 50, por Aristódeles Becherini, além de registros de um dos locais mais conhecidos da metrópole, a Praça Ramos de Azevedo, pelo fotógrafo Carlos Moreira (68), são as obras que a Casa da Imagem exibe a partir de sábado. Destaque ainda para a instalação com jarras e cabeleiras criadas por Ana Paula Oliveira para o Beco do Pinto. **CAMILA MOLINA**

A DORBA SCHUMANNIANA
Quando: 4ª e 6ª, às 21h30; sáb. e dom. (22), às 18h e 19h30. Onde: Sesc Pompeia, Rua Cefaléia, 83, 0871-7700. Quanto: Grátis (ingresso 3h antes).



SCHUMANN MULTIMÍDIA

Artes plásticas e música se misturam no concreto instalação que o duo formado pelos pianistas Heloise e Amilcar Zanin realiza a partir de quarta-feira em homenagem à vida e obra do compositor alemão Robert Schumann. **JULIO LUIZ SAMPAIO**

FÓDO-FÁTIO
Quando: De 21/4 a 27/5, 6ª e sáb., às 21 h, dom., às 18 h. Onde: Sesc Santana, Av. Luiz Dumont Villares, 578, tel. 2091-8700. Quanto: R\$ 5; R\$ 20.



MITO REVISITADO

O mito de Fausto é revisitado pelo dramaturgo Samir Yazbeck em Fogo Fátio. No espetáculo, em que Yazbeck também aparece como ator, o protagonista surge como um escritor, em busca de reconhecimento. No elenco também está Helio Cicero. A direção é assinada por Antônio Januzzi, com cenografia de Laura Carone e figurino de Telami Helfen. **MARIA ESTRELA DE MENEZES**

ANTIBALAS ORCHESTRA E BIXIGA 70
Quando: quinta-feira, dia 18. Onde: Cine Jota, telefone 3231-3705. Quanto: De R\$ 60,00 a R\$ 120. Mais informações no site www.cinejota.com.br.



DISCÍPULOS DE FELA

A orquestra Antibalas mantém acesa a chama rítmica de Fela Kuti desde o fim dos anos 90. Tocam no Cine Jota com o Bixiga 70, expoentes da recente onda de bandas brasileiras que operam da mesma forma. **ROBERTO NASCIMENTO**

VIVO OPEN AIR
Quando: De 17/4 a 6/5 - <http://www.vivoopenairbrasil.com.br/programacao/>. Onde: Jockey Club, Avenida Lineu de Paula Machado, 1.262. Quanto: R\$ 40.



A MAIOR DO MUNDO

O maior festival de cinema ao ar livre do mundo comemora uma década com novidades. Além de levar para o Jockey Club a maior tela do mundo, com 245 metros quadrados, terá shows e filmes animados por D3 Dinâmicos. **FLAVIA QUEIROZ**

JOVEM SUNDAY PAN FESTIVAL
GARANTA JÁ O SEU INGRESSO.

MANU GAVASSI **CINE**
RESTART
APRESENTAÇÃO: DUO SURITA

15 DE ABRIL NO HSBC BRASIL

HSBC Brasil

TRANSPARÊNCIA FISCAL
4003 1212 | www.hsbc.com.br

180 RECOMENDADO PARA MENORES DE 14 ANOS

R. Bragança Paulista, 1281 | www.hsbcbrasil.com.br | GRUPOS: (11) 9646-2120

Manequins do 40 ao 56
BONITA E BARRIGA LINA T 27387818
JARDIM: BARRIO NACIONAL
AVENIDA: 1076 T 27387818
COMPLETA E EXCLUSIVA
www.manequins.com.br

Special size
LANÇAMENTO DE COLEÇÃO
MANEQUINS 44 AO 62
Rua Galvênia, 1423 - Moema
11.5093.2951 / 11.3311.7706

ELDORADO BRASIL 3000
A cada dez compras, ganhe um presente.

Spampy
Tamanhos do 42 ao 56
Casual • Social • Esporte • Moda Praia
Shopping Center Lapa:
R. Caspary, 272 - Lapa - São Paulo - SP
Fones: 3862-8463 / 3865-6017
(Aberto também aos domingos, das 14h às 20h)
Pompéia: R. Tucuna, 1.094
Fones: 3863-8478 / 3863-9232
Indicador de qualidade de atendimento

Mãe... não importa a medida, elegância é fundamental.

O Balcão de Anúncios do Estádio no Shopping Iguatemi mudou.
Agora estamos no 3º Piso - Atendimento de Serviços Especializados, aos 19h de 2ª a 7ª feira e das 18h às 20h.

Publicidade Legal - Fombras Classificadas - Noticiário

Ligue e anuncie: **3815-3523**
ESTÁDIO

Figura 3 – coluna de 15 de abril de 2012

seleção da semana*

SETE DIAS COM MARILYN
Direção: Simon Curtis (Inglaterra/ 2011, 99 min.).
Elenco: Michelle Williams, Eddie Redmayne, Julia Ormond. Estreia prevista para sexta.

MARILYN REVISITADA

Em 1957, Marilyn Monroe já era a maior estrela de Hollywood, mas vivia um drama íntimo. O cinema fitou dela um mito sexual, o maior de todos, e Marilyn queria ser respeitada como atriz. Tudo ocorreu rapidamente - ela foi ter aulas de interpretação no Actor's Studio, casou-se com o dramaturgo Arthur Miller - e aceitou interpretar a comédia *The Prince and the Showgirl* na Inglaterra, com direção de Laurence Olivier.
O filme foi lançado no Brasil como *O Príncipe Escocês*. Vendeu mal. Deu, anos mais tarde, origem a um livro de Colin Clark, o assistente pessoal de Mr. Olivier. Clark fez de sua semana com Marilyn o acontecimento de sua vida. Hollywood fez um filme sobre o assunto.



Platinada. Michelle Williams como o mito Marilyn

Michelle Williams, em princípio, não se assemelha a Marilyn. Mas, platinada, ela se metamorfoseia em MM e coloca na tela a sensualidade e também a vulnerabilidade da mulher mais desejada do mundo. Williams foi indicada para o Oscar de atriz. Perdeu para a dama de ferro Meryl Streep. OK, Meryl era imbatível, mas

ninguém teria reclamado de uma eventual vitória da ex-sra. Heath Ledger.
Kenneth Branagh foi indicado para melhor coadjuvante. Como shakespeareano profissional, ele tem de se medir o tempo todo com o mito Laurence Olivier. Sua recriação de "Larry" é genial. / **LUÍZ CARLOS MERTEN**

NADA SURF
Quando: Quarta, às 23 h. Onde: Cine Ubia. Praça Carlos Gomes, 82, centro, telefone 3231-3705.
Quando: R\$ 60/ R\$ 120.



TUDO TUDO É SURF

Era um garoto que, como a gente, amava Blyde, Talking Heads e Teenage Fanclub. Matthew Caw, líder do Nada Surf, 18 anos de estrada, colocou essas coisas em campo para criar um rock alternativo harmônico e melódico. Chegou com disco fresco, *The Stars Are Indifferent to Astronomy* (Iner). Dava de ver foi o ingresso mais rápido a registrar-se na breve história do Cine Joia. / **JOTAIRÉ MENEZES**

AMILCAR DE CASTRO
Quando: De 27/4 a 9/6, 2ª a 6ª, 10h30/19 h, sáb. 11h/20 h. Onde: Galeria Marília Razuk, R. Jerônimo da Veiga, 121b, tel. 3279-0853. Quando: Grátis.



CORTES E DOBRAS

A série completa de esculturas em metal na qual o mestre Amílcar de Castro (1920-2002) desenvolveu sua pesquisa de "cortes e dobras" é o destaque da mostra que a Galeria Marília Razuk apresenta para celebrar 20 anos de atividade. / **CAMILA HOLINA**

SEMPRE UM PAPO
Quando: Terça, às 20 h. Onde: Sesc Vila Mariana, Rua Pelotas, 141, telefone 5080-3000. Quando: Grátis.

FICÇÃO E REPENTE

Um dos principais divulgadores da literatura nacional, Marcelino Freire é também um renomado escritor. Sobre essa trajetória em paralelo, ele vai conversar com o público na terça-feira, em mais uma edição do valeroso evento Sempre um Papo. Freire também vai lançar seu livro *Amor e Crime* (Editora Edêr), resumo de 14 pequenos romances que misturam ficção e o repente nordestino. / **UBIRATAN BRAGA**

FEDEGINDA
Quando: Sábado e domingo, às 16 h. Até 27/5. Onde: Teatro Vivo, Avenida Dr. Chuzi Zaidan, 860, telefone 7400-1520. Quando: Grátis.



UMA VIAGEM POÉTICA

Com texto e direção de Karen Acioy e ainda música ao vivo, acaba de estreiar em São Paulo o espetáculo *Fedeginda*. Nela, uma garota sonhadora descobre que está sem coração e sai em uma viagem fantástica para procurá-lo. / **ELIANA SILVA DE SOUZA**

OSESP
Quando: 5ª e 6ª, às 21 h, sáb., às 16h30. Onde: Sala São Paulo, Praça Júlio Prestes, 18, tel. 3223-3866. Quando: R\$ 20/ R\$ 140 (sessão 5ª, 10 h - R\$ 10).



BERNSTEIN NA OSESP

O maestro japonês Eiji Oue (foto) e a meio-soprano brasileira Edinlia de Oliveira são as atrações da Osesp a partir de quinta. Os dois vão interpretar a *Sinfonia n.º 1 - Jermolov*, de Leonard Bernstein, de quem Oue foi aluno. / **JÃO LUÍZ SAMPAIO**

ANTENA 1.

UMA DAS RÁDIOS MUSICAIS MAIS OUIDAS NO MUNDO.

Segundo o sistema Shout Cast que monitora mais de 60.000 rádios on-line ao redor do mundo a Antena 1 é a mais ouvida entre todas.
Baixe o nosso aplicativo para iPhone e iPad.
Antena 1 a melhor programação musical do rádio e da internet também.




www.antena1.com.br

paladar

Todas as dicas de como beber e comer bem. As melhores receitas, segredos culinários dos grandes chefes de cozinha, bastidores de restaurantes e o melhor da gastronomia.

Toda quinta no Estádio.



Figura 4 – coluna de 22 de abril de 2012

seleção da semana*

LUZ NAS TREVAS - A VOLTA DO BANDIDO DA LUZ VERMELHA
Direção: Helena Ignez e Ícaro Martins. **Elenco:** Dijn Spangleria, Ney Matogrosso. **Estreia sexta**

O 'BANDIDO' REINVENTADO

Parceira, na arte e na vida (por 35 anos!) de Rogério Spangleria, Helena Ignez é a primeira a admitir que filmar o roteiro do ex-marido se tornou para ela uma necessidade vital. Você vai ter agora a oportunidade de avaliar um dos mais belos filmes brasileiros recentes. A questão é: Luz nas Trevas tem perfil para se tornar competitivo no mercado? É a última questão com que você deve se preocupar. Há um cinema independente, de autor, que consegue ser 'prazeroso'.
 E o caso de Luz nas Trevas. O filme retrata personagens do cultuado O Bandido da Luz Ver-



Ney. Refazendo o personagem que foi de Paulo Vilela

melha, que Spangleria realizou em 1968, na Boca do Lobo. Ney Matogrosso refaz o personagem que Paulo Vilela interpretou no filme antigo e Luz Vermelha continua sendo decisivo na trama. Mas o filme é agora centrado em seu filho, Lucas. Trevas dialoga com O Bandido da Luz Ver-

melha. Você não precisa conhecer o filme antigo, mas desfrutará mais as referências e aproximações. Helena Ignez é a autora. Divide a direção com Ícaro Martins. Sua filha, Dijn Spangleria, e o novato André Guerreiro Lopes formam uma dupla luminosa e cheia de criatividade. **LUCAS CARLOS HEITEN**

SÓNAR
Quando: Dia 11, às 19 h dia 12, às 15 h. **Onde:** Parque Anhembi. Av. Glauco Fontoura, 1.209. **Quanto:** R\$ 250/R\$ 400. **www.sonarsaopaulo.com.br**



BLAKE, SOUL BRANCO

Uma deliciosa criação da música contemporânea vai mostrar sua cara no festival Sónar, entre gigantes como Kraftwerk e Sakamoto. Trata-se do britânico James Blake, cujo amálgama musical já foi chamado de pós-dubstep, white soul, trip gospel e outros rótulos. Canta divirtidamente, como Jeff Buckley, toca teclado e insere em a digital com cores de conservatório. **Franziska J. ARTAUD MESSIAS**

OSESP
Quando: 9 e 21 h sáb. 10h30. **Onde:** Sala São Paulo, Praça Júlio Prestes, 16, tel. 3223-3866. **Quanto:** R\$ 26/R\$ 149 (ensaio 5f, 10 h - R\$ 10).



NOITES RUSSAS

O violista David Aaron Carpenter (foto) é o solista das apresentações desta semana do Osesp. Vai tocar o concerto de Schmitt, regido por Roberto Tibirica. Na segunda parte, a Partita de Tchaikovski. **JOÃO LUZ SAMPAIO**

ANTONY GORMLEY - CORPUS PRESENTES
Quando: De 12/5 a 15/7, 9 a 18h, 9h/21h.
Onde: Centro Cultural Banco do Brasil, Rua Álvares Penteado, 112, tel. 3113-3651. **Quanto:** Grátis.



UM ESCULTOR

A semana da feira SP-Arte, na Bimbal, é das mais movimentadas do circuito. Galerias e museus inauguram mostras e o próprio evento reúne, nesta 8.ª edição, 130 estandes expositores. Dessa programação intensa, o destaque vai para Corpus Presentes, primeira grande exposição do escultor inglês Antony Gormley (foto) no País. Além da retrospectiva no Centro Cultural Banco do Brasil, ele é contemplado na cidade com mostra paralela organizada por sua galeria, a britânica White Cube. **CAMILA MOLINA**

A GAROTA DO ADEUS
Quando: Sáb. 21/05, sábado, 21h; domingo, 18h. **Até 5/8. Onde:** Teatro Romenesco, Alameda Santos, 2.233, tel. 3069-2286. **Quanto:** R\$ 70/R\$ 80.



OPOSTOS SE ATRAEM

A atriz Gabriela Duarte estreia, na sexta-feira, a comédia romântica A Garota do Adeus. É a primeira vez que o texto de Neil Simon será encenado no teatro - no cinema foi sucesso em 1977. Elias Andreato assina a direção. **ELIANA SILVA DE SOUZA**

PIRATAS PIRADOS!
Direção: Peter Lord e Jeff Newitt. **Gênero:** Animação (EUA-Brasil Urubá) 2012, 88 minutos.
Estreia prevista para sexta.



PURA AVENTURA

O Capitão Pirata é o terror dos sete mares, mas ele quer mais, muito mais. Ele cogita o pirata do ano? Mas para isso precisa, de qualquer forma, derrotar seus grandes rivais, o que o levará a uma ilha exótica e repleta de perigo. **J.E.S.**

Dormir bem é o melhor presente

Specialista em Colchões

Firme & Forte

Personal espuma. Alta taxa, com um lado firme e outro extra firme. Colchão de Espuma D90 e D45. Tecido com algodão e fibras de bambu.

Medida	Colchão 10x	Colchão 12x
Altura do colchão: 20cm	3.881,88 1.096,196m 1.464,146m	3.881,88 1.117,117m 1.545,154m
Altura do colchão: 27cm	3.581,88 1.016,116m 1.384,138m	3.581,88 1.137,137m 1.505,150m

OrthoSupport

Molde Certiman: maior quantidade de molde, melhor apoio ao corpo. Tecido em malha com fibras de bambu. Altura do colchão: 27cm.

Medida	Colchão 10x	Colchão 12x
Altura do colchão: 20cm	3.881,88 1.096,196m 1.464,146m	3.881,88 1.117,117m 1.545,154m
Altura do colchão: 27cm	3.581,88 1.016,116m 1.384,138m	3.581,88 1.137,137m 1.505,150m

My Comfort

Equipamento de alta resiliência, que proporciona a firmeza do molde. Sistema que personaliza os movimentos durante o sono, otimizando naturalmente o conforto e o bom estar, não propiciando a circulação sanguínea.

Medida	Colchão 10x	Colchão 12x
Altura do colchão: 20cm	3.881,88 1.096,196m 1.464,146m	3.881,88 1.117,117m 1.545,154m
Altura do colchão: 27cm	3.581,88 1.016,116m 1.384,138m	3.581,88 1.137,137m 1.505,150m

Medidas Especiais: "Entrega com hora marcada" - "Dois colchões, nós retiramos"

0800-0139433 - www.copelcolchoes.com.br - blog.copelcolchoes.com.br

São Paulo
 Zona Norte - 11 2979-0886
 Cachoeirinha - 11 2953-2982
 Shop Lar Center - 11 2262-3074
 Tatuapé - 11 2293-6228
 Zona Sul
 Jardim América 1 - 11 2680-8883
 Jardim América 2 - 11 2680-4377
 Morumbi 1 - 11 2680-1204
 Morumbi 2 - 11 2624-9879
 Morumbi 3 - 11 2680-0764
 Morumbi 4 - 11 2625-8884
 Niterói - 11 2328-4421

Campos Limpo - 11 5863-8977
Vila Mariana - 11 5075-4020
Santa Aneta - 11 5048-4477
Shop Interlagos - 11 5064-4032
Jaboticabal - 11 5058-0974
Shop OAS - 11 5152-2214
Santa Inês - 11 5020-0476
Zona Leste
 Taboão - 11 2682-6885
 Tatuapé - 11 2296-8022
 S. Miguel Paulista - 11 2291-1285
 Mooca - 11 2682-2405
 Vila Carlos - 11 2090-8830
Shop. Shopping Aricanduba - 11 2253-0888
Zona Oeste

Pirêneas 1 - 11 3812-9020
Pirêneas 2 - 11 3898-0837
Pirêneas 3 - 11 3296-2481
Lago 1 - 11 3834-3336
Lago 2 - 11 3833-6368
Shop CasaMóvel - 11 3834-2288
Shop O. P. Mo. Mooca - 11 3227-8208
Panorama - 11 3863-3860
Carapicuíba - 11 3275-4040
Santa Carolina - 11 3901-4934
Grande São Paulo
Santa Carolina - 11 3240-2102
Sorocaba 1 - 11 2229-9469
Sorocaba 2 - 11 4421-7838

Santa André 1 - 11 4426-8742
Shop Interlagos - 11 2425-5232
Magalhães Castro - 11 4758-9700
Osasco - 11 3883-7143
S. Bernardo do Campo - 11 4422-4084
Shop ABC - Rio Mauá - 11 4427-4288
Bananeiras - 11 4232-8880
Suzano - 11 4748-2332
Itapetininga
Sorocaba 1 - 11 3222-9489
Sorocaba 2 - 11 3282-2282
Ribeirão Preto 1 - 11 3622-0440
Ribeirão Preto 2 - 11 3622-4239
São José do Campos - 11 3913-1766
Shop Parque D. Pedro - 11 3289-2877

Campos Shopping - 11 3208-3444
Shop. Ribeirão - 11 3617-0890
Brasília
Shop. Casa Park - 61 3363-2782
Rio de Janeiro
Capotaquara 1 - 21 2549-8979
Capotaquara 2 - 21 2539-2262
Casa Shopping - 21 2308-6388
Shop. do Saco - 21 2307-0799

Terminações Aliberto
CALÇADOS ESPECIAIS
 128 modelos - vários estilos
 Como Amado, Nike, etc.

Qualidade e Preço - Preço e Qualidade
 Investimento em Qualidade - Qualidade em Investimento
 - Condições de Pagamento - Serviço ao Cliente
 - Atendimento Especializado - Atendimento ao Cliente
R. Coronel Braga, 513 - Vila Yaté - SP - 11 3284-0220
 www.sapatossupermedida.com.br

Sabor e tradição
 culinária brasileira
 em um
 ambiente
 sofisticado

O Balcão de Anúncios do Estádio no Shopping Iguatemi mudou.

Agora estamos no 3º Piso
 Alameda de São Carlos
 Shopping Iguatemi, das 10h às 20h
 (segunda-feira, das 10h às 19h)
 (terça-feira, das 10h às 20h)

Ligue e anuncie! (11) 3815-3523
 ligue@iguatemi.com.br

Figura 6 – coluna de 6 de maio de 2012

seleção da semana*

ORÇESTRE DU CAPITOLE DE TOULOUSE
Quando: Terça e quarta, 21h. Onde: Sala São Paulo. Pça. Júlio Prestes, 16. tel. 3223-0327. Quanto: R\$ 100/ R\$ 300.

O DUDAMEL EUROPEU

A rivalidade entre maestros é tão antiga quanto a profissão - de forma que é provável que o russo Yury Sokhiev não vá gostar muito da comparação. Mas não seria exagero chamá-lo de uma espécie de Dudamel europeu. Ambos estão na faixa dos 30 anos - e já há uma década ocupam postos importantes à frente de orquestras europeias. Verdade que o venezuelano tem por trás de sua trajetória o El Sistema, projeto de educação mundial que tomou de assalto o cenário da música clássica internacional. Mas, no final das contas, espera-se também de Sokhiev (e de outros colegas de regência e geração) a capacidade de devolver dinamismo e certa aura de novidade à atividade sinfônica.

Sokhiev é diretor musical da Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, um dos mais tradicionais da França, nomeado pelo maestro Michel Plasson no ano de 2007. É com ele que desembarca na terça e quarta para concertos na Sala São Paulo,



Sokhiev. Obras russas e francesas na Sala São Paulo

dentro da temporada da Cultura Artística. No segundo semestre, ele assume também a Orquestra Sinfônica Alemã de Berlim que, por coincidência, também está no Brasil - faz concertos hoje ao vivo no Parque do Ibirapuera (a partir das 19 horas) e amanhã e terça no Teatro Municipal, sob regência de outro russo, naturalmente também de Vladimir Ashkenazy.

Nos concertos em São Paulo, Sokhiev - que foi aluno, entre outros, de Yuri Temirkanov - regerá programas que misturam autores russos e franceses - com um húngaro de quebra. Na terça, toca Debussy (L'Après-midi d'un Faune), Ravel (Concerto para Piano em Sol, com solos de Bertrand Chamone) e Berlioz (Symphonie Fantastique); na quarta, Mussorgsky (A Noite na Taverna), Kowalevich e Quadros de uma Exposição, Liszt (Concerto para Piano nº 1), novamente com solos de Chamone; e, em vez de uma planta francesa que no ano passado lançou elegiada verso dos Amélie de Pálerme do compositor, JOÃO LUIZ SAMPAIO

AMANTE
Quando: Sábado, 20h; sábado, 18h e 20h e domingo, 18h. Até 1/7. Local: CCBB. Rua Álvares Penteado, 112, telefone: 3113-3651/52. R\$ 6



INVESTIGAÇÃO POÉTICA

Inspirado livremente no romance A Amante Inglês, de Marguerite Duras, a peça Amante mantere e estrutura do original, mas o diretor e adaptador Roberto Alvim propõe "um jogo delirado, no qual cada palavra conduz para novos caminhos, um jogo no qual as personagens se perdem e tempo todo", segundo suas próprias palavras. Assim, Caco Ciocca, Juliana Galvão e Bruno Ribeiro vivem uma história real ocorrida na França envolvendo um assassinato brutal cometido por uma mulher. JUBRATAN BRASILEIRO

LASAR SEGALL - VIÓDES DE GUERRA
Quando: De 18h a 12h. 3ª a 5ª, 12h/19h dom, 11h/19h. Onde: Centro da Cultura Jurídica. Rua Oscar Freire, 2.300. 3085-4331. Quanto: Grátis.



MEMÓRIAS DO HORROR

Série de 75 desenhos feitos por Lasar Segall nos anos 1940s. Vídeo de Guerra será exibida no Centro da Cultura Jurídica. São obras dramáticas, que estarão na mostra dialogando com outras criações do artista, como Pigmalião (detalhe). REANILIA MOLINA

WITTORIO GARATTI
Quando: 3ª (18h/5), às 19h/30. Onde: Museu da Casa Brasileira. Av. Faria Lima, 2.705, Jardim Paulistano, tel. 3032-3721. Quanto: Grátis.

GARATTI NA CIDADE

Um dos autores de uma obra arquitetônica emblemática da revolução cubana, a Escola Nacional de Arte do Terceiro Mundo, o arquiteto italiano Vittorio Garatti, de 84 anos está na cidade. Ele fala sobre as circunstâncias históricas, entre 1960 e 1965, que geraram a obra cubana - as blit-ne globalizantes do Internacional Style, a crise modernista, a necessidade de se reafirmar o ensino artístico. Garatti vive em Milão e é um dos pensadores-chave de sua atividade hoje. JOSTAR HEIDEROS

BLILI E O POTE VAZIO
Quando: Sábado e domingo, às 16h. Até 27/5. Onde: Teatro Alfa. R. Bento Branco de Andrade Filho, 722. S. Amaro 5693-4000. Quanto: R\$ 30.



SABEDORIA MILENAR

Bachibodó melhor espetáculo infantil pelo Prêmio Fênix. Bili e o Pote Vazio é inspirado em uma lenda chinesa e utiliza diversas técnicas de linguagem cênica. Com a Companhia do Centro da Terra. FELIANA SILVA DE SOUZA

O QUE EU MAIS DESEJO
Direção: Hirokazu Kore-eda (Luzbul) 2011, 128 min). Elenco: Kiki Maeda, Oshirô Maeda, Piyo Hayashi. Estreia prevista para sexta.



FAMÍLIA EM DEBATE

Um dos grandes autores do atual cinema japonês, Hirokazu Kore-eda se interroga sobre a família moderna e a tradicional. O Que Eu Mais Dejo é sobre garoto que espera que a construção de to-dolva retine sua família. LUZ CARLOS WERTON

Literatura. Perfil

Hillel Italie / AP
GRAND VIEW ON HUDSON
NOVA YORK

O Rio Hudson se estende como o sol nos fundos da casa de Toni Morrison, iluminado e infinito nessa tarde estranhamente cinzenta para a estação. "É interessante e calmo, e muda constantemente", conta Toni.

A ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura vive nesta casa desde o fim dos anos 70. O compromisso dela com o imóvel foi posto à prova quando a casa pegou fogo em 1993, um incêndio que destruiu tudo. Mas ela reconstruiu a casa e tornou-a ao mesmo tempo espaçosa e íntima, com estantes de livros e quadros, plantas e esculturas, um pátio, um atacado particular.

Aos 81 anos, Toni mostra um temperamento informal, com uma risada fácil. Poderia ser tomada por uma vizinha pronta para a jardinagem até vermos as fotos de Toni ao lado de James Baldwin e Gabriel García Márquez, entre outros, ou descobriremos que a mesa de madeira perto da cadeira deca foi um objeto de cena na adaptação para o cinema de Amada (Ben-Amadi, nas telas), seu romance que ganhou o Prêmio Pulitzer.

Toni não precisa se preocupar com o reconhecimento. Os jurados do Nobel a honraram e o mesmo fez Oprah Winfrey, cuja decisão de incluir as obras dela em seu clube do livro ajudou os romances da autora a venderem milhões de exemplares. Dois nomes envolvidos na disputa presidencial, Barack Obama e Hillary Clinton, procuraram o seu apoio em 2008, e Obama deve em breve presentear-lá com uma Medalha Presidencial da Liberdade, a mais elevada honraria oferecida a um civil nos EUA. A sua peça



UM PAÍS CHAMADO LAR

De sua casa à beira do Hudson, Toni Morrison revê a América dos anos 50

A autora. "Preciso da escrita para me manter firme, do ponto de vista emocional", diz a Prêmio Nobel de 1993

Song of Solomon e outras obras de Toni, o livro é uma jornada e um acerto de contas. Money vai de ônibus do norte da costa do Pacífico até Chicago e então até sua terra natal em Lotus, Geórgia, "o pior lugar do mundo", onde "ninguém sabia nada nem queria aprender coisa nenhuma". Nessa viagem, ele se depara com a violência, a segregação e a arbitrariedade da polícia.

Toni, nascida em Ohio, nunca morou na Geórgia. Mas, para escrever Home, ela recorreu às histórias contadas pelo pai, nascido lá, e às próprias memórias do sul quando ela estava na Universidade Howard, em Washington. Depois de se formar, trabalhou como editora da Random House, estranhando como autora com o romance O Ódio Mais Azul (1970). Sua carreira mudou com Song of Solomon, obra que ganhou o prêmio John Leonard, do New York Times, que chamou de obra-prima. O nome dela alcançou alturas ainda maiores. Amada ganhou o Pulitzer em 1988. O Nobel veio cinco anos mais tarde.

Em seu próximo romance, planeja falar sobre um intelectual negro, afastando-se dos personagens de baixa escolaridade que costumam aparecer na sua obra. "Quando não estou pensando num romance, ou o escrevendo, sinto-me mal. Preciso (da escrita) para me manter firme, do ponto de vista emocional", diz. "Quando terminei O Ódio Mais Azul, não fiquei satisfeita. Minha vontade era escrever sobre a amizade entre mulheres. (A adaptação de 'Sala', seu segundo romance) É subterrâneo, o mundo parecia um lugar muito interessante. Tudo o que havia nele era algo que eu podia usar ou descartar. A questão é - e assim que vivo aqui. Creio que este é o meu lar." / TRANSCRIÇÃO DE AUGUSTO CALA

Figura 7 - coluna de 13 de maio de 2012

seleção da semana*

16º FESTIVAL CULTURAL INGLESA
Quando: De 25/5 a 1/6. Onde: vários locais na Capital e interior do Estado - <http://festival.culturainglesa.org.com.br>. Quanto: Grátis.

INVASÃO BRITÂNICA

Era uma vez um festival meio modesto, com pista de dança. De repente, ele mudou, está esperando 60 mil espectadores para este ano e escolheu um time de bandas que pode rivalizar com as grandes mostras de São Paulo. A 16ª edição do Festival da Cultura Inglesa começa nesta sexta-feira e pega fogo com o rock'n'roll no domingo. Às 10h30 da manhã, no Parque da Independência (quem abre a jornada é o grupo Freetech e as bandas de alunos da instituição).

A partir daí, começa o desmembramento britânico, com We Have Band (banda eletrônica de Manchester), The Horror (filhotes do Cramps) e a excentrica Franz Ferdinand (uma das mais influentes da última década). Frens que bate papo com



O grupo Franz Ferdinand. De volta ao Brasil

o cineasta Julian Temple, do clássico *Absolute Beginners* (que será realizado no dia 26, às 16 horas, no Centro Cultural Ilan, arco), foi cancelado. O pai de Temple morreu, e o filme de ficção em Londres. O festival conta ainda com três jornadas de cinema, a Mostra Bowie no Cinema e a Mostra

FLORES DO ORIENTE
Nome original: *The Flowers of War*. Direção: Zhang Yimou. Gênero: Drama. China-Hong Kong/2011. 148 min. Classificação: 14 anos



AMOR E GUERRA

Flowers of War é o novo filme do chinês Zhang Yimou, cuja obra encantou o mundo no início dos anos 1990 por sua estética visual apurada. É a sua obra mais recente, baseada em fatos reais, quando um norte-americano (Christian Bale) se passa por padre para salvar um grupo de mulheres num convento durante a invasão japonesa da China, em 1937. **LUC ZAVAI BORGHO**

LANG LANG
Quando: Hoje e 3ª. às 21 horas. Onde: Sala São Paulo, Rua Mauá, 51, tel. 3223-3665. Quanto: De R\$ 140 a R\$ 330. Ingressos esgotados



FENÔMENO CHINÊS

O pianista Lang Lang desembarca em São Paulo para dois concertos para a Sociedade de Cultura Artística. Hoje e terça, o programa é o mesmo: Bach (Partita n.º 1), Schubert (Sonata, Op. 90) e Chopin (12 Estudos, Op. 25). **JULIO LUIZ SAMPÃO**

DETILHO
Quando: 4ª, às 19h30. Onde: Livraria da Vila - Fradique, Rua Fradique Coutinho, 915, telefone 3814-8954. Quanto: Grátis.

PAPO DE BIÓGRAFOS

Especialista em biografias de personagens empolgantes, Lira Neto consumiu dois anos e meio de trabalho para finalizar o primeiro volume sobre a trajetória de Getúlio Vargas. O projeto, editado pela Companhia das Letras, prevê outros dois livros, que serão lançados até 2014. Para discutir suas percepções, Lira vai conversar com outro biógrafo, Fernando Moraes, em um papo na Livraria da Vila da Fradique Coutinho. **VERONICA BRASK**

JUCAZÉCALU
Quando: Sábado e domingo, às 17h30. Até 15/7. Onde: Teatro Alfa, Rua Bento Branco de Andrade Filho, 772, tel. 5083-4000. Quanto: R\$ 30/ R\$ 15.



JACARÉ OU DRAGÃO?

Estreia no sábado o espetáculo infantil *Jucazécalu*, com direção de Carla Casaberto. Esta é a segunda encenação da Cia. Circo Mímico nesta área, e o boneco é que é uma história direcionada para crianças a partir de 3 anos. **ALIANA SILVA DE SOUZA**

MARINGELLI - PERCURSO GRÁFICO
Quando: De 26/5 a 28/7, 3ª a dom., 9h21 h. Onde: Caixa Cultural São Paulo, Praça da Sé, 111, tel. 3321-4400. Quanto: Grátis.



30 ANOS DE GRAVURA

Artista comprometido com a gravura, Francisco Maringelli estreia na Caixa Cultural, a partir de sábado, a mostra *Percurso Gráfico*. Sua obra figurativa e imagética é apresentada em tiragens coloridas e em preto e branco. **FRANCA ARAÚJO**

Special size
Coleção Outono/Inverno
MANEQUINS 44 AO 62
Rua Galvões, 1423 - Moema
11.5093 2951 / 11.3311 7706

Milan
Linha Fashion de sapatos
Ref. 20015 Ref. 20012 Ref. 9003
Al. N.º 1.382 - São Paulo www.milan-roupas.com.br Tel. 09 3008 8002/3023 522
Estabelecimento ao lado, no Fat. Adicione - Rua Des. Orla, 1.058

20% DE DESCONTO
NA LINHA OPANANKEN ANTISTRESS
Compre pela internet: www.seudei.com.br
Especial para diabéticos - Totalmente anatômicos - Couro legítimo
Feminino do n.º 34 ao 41 - Masculino do n.º 37 ao 47
KUNDALINI
Higienópolis - R. Alagoas, 720 Estabelecimento sem necessidade. (11) 3667-0636

Assinante, Não recebeu o seu Estado? ESTADO RESOLVE
Assessoria Especial do Assinante
Assessoria especializada para resolver
Do estado de origem formulado em
questionário enviado para o/assessoria
Se preferir via Chat em
assessoria@estado.com.br
Ou ligue e assista a ligação 24 horas, até às 6h30
4002 3322 - Chamada e ligação 100% gratuitas
0800 014 7722 - Chamada local/interurbana
Assessoria Especial

MUDE SEU VISUAL NA HORA!
SISTEMA CAPILAR NÃO CIRÚRGICO
PARA HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS.
AVALIAÇÃO GRATUITA!
Ideal para casos de
quimioterapia,
alopécias,
liquen plano e
queimaduras.
Conheça nossas
exclusivas
próteses femininas
de cabelo italiano.
VENHA SER NOSSO
PARCEIRO COMERCIAL!
Unidade Berrini
Tel. (11) 8102-4648
Unidade Alameda Santos
Tel. (11) 3141-0736
G.I.C.®
International Hair
www.gicinternationalhair.com.br

Figura 8 – coluna de 20 de maio de 2012

seleção da semana*

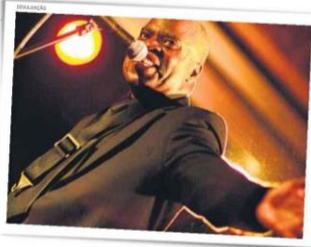
BMW JAZZ FESTIVAL
Quando: 5ª e sáb., 20h30. **Via Funchal.** Rua Funchal, 85, R\$ 60/R\$ 120. Dom. (10), 17h. **Auditério Ibirapuera.** Parque do Ibirapuera, ao ar livre. **Grátis.**

FUNK E JAZZ NO PARQUE

Domingo, às 17 horas, o Auditério Ibirapuera recebe o show gratuito dos lendários músicos da banda que acompanhava James Brown, o Padrinho do Soul: o saxofonista Maceo Parker, de 69 anos, e seus companheiros Fred Wesley e Pee Wee Ellis (a outra metade da tarde de The Clayton Brothers Quintet). O show será para a plateia externa, no lado de trás do Auditério Ibirapuera. O concerto integra a segunda edição do BMW Jazz Festival, maior mostra do gênero no País, que terá também shows fechados das mesmas atrações no Via Funchal.

A última vez que Maceo Parker veio a São Paulo foi em 2001, para um show no Olympia. Ele foi sideman de George Clinton e Bootsy Collins, entre outras lendas da música. A banda que Maceo traz consigo para tocar ao lado de James Brown é a que ele chama de "um time familiar" (e isso não é força de expressão): seu filho, o cantor Corey Parker, está nos vocais; seu sobrinho, Marcus Brown, é o baterista; o baixista é ninguém menos que Rodney "Riker" Curtis, que tocou no Parliament Funkadelic. Completam o time Dennis Rollins (trombone), Ron Tooley (trompete), Will Bouware (teclados) e Bruno Speight (guitarra).

Seus convidados especiais são o também saxofonista Alfred "Pee Wee" Ellis (70 anos) e o trombonista Fred Wesley (68 anos), que integraram com Maceo a famosa banda de acompanhamento de James Brown, The J.B.s. "Quando James Brown me



Brown. Saxofonista vem com sua banda lendária

DEUS DA CARNIFICINA
Direção: Roman Polanski. **Elenco:** Kate Winslet, Jodie Foster, John C. Reilly, Christoph Waltz. **Estreia prevista para quinta-feira.**



VERNIZ DE CIVILIDADE

Deus da Carnificina, peça de Yasmina Reza já montada no Brasil, ganha versão cinematográfica de Roman Polanski. A partir de um incidente banal, a briga de garotos na escola, com um deles ferido pelo outro, dois casais se entredoveram enquanto discutem o caso. O elenco, formado por Christopher Waltz, Kate Winslet, Jodie Foster e J.C. Reilly, dá show. O filme mostra qual técnica é verniz da civilização, sob o qual se escondem instintos belicosos. Polanski evita o tom de teatro filmado. **/LUIZ ZANNI BRUNO**

CESEP
Quando: 5ª e 6ª, 21h; sáb., 19h30. **Onde:** Sala São Paulo. Praça Júlio Prestes, 16, tel. 3223-3866. **Quando:** R\$ 26/R\$ 148 (5ª, 10h; ensaio R\$ 10).



BATUTA VETERANA

O veterano maestro Frank Shipway, depois de um programa dedicado a autores ingleses na semana passada, repete a partir de quinta, na Sala São Paulo, a Sinfonia nº 8 de Anton Bruckner. Com os músicos da Orquestra **JUÃO LUÍZ SAMPAIO**

MADAGASCAR 3: OS PROCURADOS
Direção: Eric Dardet. **Vozes:** Ben Stiller, Chris Rock, Jada Pinkett Smith, David Schwimmer. **Estreia prevista para quinta-feira.**



A TURMA VOLTOU!

Para alegrar a vida da criança, e dos pais também, estreia agora no festival Madagascar 3 - Os Procurados, terceiro filme da bem sucedida franquia. Nada mais começa o fim de semana prolongado se divertindo com as peripécias dos amigos Alex, o leão, Melman, a girafa, Marty, o zebu, e Gloria, a hipopótamo. Nesta nova aventura, eles continuam tentando voltar ao Zoo de Nova York. Só que agora terão de tomar cuidado com uma caçadora de animais. **/ELIANA SILVA DE SOUZA**

PROGRAMAS DE EXPOSIÇÕES
Quando: Até 5/6, 3ª e 6ª, 10h/20h; sáb. e dom., 10h/18h. **Onde:** Centro Cultural São Paulo. Rua Vergueiro, 1.000, tel. 3397-4002. **Quando:** Grátis.



ESPAÇO PARA A FOTO

O Programa de Fotografia é novidade no Centro Cultural São Paulo, que faz a 1ª mostra deste edital com obras dos selecionados Felipe Braga, Letícia Ramos, Lívia Ramos e Maura Grimaldi e dos convidados Edu Marín e Pállo Kinoll. **/CARLA MOLINA**

AS SUPPLICANTES
Quando: Sexta e sábado, às 21h; domingo, às 20h. **Até 19/7.** **Onde:** Club Noir. Rua Augusta, 331, telefone 3255-8448. **Quando:** R\$ R\$ 20.



ÉSQUILO COMPLETO

Não uma, mas todas as tragédias de Esquilo. A Cia. Club Noir estreia o ciclo Peep Classics: Esquilo, com as seis obras do autor grego. A reencenação de *As Suplicantes* abre a programação, que se estende até o fim do ano. **/MARIA EUGÊNIA DE MENEZES**

Special size
 Coleção Outono/Inverno
MANEQUINS 44 AD 62
 Rua Taquarita, 1423 - Moema
11.5093 2951 / 11.3311 7706

Milan
 Botas para mulheres e crianças
 Rua Monte Alegre, 635 - Perdizes
11.3868 3934 / 11.3675 4621

20% LOUCURA TOTAL! DE DESCONTO
 Especial para diabéticos. Totalmente anatômicos. Couro legítimo.
 Feminino do nº 34 ao 41. Masculino do nº 37 ao 47.
 Compre pela internet: www.inspedei.com.br
Higienópolis - R. Alagoas, 720. Estacionamento com monitoria. (11) 3667-0636

LEILÃO
 Dia 04 de Junho às 21:30 horas
Exposição: Hoje das 10 às 20hs.
 Al. Gabriel M. da Silva, 1644 - Tel.: (11) 3085-7488
 Segurança e Manobrista no local
Catálogo completo www.proartgaleria.com.br

PAMINY
Coleção Outono-Inverno 2012
 Rua Monte Alegre, 635 | Perdizes | São Paulo | 11 3868-3934 / 3675-4621

Figura 10 – coluna de 3 de junho de 2012

seleção da semana*

PROMETHEUS
Direção: Ridley Scott. Elenco: Charlize Theron, Michael Fassbender, Noomi Rapace, Patrick Wilson. Estreia prevista para sexta-feira

A REINVENÇÃO DO ALIENÍGENA

Numa entrevista com o repórter, em Londres, Ridley Scott disse que, cansado de assistir ao que considerava o desvirtuamento de sua série do alienígena, ele propôs à empresa Fox uma retomada da saga de Alien. O projeto demorou e, ao contrário da intenção original do diretor – uma sequência – virou uma prequel, mostrando justamente a origem do monstro do espaço. Prometheus já virou plágio na internet. O filme promete, mas não cumpre, anuncia os internautas. Não dá de ser verdade – em parte, mas o público que assistiu aos quatro primeiros filmes – o de Ridley Scott e, depois, os de James Cameron, David Fincher e Jean-Pierre Jeunet – dificilmente resistirá à tentação de conferir como tudo começou. Uma odisséia no espaço, ruína um planeta. A cientista Noomi Rapace, que comanda o grupo, acredita que seja um covite – de quem? Outros integrantes da expedição



Retomada. Ridley Scott está de volta à saga de Alien

têm uma agenda própria e, quando se trata de um empreendimento que custa bilhões de dólares, você pode estar certo de que alguns desses interesses são 'inconfessáveis'. Mistro de ação e indagação metafísica e existencial – na verne de 2001, Uma Odisséia no Espaço, de Ridley Scott –, Prometheus não nega fogo naquilo em que Ridley Scott excelsa. O visual é impressionante, inclusive a forma como o diretor reinventa o décor sombrio e o próprio

alien criado pelo artista H.R. Giger. Noomi Rapace, a garota com a tarantula do dragão (na verdade sacca dos best sellers), substitui a oficial Ridley (Sigourney Weaver) como heroína da trama. Scott continua apostando em mulheres fortes. Ele próprio diz que é uma herança de sua mãe. Charlize Theron é outro nome forte do elenco e, depois de Shane, de Steve McQueen, você não perde por esperar para ver Michael Fassbender como robô. / LUZ CARLOS MERTEN

BOM RETIRO 958 METROS
Quando: De 15/6 a 20/6. 5ª e sáb. 21h. dom. 19h. Onde: a partir da Oficina Cultural Oswald de Andrade (Rua Três Rios, 383). Quanto: R\$ 30



CIDADE EM VERTIGEM

Após um longo período de pesquisa, O Teatro da Vertigem estreia Bom Retiro 958 metros. Dirigido por Antônio Araújo, o grupo retorna a prática de interferir em espaços insustentados, transformando-os em cenário. O espetáculo, com dramaturgia do escritor José Roberto Torres, é um surpreendente e vertical mergulho pelo bairro paulatino. Ao longo de quase um quilômetro, o público acompanha intervenção em ruas praticamente desertas, mira a cidade sob uma nova, e perturbadora, perspectiva. / MARIA EUGÊNIA DE MENEZES

OSWALDO GOELDI: SOMBRIA LUZ
Quando: De 14 a 18/6. 9ª e dom. 17h30. Onde: MAM. Av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, portão 3. Tel. 5085-1300. Quanto: R\$ 5,50 (adm. grátis)



O RIO DE GOELDI

Coreia de duzentas obras compõe a mostra Oswald Goeldi: Sombria Luz, que será aberta na quinta no Museu de Arte Moderna, com foco na visão melancólica do Rio, em contraste com a proposta de boa parte de seus contemporâneos.

ODAIR JOSÉ
Quando: dias 15 e 16, às 21 horas. Onde: Auditório Itaipavara. Av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, 3629-1075. Quanto: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

HITS NOVOS E ANTIGOS

O cantor e compositor Odair José sobe, na sexta e no sábado, ao palco do Auditório Itaipavara com o show Odair José, Papaiê, que marca o lançamento de seu disco mais recente, Praço Tiradentes. No repertório, uma mistura de sucessos da carreira, novas músicas e trechos da ópera rock O Filho de José e Maria. As apresentações contam com a participação especial de Paulo Miklos, na sexta, e Zeca Baleiro, no sábado – os dois participaram de Praço Tiradentes, primeiro disco do cantor depois de seis anos longe dos estúdios. / MARCELO FERRAZ

DISNEY ON ICE – 100 ANOS DE MAGIA
Quando: De 14 a 24/6. Onde: Ginásio da Itaipavara. Rua Manoel da Nobrega, 1.361. Informações: tel. 4003-5588. Quanto: R\$ 50/ R\$ 200



FANTASIA NO GELO

Sob o comando de Mickey Mouse, começa na quinta-feira um verdadeiro desfile sobre o gelo de personagens marcantes da Disney. Tem presença confirmada A Bela e a Fera, Buzz Lightyear e Nemo, entre muitos outros. / ELIANA SILVA DE SOUZA

ULYSSES
Debatador: Caetano Galindo. Local: Livraria Cultural Conjunto Nacional (Avenida Paulista, 2.073). Quando: Sábado, 16 horas. Quanto: Grátis



PAPO SOBRE ULYSSES

O trabalho de traduzir uma obra monumental é tema da palestra de Caetano Galindo, sábado, na Livraria Cultural. Ele é responsável pela nova versão de Ulysses, de James Joyce, lançada agora pela Companhia das Letras. / UMBATAN BRASIL

DIA DOS NAMORADOS LEGAL TEM DESCONTO ESPECIAL NA KUNDALINI

20% de desconto

Especial para diabéticos Totalmente anatômicos Com legítimo

Feminino do nº 34 ao 41 Masculino do nº 37 ao 47

Compre pela internet: www.kundalini.com.br

Higienópolis - R. Alagoas, 720

Milan

Calçados com fabrica de França

Al. Bal. 1362 - São Paulo

MANEQUINS DO 44 AO 58

COLEÇÃO INVERNO 2012

Maison Sport

Al. Ministro Rocha Azevedo, 1576 Jardins | SP - Tel.: (11) 25670364

R. Grauna, 332 - Moema | SP Tel.: (11) 27386188

Calçados Giannini

Promocão Mocassim de Camurça e Mod. Argentino

R\$ 280,00

Loja de Fábrica: Rua Afonso Brás, 878/884 V. N. Conceição - São Paulo - Tel.: 3842-7887

www.calcedosgiannini.com.br

EMAGREÇA E ELIMINE A GORDURA LOCALIZADA!

Uniflex

2440-7000

O Balcão de Anúncios do Estadão no Shopping Iguatemi mudou.

Agora estamos no 3o Piso - Alameda de Serviços Segunda à Sábado, das 10h às 22h / Domingos das 14h às 20h

Publicidade Legal - Fúnebres Classificados - Noticiário

Ligue e anuncie: (11) **3815-3523**

www.iguatemi@iguatemi.com.br

ESTADÃO

Figura 11 – coluna de 10 de junho de 2012

seleção da semana*

MARISA MONTE
Quando: De 21/6 a 15/7, 5ª, 21h30, 6ª e sáb., 22h, dom., 21h. Onde: HSBC Brasil, R. Bragança Paulista, 1.201. Tel.: 4003-3212. Quanto: R\$ 120/R\$ 320.

MARISA FASHION WEEK

A grife Marisa Monte desfila em São Paulo, a partir de quinta, com a turnê *Verdade, Uma História*, criada sobre o repertório de sua mais recente álbum, *O Que Você Quer Saber de Verdade?* Não é fácil atingir tal status, o de grife, e Marisa foi a última cantora da resistente nomenclatura MPB a fazê-lo. Desde *Memórias, Odisseia* e *Declaração de Amor*, de 2000, seu movimento de aproximação das grandes platinas não para, com boas resultados de uma carreira bem dirigida em repertório e estratégia de comunicação.

Marisa ganhou carta branca para habitar um mundo extremamente pop sem perder a ternura. Ou seja, fica bem com a massa que assiste à novela *Amor à Brasileira* sem fazer as regras de etiqueta dos acadêmicos. Mais um passo nessa direção é dado com seu novo disco, lançado no ano passado, e que



agora a cantora traça para ser mostrada em São Paulo. O álbum de canções românticas de uma cantora sertaneja, como o *Dois e Abanda Bem*, facilmente imaginadas no repertório de Odair José, será reavaliado: obras que foram construídas com o tempo, como *Beleza De Amor*, *Leve Você e De Mais Alegria*. Da fase Tribalistas, devem entrar *Volta Júpiter* e *Curavilina*. E de Cláudia Elter,

FEBRE DO RATO
Direção: Cláudio Assis. Elenco: Iracirish Santos, Nanda Costa, Mathews Nachtergaele, Angélica Leal, Maria Gladys. Estreia prevista para sexta.



O CHOQUE DO RATO

Ferem três prêmios no Festival de Paulista do ano passado. Festival de onde? Paulista acabou como polo de clareza porque o prefeito, em ano de eleições, priorizou as vendas do plano social. *Febre do Rato*, de Cláudio Assis, o filme vencedor, vai sobreviver. E das melhores coisas feitas no País, nos últimos anos. Preto e branco. Kimpfen, libertário como o poeta Iracirish Santos. Prepare-se para um choque. / LUIZ CARLOS MERTEN

MÁRCIA CASTRO
Quando: Quarta, 21. Onde: Sesc Consolação. Teatro Archêta. Rua Dr. Vila Nova, 245, tel. 2234-3000. Quanto: R\$ 5/ R\$ 20.



VERSÕES DE MÁRCIA

A última cantora italiana Márcia Castro interpreta canções com sensibilidade, como mostra em seu segundo disco *De Piv no Chão*, que conta Rita Lee, Tom Zé e Gilberto Gil. Leva sua afinadíssima banda, na quinta, ao Sesc Consolação, RUA

Ocupação Nelson Rodrigues
Quando: De 21/6 a 28/7, 2ª e 6ª, 9h30Z; 3ª a 5ª, dom., 11h30Z. Onde: Itaú Cultural. Av. Paulista, 149, meo B Brigadesiro, 2168-1776. Quanto: Grátis.



NELSON POR NELSON

Um passeio pela obra de Nelson Rodrigues - ela o mote da exposição que abre na quinta-feira no Itaú Cultural. Com curadoria de Maria Lúcia Rodrigues, uma de suas filhas, da nete Sônia Muller e cenografia de Vady Lopes Jr., a mostra apresenta suas palavras, registradas em memórias, reportagens e capítulos, além de fotos de jornais, pôsteres, revistas, entrevistas sonoras, visuais e impressas. A intenção é apresentar um perfil pouco conhecido do autor. / YVANHATA BRAGA

POEMAS PARA BRINCAR
Quando: Sexta a domingo, às 15 h. Av. 2416. Onde: Parque da Luz. Rua Ribeiro de Lima, 69. Bom Retiro. Quanto: Grátis.



TODOS A BORDO!

Em um ônibus que se transforma em teatrino, a Cia. As Grapas apresenta o espetáculo *Poemas para Brincar*, de graça, no Parque da Luz. Com seus bonecos animados, o grupo convida a criança a brincar e se divertir. / ELIANA SILVA DE SOUZA

CAMILLE E RODRIGUES
Quando: De 22/6 a 26/6, 6ª e sáb., 21 h, dom., 18h30. Onde: Auditório do Museu. Avenida Paulista, 1.878, tel. 3171-3267. Quanto: R\$ 20/R\$ 30.



AMOR E CRIAÇÃO

Melissa Vettore e Leopoldo Pacheco vivem os escaltores franceses Camille Chabrel e Augustin Rodin em *Camille e Rodin*. O espetáculo, desafiado pela atriz, com texto de Franz Kappeler, narra a trágica história de amor entre os dois artistas.

DVD. Lançamento

O HOMEM QUE SE TORNOU PRESIDENTE

O Brado Retumbante trata da ética na política ao mostrar as agruras do deputado alçado ao mais alto posto da República

Entrevista
Domingos Montagner

Obitárias
Brasil

Os meandros da ética na política inspiraram a minissérie *O Brado Retumbante*, exibida pela Globo em janeiro. Os oito episódios, lançados agora em DVD pela Globo Marca, contam a história de um honesto deputado

federal, Paulo Ventura, dono de grandes ideias e, por isso mesmo, ocupando uma posição obscura na Câmara. Mas, graças a um lance de destino (a morte, por acidente de helicóptero, do presidente da República e de seu vice), ele é obrigado a assumir o cargo mais alto do Brasil. Escrita por Ruydys Marinho, Denise Bandeira, Guilherme Pinna e Nelson Motta, a série evoca qualquer semelhança com políticos verdadeiros, al-

da que a trama seja totalmente verossímil - afinal, empossado presidente, Paulo Ventura é obrigado a conviver com intrigas que buscam sua demissão. Domingos Montagner vive o papel principal, o presidente que tem seus defeitos - como o fato de ser mulherengo (trai constantemente a mulher) e de revelar uma certa homofobia ao descobrir que o filho se transformara em um transexual depois de viver um tempo fora de casa.

O DVD traz um depoimento do diretor-geral da série, Gustavo Fernandes, além de entrevistas com os atores. E, sobre seu papel e sobre a política no Brasil, Montagner fala, por e-mail, ao Estado.



Domingos Montagner, Mandatário mulherengo e alho dos rivais

Cultura artística ITAIM
Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 1830
Belo Horizonte, 111 4003-1212
Vendas on line: www.grestonagado.com.br

MÚSICA DE CÁMARA TEMPORADA 2012
20 de JUNHO QUARTA-FEIRA 21h

GILBERTO TINETI PIANO

Luiz Gonzaga
Adriano Bordin
Claudio Debussy

Quarta, 21h, 19h30 e 21h30
Sexta, 21h, 19h30 e 21h30
Sábado, 21h, 19h30 e 21h30
Repertório: op. 79 nº 2 em sol menor
Sonata nº 11 nº 4 em sol menor
Sonata nº 11 nº 4 em sol menor

Para mais informações

● **Você se inspirou em algum político para criar o personagem Paulo Ventura ou, contrário, evitou qualquer semelhança?**
A orientação do autor e da direção era bem clara quanto ao tom ficcional da obra. Além disso, me pareceu mais interessante pesquisar a natureza da personagem, que era bastante estimulante: um homem comum, sem ambigüidade política, com caráter ético rigoroso, fidedel, com problemas emocionais e familiares, que vive presidente da República. Requerimento para um ator.

● **Além que ponto você acredita ser possível existir, de fato, no Brasil um político como Paulo Ventura?**
Sinceramente, acho melhor acreditar que seja possível existir. Não podemos desistir de querer melhorar este País.

● **No teatro, você faz parte da Cia. La Míxima, que perde um tipo de interpretação totalmente diferente da empregada na criação de Paulo Ventura, mais cordão. Como se passou essa mudança?**
O circo, o teatro e o vídeo têm suas próprias exigências. A nona profissão trata principalmente de sensibilidade e observação. Devemos estar atentos à essência da personagem, aos caminhos que a direção aponta e às características da linguagem.

● **Evidentemente, Paulo Ventura não é perfeito e, entre seus defeitos, está o fato de ser mulherengo (jofeito para um presidente da República, claro), além de ter um hacker na equipe para investigar o ministro da Justiça. Como você vê isso?**
São elementos muito importantes porque humanizam a personagem e consequentemente se comunica com o público, que vê nele alguém que possa ser seu vizinho, colega de trabalho ou ele mesmo. Não é um super-herói.

● **Na sua opinião, a política brasileira atual está mais para comédia ou tragédia?**
Seria óbvia se não fosse trágica.

● **O Brasil tem jeito? Como?**
Meu pai dizia sempre: "pra tudo dá se um jeito, menos pra morte". Seria muito pretensioso eu dar uma fórmula sociopolítica e econômica para o País. O que posso dizer é o que acredito: somos cidadãos e temos de fazer a nossa parte pela cidadania, isso já muda muito. Mas, confesso: não meu desejo de que a educação entre como prioridade, real e absoluta, e não de capanga, na agenda política. É a cidadania e o aperfeiçoamento social passam necessariamente pela melhoria da nível intelectual e cultural do povo. Não tenho dúvidas.

Figura 12 – coluna de 17 de junho de 2012

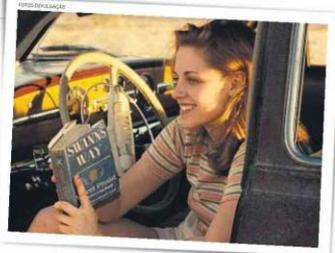
seleção da semana*

NA ESTRADA
Direção: Walter Salles. **Elenco:** Sam Riley, Garrett Hedlund, Kristen Stewart, Kirsten Dunst, Alice Braga. **Estreia prevista para sexta.**

O DESAFIO DA ESTRADA

Desde sua publicação, em 1958, o livro cult de Jack Kerouac, *On the Road*, virou obra de referência para contestadores de todas as latitudes. Rolar o pé na estrada virou mais que um desejo, uma palavra de ordem. O cinema norte-americano, até como reação à Hollywood, criou toda uma vertente de estradões, mas o livro de Kerouac, apesar das várias tentativas para levá-lo à tela, permanecia infilmável.

Quem enfrenta, e vence, o desafio é um estradão do Brasil, o diretor Walter Salles, que desde *A Grande Arte* e já antes, em seus documentários para TV, sempre teve a atração pela vida sem rumo, em *Na Estrada* no Festival de Cannes, em maio, *Na Estrada* tem ganhado admiradores como espe-



Kristen.
A estrela de *Crepúsculo* como você nunca viu

tores que resistem à abordagem do cinema, e consideram seu filme bonito, mas sem alma. Faltaria *Na Estrada* justamente o batismo da sargeta. O filme é sobre uma amizade trágica. Sal, o narrador, cai na estrada com seu amigo Dean e a mulher que ambos desejam, Marylou. Sam Riley, Garrett

Hedlund e a estrela da série *Crepúsculo*, Kristen Stewart, são os intérpretes dos papéis. São ótimos. Belos e malditos, mas Hedlund é o mais intenso do trio, como seu personagem, Dean. *Na Estrada* pode jamais ser uma unanimidade, mas é um filme que você precisa conhecer. / **LUIZ CARLOS MERTEN**

EXERCÍCIOS DO OLHAR
Quando: De 14/7 a 21/10. 11h/19h (feche 3.º).
Onde: Museu Lasar Segall. Rua Berta, 111. Vila Mariana, tel. 5574-7322. **Quanto:** Grátis.



FIGURAS DE COSTAS

Exercícios do Olhar, nova mostra do Museu Lasar Segall, reúne 27 obras selecionadas pela curadora Aracy Amaral nas quais figuras de costas se colocam como tema. Entre elas, está a pintura *Jardim de Luxemburgo* (foto), de Visconti, mas a exposição perpassa período do século 19 a contemporânea. Na ocasião, ainda, a artista Edith Deryk inaugura, no museu, a obra *Aljôbio*. / **CAMILA MOLINA**

WAYNE HUSSEY
Quando: Sábado, às 21 h. **Onde:** Sesc Ipiranga. Rua Bom Pastor, 822. Telefone: 3340-2000.
Quanto: R\$ 4 a R\$ 10.



BANQUINHO E MISSION

Como Nick Cave nos anos 1980, o frontman do lendário grupo The Mission veio morar no Brasil. Casou com Cintya, tem três filhos e seis gatos, mas não esboça os fãs. Esta semana, faz um show acústico no Sesc Ipiranga. Cool. / **JOTAIR MEDEIROS**

GALINHA PINTADINHA
Quando: Sábado e domingo, às 15 h e 17 h.
Onde: Teatro das Artes. Av. Rebouças, 3.970. Shopping Eldorado. Tel. 2187-7811. **Quanto:** R\$ 70.



ENTRANDO NO RITMO

Sucesso na internet e em DVD e CD, chega aos palcos a turma da *Galinha Pintadinha*, criação de Juliano Prado e Marcos Luporini. Dá para perceber que vem muita diversão para os pequenos, fis dessa galera colorida e alegre. O musical mistura os desenhos animados com os personagens ao vivo. No repertório, cantigas infantis populares. **FLAVIA SILVA DE SOUZA**

BALLET DO TEATRO LA SCALA DE MILÃO
Quando: 5.º e 6.º, 21 h; sáb., 20 h; dom. (15/7), 17 h.
Onde: Teatro Municipal. Pça. Ramos de Azevedo, s/n.º. Tel. 3387-0300. **Quanto:** R\$ 150/R\$ 380.



A POESIA DE GISELLE

O tradicional Scala de Milão, agora sob o comando do russo Makhar Vasiev, traz ao Brasil *Giselle*, de Jean Coralli e Jules Perrot. O clássico conta a história de uma linda garota que vive em um vilarejo francês e se apaixona por um lenhador. **FLAVIA GUERRA**

ON_OFF 2012
Quando: De 11/7 a 15/7 (ver programação em www.itaucultural.org.br). **Onde:** Itau Cultural. Avenida Paulista, 148. Tel. 2186-1770. **Quanto:** Grátis.



RUÍDO TECNOLÓGICO

De quarta a domingo, o Itau Cultural apresenta o evento ON_OFF - Experiências em Live Image, com performances que misturam som e imagens. Entre os convidados, AntVJ (foto) e coletivo Cão, comandado por Dora Longo Bahia. / **CM**

Ou você fica em casa sem saber o que fazer com seus filhos

Ou vem pra cá descobrir um mundo de diversão.

R\$35 em créditos mais R\$35 em bônus por apenas R\$9,90

www.peixeurbano.com.br

Aproveite com a família nossa parceria com o Peixe Urbano. Esta semana, acesse o site e fogue a sua oferta.

Bônus não são válidos para máquinas que liberem brindes e tickets.

Figura 15 – coluna de 8 de julho de 2012

seleção da semana*

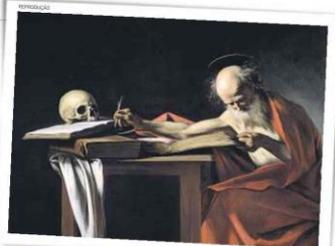
CARAVAGGIO E SEUS SEGUIDORES

Quando: De 2/8 a 30/9. 9ª a 10ª, 11 h, 18 h e 21 h. 20 h. Onde: Mus. Avenida Paulista, 1.578, telefone 3251-5844. Quanto: R\$ 15 (9ª grãis).

O MESTRE DO CLARO-ESCURO

É de se celebrar a vinda para o Brasil de obras do pintor italiano Michelangelo Merisi, conhecido como Caravaggio (1571-1610). Depois de exibida na Casa Fiat de Cultura, em Belo Horizonte, onde atraiu quase 90 mil visitantes, a mostra Caravaggio e Seus Seguidores chega esta semana a São Paulo, reunindo, no Masp, sete pinturas criadas ou - algumas delas, ainda apenas atribuídas - ao mestre do claro-escuro e, mais ainda, outro conjunto de telas assinadas por artistas que se inspiraram em seu estilo e técnica únicos.

Entre os destaques da exposição está *São Jerônimo Que Escreve* (1603-1606), pertencente à Galeria Borghese de Roma. Ou ainda *Madona Mariaela*, óleo sobre escudo de madeira creditado ao artista em



Caravaggio
A tela São Jerônimo Que Escreve, de 1605/06

2011 - e considerada, depois de estudos, como a verdadeira primeira versão da famosa *Coleta de Moisés*, abrigada na acervo da Galleria degli Uffizi di Florença. O visitante vai encontrar também *São Francisco em Madrugada*, que o pintor realizou em 1606, ou ver uma releitura, por problemas burocráti-

cos, chegou ao Brasil apenas em meados de julho, São João Batista Que Alimenta o Cordeiro.

Já no segmento dos seguidores de Caravaggio, a presença de obras de artistas de gerações e nacionalidades distintas, como Ottavio e Artemisia Gentileschi, Ribera e Simon Vouet. / CAMILA MOLINA

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

Direção: Billy Wilder. Elenco: Tony Curtis, Jack Lemmon, Marilyn Monroe, George Raft, Pat O'Brien. Estreia prevista para sexta.



LOIRA DESEJADA

No dia 5, completam-se 50 anos da morte de Marilyn Monroe e você poderá lembrar a data reendo *Quando Mais Quente Melhor*. Marilyn, como "Sugar" é o, mas é a travesti de Jack Lemmon que motiva a frase imortal - "Ninguém é perfeito." Ninguém, mas o filme de Billy Wilder, sim. O American Film Institute escolheu-o como a melhor comédia de todos os tempos. / LUIZ CARLOS MERTEN

PATIFE BAND

Quando: Das 4, às 21 h, e 5, às 18 h. Onde: Sesc Belenzinho, Rua Padre Adelino, 1.000, telefone 2076-9700. Quanto: R\$ 6/ R\$ 24.



CORREDOR POLONÊS

Nos anos 1980, na cena pós-punk brasileira, poucas bandas foram tão ouvidas quanto a Patife Band de Paulinho Barnabé. Décadas à frente. Com convidados como seu irmão, Arrigo, e Luiz Thunderbird, eles renascem no Belenzinho. / JUSTIÇA MENEZES

MARC-ANDRÉ HAMELIN

Quando: 9ª, às 21 h. Onde: Sala São Paulo, Praça Júlio Prestes, 18, Campos Elísios, telefone 3223-3966. Quanto: R\$ 54/ R\$ 62.

O pianista Marc-André Hamelin será o solista da Oespa a partir de quinta-feira. Mas imperdível mesmo é o recital solo que ele faz na terça-feira, também na Sala São Paulo. No programa, a *Sonata n.º 2*, de Alban Berg; o *Rhapsomai*, de Villa-Lobos; prelúdios de Rachmaninoff; um improviso e uma barcarola de Fauré e uma composição própria: *Variações Sobre Um Tema de Paganini*. / JOÃO LUIZ SAMPAYO



DISNEY LIVE - TRÊS CONTOS CLÁSSICOS

Quando: De 1ª a 12ª. Onde: Teatro Bradesco, Rua Turisapi, 2.100, Shopping Pompéia, telefone 4003-1212. Quanto: R\$ 30/ R\$ 150.



INVADINDO HISTÓRIAS

Em um aventura cheia de emoção e muita trapalhada, Mickey e seus amigos Minnie, Pluto e Donald, entram em um livro mágico e acabam participando de histórias como *Branca de Neve*, *Cinderela* e *A Bela e o Fera*. / ELIANA SILVA DE SOUZA

CIRQUE PLUME - L'ATELIER DU PEINTRE

Quando: 21/7 a 5/8. 9ª a 5ª e sáb., 21 h. 6ª, 21h30, dom., 18 h. Onde: R. Bento B. de Andrade Filho, 722, tel. 5693-4000. Quanto: R\$ 40 a R\$ 150.



NOVO CIRCO FRANCÊS

Pioneiros do "novo circo", que surge nos anos 1980 e tem representantes como o Cirque du Soleil, os franceses do Cirque Plume abrem a temporada de dança do Alfa com o espetáculo *L'Atelier du Peintre*. / MARIA EUGÊNIA DE MENEZES

Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo e Secretaria da Cultura apresentam

43^o FESTIVAL DE INVERNO CAMPOS DO JORDÃO

Dr. Luis Amobos Martins

O MAIOR FESTIVAL DE MÚSICA CLÁSSICA DA AMÉRICA LATINA.

DE 30 DE JUNHO A 29 DE JULHO DE 2012.

www.festivalcamposdojordao.org.br

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO DA SEMANA:

<p>25 JUL QUA</p> <p>19:00 IGREJA SANTA TEREZINHA CORO DE CÂMARA DA OESPP NAOMI MUKATA REGENTE FERNANDO TOMMURA VIOLÃO MENDELSSOHN-BARTHOLOMÉ, BRUCKNER, SCHUBERT E BRAHMS</p> <p>20:00 AUDITÓRIO CLÁUDIO SANTORO ORQUESTRA SINFÔNICA DA ESP WAGNER POLISTYCHAK REGENTE MARCIO FREIRE FLAUTA HAYENS-VILLA-LOBOS, COBEGLIANO E REVUELTAS</p> <p>26 JUL QUI</p> <p>19:30 AUDITÓRIO CLÁUDIO SANTORO ORQUESTRA SINFÔNICA DE SANTO ANDRÉ CARLOS MORENO REGENTE CONSTANÇA DE ALMEIDA PRADO MORENO VIOLINO PRADO E BRUCKNER</p> <p>27 JUL SEX</p> <p>19:30 AUDITÓRIO CLÁUDIO SANTORO ORQUESTRA JOVEM DE COLÔMBIA ANDRÉS ORZCO-ESTRADA REGENTE SARAH CHANG VIOLINO SIBELIUS E SHOSTAKOVICH</p>	<p>28 JUL SÁB</p> <p>19:30 PRAÇA DO CAPUARI ORQUESTRA SINFÔNICA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS MARCELO STARBUCK REGENTE GUILHERME RIBEIRO ACORDEÃO HÄNDEL, RIBBEIO E MOZART</p> <p>16:30 PRAÇA DO CAPUARI CÂMERA BRASILEIRA - TOM JOBIM PLURAL MARCELO BRATKE REGENTE PIANO VILLA-LOBOS, MILHAUD, NAZARETI E JOBIM</p> <p>19:30 AUDITÓRIO CLÁUDIO SANTORO ORQUESTRA FILARMÔNICA DE MINAS GERAIS FABIO MICHETTI REGENTE LUIS FILIPE COELHO VIOLINO GLAZUNOV E SHOSTAKOVICH</p>
---	--

Ingressos à venda pela Ingresso Rápido.
Informações: www.ingressorapido.com.br ou 4003-1212

4003 1212
ingressorapido.com.br

Apóio:

Execução:

Realização:

Figura 18 – coluna de 29 de julho de 2012

seleção da semana*

22º BIENAL DO LIVRO DE SÃO PAULO
Quando: De 9 a 19/8 - programação:
www.bienaldolivros.com.br. **Onde:** Anhembi,
 Avenida Olavo Fontoura, 1.209. **Quanto:** R\$ 12.

A FESTA DO LIVRO

Tradicional em São Paulo, a Bienal do Livro programou para esta edição uma agenda cultural de mais de 1.250 horas. Há atrações para todas as idades e gostos, sempre tendo o livro como ponto de partida para as conversas. Escritores brasileiros como Cristóvão Tezza, Milton Hatoum, Ignácio de Loyola Brandão, Zuenir Ventura, André Vianco e Thaila Rebouças se revezam nos palcos de debates com os estrangeiros Bruno Latour, Cecily Von Ziegesar e Frank Cabral Jr. Os encontros Tom Zé e Fernanda Takai, o dramaturgo Zé Celso Martinez Corrêa, o ex-jogador Pelé e os chefs Claude Trolgès e Cha-hail também estarão por lá discutindo a relação entre literatura e outras áreas. As senhas para os encontros são distribuídas duas horas antes e vale correr.



Mais que livros. Bienal terá autores, chefs e músicos

já que os auditórios não são tão grandes. Este ano, a Bienal presta homenagem a Jorge Amado e Nelson Rodrigues em seus centenários de nascimento. Os 90 anos da Semana de Arte Moderna também serão lembrados. Pelo menos 800 mil pessoas são esperadas nos dez dias do evento, que vai reunir 480 expo-

sitores - representando cerca de 1.100 selos editoriais. Uma boa pedida para quem quer conhecer os lançamentos das editoras, garimpar aquele livro que não está mais nas livrarias, pegar um autógrafo com os escritores ou se perder nos corredores repletos de livros. / **MARIA FERNANDA RODRIGUES**

MARIA DO CARITÓ
Quando: 6 a 21/30 sáb., 21h; dom.: 18h. Estrela 10/18. **Onde:** Teatro Faop, Rua Alagoas, 903, telefone 3662-7233. **Quanto:** R\$ 30 a R\$ 80.



SANTA PERSEVERANTE

Depois de uma série de papéis dramáticos na televisão, Lilla Cabral retorna ao teatro e à comédia com *Maria do Caritô*. Escrita sob medida para a atriz por Newton Moreno, a peça é um achado de humor e delicadeza. Lilla vive a personagem título, uma solteirona de quase 50 anos que é considerada santa, mas ainda não perdeu a esperança de encontrar um amor. / **MARIA EUGÊNIA DE MENEZES**

À BEIRA DO CAMINHO
Direção: Breno Silveira. **Elenco:** João Miguel, Dira Paes, Vinícius Nascimento, Luíza Rosa, Denise Weinberg. **Estreia prevista para sexta-feira.**



EMOÇÃO À VISTA

Mais de 200 salas vão exibir *À Beira do Caminho*, outra história emocionante do diretor Breno Silveira, de *3 Filhos de Francisco*. Estrada, caminhoneiro, menino que busca o pai, canções de Roberto Carlos. Prepare o coração. / **LAUZ CARLOS MERTEN**

JOAN OF ARC
Quando: 6ª, 21h30. **Onde:** Sesc Belenzinho, Rua Padre Adelino, 1.000, Belenzinho, tel. 2076-9700. **Quanto:** R\$ 6 a R\$ 24.



O MULTI-HOMEM
 A banda indie Joan of Arc, de Tim Kinsella (ex-integrante do Cap'n Jazz, e também The Sky Corvair, Oaks, Friend/Enemy, Everymed e Male Believer), toca pela primeira vez aqui. Um herói do underground: além de cantor e guitarrista do antichiclé, também é cineasta (dirigiu *Osland Valt*) e romancista (escreveu *The Karaoke Singer's Guide to Self-Deliver*). / **JOTAIR MEDEIROS**

GRUPO CORPO
Quando: De 10 a 18, 4ª, 5ª e sáb., 21h; 6ª, 21h30; dom.: 18h. **Onde:** Teatro Alfa, R. Bento Branco de A. Filho, 722, 9639-4000. **Quanto:** R\$ 40 | R\$ 120.



MOVIMENTO MINEIRO

Próxima atração da Temporada de Dança do Teatro Alfa, o Grupo Corpo escolheu para essas apresentações duas coreografias de seu repertório - *Benguelê* e *Sem Mim* (foto), ambas animadas por Rodrigo Pedreirni. / **ELIANA SILVA DE SOUZA**

PIERRE HUYGHE
Quando: De 9/8 a 21/10, 3ª a 6ª, 10h/21h; sáb. e dom.: 10h/18h. **Onde:** Centro Maria Antonia, Rua Maria Antonia, 294, 3129-5201. **Quanto:** Grátis.



TEMPO DE MARIONETES

Não é *Tempo de Sonhar*, obra do artista francês Pierre Huyghe, atualmente, participante da Documenta 13, é destaque do ciclo de exposições do Centro Maria Antonia, que ainda inclui obras de Ana Linnemann e Tatewaki Nio. / **CAMILA MOLINA**

NESSA VOLTA ÀS AULAS
DEIXE SEU FILHO EM BOA COMPANHIA.

<p>PEIXONAUTA SEGUNDA A SEXTA, 8h30 E 12h</p>	<p>QUINTAL DA CULTURA SEGUNDA A SEXTA, 9h E 19h30 SÁBADOS, ÀS 8h</p>	<p>TV COCORICÓ SEGUNDA A SEXTA, ÀS 11h</p>
<p>MATINÉ CULTURA SEGUNDA A SEXTA, ÀS 17h25</p>	<p>CARTÃOZINHO VERDE SEGUNDA A SEXTA, ÀS 19h15</p>	<p>VILA SESAMO SÁBADOS (NO QUINTAL DA CULTURA, A PARTIR DAS 8h)</p>

Confira muitas outras atrações no nosso portal cmais.com.br

CULTURA
Uma TV diferente

Figura 19 – coluna de 5 de agosto de 2012

seleção da semana*

308
Dirigido: Fernando Meirelles. Com Jude Law.
CORAÇÕES SUJOS
Dirigido: Vicente Amorim. Com Tsuyoshi Ihara.

LINGUAGEM UNIVERSAL

Circunstâncias de mercado estão fazendo com que estreiem juntos, na sexta-feira 17, os dois novos filmes de diretores brasileiros que têm atuado em produções internacionais. O mais famoso é Fernando Meirelles, cujo longa já abriu o Festival de Gramado na sexta-feira. Misturando atores brasileiros como Maria Flor e Juliana Casaré a grandes nomes de Hollywood, como Anthony Hopkins, Jude Law e Rachel Weisz, o filme parte da mesma premissa de *Behémot*, de Alejandro González Iñárritu. Mostra que no mundo globalizado, as coisas estão conectadas. Diferentes histórias desenroladas através do mundo terminam por interferir umas nas outras. Vicente Amorim, que assina *Corações Sujos*, já filmou no exterior - *Um Homem Bom*, com Viggo



Japoneses.
Cena de *Corações Sujos*, de Amorim

Mortensen. Ele adapta agora o best-seller de Fernando Morais sobre os japoneses que, no Brasil, durante a 2ª Grande Guerra, pegaram em armas contra os próprios camaradas que acediavam na derrota do Japão e, por isso, seriam traidores. Amorim filmou com atores japoneses (Tsuyoshi

Ihara, Takako Tokiwa e Eiji Okuda). Por mais diferente que possa parecer uma filmagem fora do País, os dois diretores garantem - os sets são iguais em toda parte do mundo. Com mais ou menos recursos, a linguagem do cinema é uma espécie de esperanto. /LUÍZ CARLOS HERTEN

3ª MOSTRA 3M DE ARTE DIGITAL
Quando: De 15/8 a 18/8. 3ª a dom., 11h/20h. Abertura na 3ª. 20h. **Onde:** Instituto Tomie Ohtake. Av. Faria Lima, 201, tel. 2245-1900. **Quanto:** Grátis.



PAÍS LOW & HIGH TEC

Tecnofagia, ou seja, o diálogo entre a ciência de ponta e a ciência de garagem, afirma a curadora Giselle Belquimam, e o retrato da produção brasileira no segmento das novas mídias. É, assim, o mote da 3ª Mostra 3M de Arte Digital, com criações de Martha Gabriel, Arthur Omar, Cláudio Vasconcelos e do coletivo Gamblogia (foto), entre outros, e até uma Praia de Paulista. /CAMILA MOLINA

NHOCUNÉ SOUL
Quando: Sábados, às 21h30. **Onde:** Sesc Belenzinho, Rua Padre Adelino, 1.000, Belenzinho, telefone: 2078-8700. **Quanto:** R\$ 24.



NHOCUNÉ, VILA SOUL

Lírica e melodicamente situado numa esquina entre Itamar Assumpção e George Harrison, o Nhocuné Soul lança seu disco *Beim*, e explora o teatro comunitário com a peça *A Sopa do Meinão Desmanete - Uma Ópera Periférica*. /JOSÉ HEDEROS

GEPETO
Quando: Sábados e Domingos, às 12h. Até 2/8. **Onde:** Sesc Belenzinho, Rua Padre Adelino, 1.000, telefone: 2078-8700. **Quanto:** R\$ 8.



CLÁSSICO

A Cia. Ópera da Mala está em temporada com o espetáculo *Gepeito*, inspirado no clássico *As Aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi. As apresentações integram a exposição *Pinóquio: Uma Bela Arte*, em cartaz no Sesc Belenzinho. Mas nesta montagem, o grupo conta a história do solitário carpinteiro, antes do surgimento de Pinóquio, que passa o tempo em sua oficina, criando engenhocas e criaturas divertidas. /ELIANA SILVA DE SOUZA

TAME IMPALA
Quando: 4ª, às 22h. **Onde:** Cine João, Praça Carlos Gomes, 82 (metro Liberdade), tel. 3231-3705. **Quanto:** R\$ 140 (R\$ 70 meio-entrada).



MODERNA LISERGIA

Rock narcótico, enevoado e caleidoscópico servido com primor por uma turma de bichos-grilos australianos. O *Tame Impala* prova que psicodelia sessentista pode ainda, sim, ser recitada com criatividade. /ROBERTO NASCIMENTO

ARTE
Quando: 6ª, 21h30, sáb., 21h e dom., 18h. Estreia no dia 18/8. **Onde:** Teatro Renaissance, Alameda Santos, 2.233, tel. 2069-2260. **Quanto:** R\$ 80.



ENTRE AMIGOS

A amizade pela ótica masculina. Em *Arte*, texto da francesa Yasmina Reza, dirigido por Emílio de Mello, três amigos têm pontos de vista divergentes sobre a arte e a vida. A peça chegou aqui após temporada carioca. /MARIA RUGENIA DE MENEZES

Figura 20 – coluna de 12 de agosto de 2012

seleção da semana*

JOSHUA REDMAN E ORKESTRA RUMPLEZZ
Quando: Dia 25, às 21 h; dia 26, às 19 h. **Onde:** Seso Pompeia, Rua Clélia, 93, telefone 3871-7700.
Quanto: R\$ 8/R\$ 32

BEBOP NO MEU AFRO-SAMBA

O saxofonista Joshua Redman é um dos mais importantes músicos do jazz contemporâneo, ganhador de dois Grammys. Filho de outro grande saxofonista, Dewey Redman, influenciado por Miles, Coltrane, Sonny Rollins e Dexter Gordon, ele participou da trilha de filmes como *Kansas City*, de Robert Altman, e *The Vespers* em Nova York, de Louis Malle.

Faz concertos de grande radicalidade — seja com seu quinteto (no qual pontifica o baterista Greg Hutchinson), seja em solos de sax tenor. Esteve aqui no ano passado para o BMW Jazz Festival, quando tocou temas próprios e também O Malandro (versão de Chico Buarque para a obra de Brecht e Weill).

Foi nesse evento que ele teve contato com a música de um conjunto brasileiro também extraordi-



Orkestra. Dos terreiros da Bahia ao compasso do velho jazz

ário: a Orkestra Rumpilezz, encabeçada pelo maestro e saxofonista, Letieres Leite. A big band baiana celebra-se ao fundir o jazz com os ritmos afro-baianos, especialmente os toques ancestrais do candomblé. Os metais ao fundo, a percus-

so à frente, uma abordagem clássica e moderna ao mesmo tempo, e eis mais uma pérola brasileira da música popular. O que acontecerá no encontro entre essas duas forças da música é o que veremos nos próximos dias. / **JOTABE MEDEIROS**

O GATO DO RABINO
Direção: Antoine Delevaux e Joann Sfar.
Gênero: Animação (França, Áustria) 2011.
100 minutos. Estreia prevista para sexta



GATO TRANSGRESSOR

Antes de virar o diretor de *Gainsbourg - Vida Híbrida*, Joann Sfar já era um dos grandes nomes da nova geração de criadores de HQs da França (o maior) por suas histórias com o gato do rabino. O bichano virou filme, inaugurou o Festival Judaico e agora estreia nos cinemas. Não só pelo desenho, mas pela abordagem da religião e da tradição, é imperdível. / **LUIZ CARLOS MERTEN**

CHAMBI INÉDITO
Quando: De 25/8 a 20/10, 2ª a 6ª, 10h/19h, sáb., 11h/15h. **Onde:** Faas Galeria, Rua Rodolfo, 26, Vila Maclarena, telefone 3037-7341. **Quanto:** Grátis



RETRATOS PERUANOS

Fotógrafo peruano de origem indígena, Martín Chambi (1891-1973), no autorretrato em Machu Picchu (foto), tornou-se um grandes retratista. Um conjunto inédito de suas obras, agora, está em mostra na Faas Galeria. / **CAMILA MOLINA**

FAZER ARTE
Quando: Sáb. e dom., às 18 h. Até 30/9. **Onde:** Teatro APCD, Rua Voluntários da Pátria, 547, Santana, telefone 2223-2424. **Quanto:** R\$ 30

JORNADA COLORIDA

Em Fazer Arte, um mundo de cores será desvendado, em uma bela viagem cultural. Vamos embarcar em uma jornada com as artistas Mariela Risi e Eliana Tereza, que através das cores Vermelha e Azul, nos mostram importantes obras e movimentos artísticos. Das pinturas primitivas, da época das cavernas, a mestres como Van Gogh e Leonardo da Vinci. E se prepara, pois o espetáculo é interativo. / **ELIANA SILVA DE SOUZA**



FESTIVAL INTERNACIONAL DE CURTAS
Quando: de 24 a 31/08. **Onde:** MIS, Cinemateca, Cine Olinda, CineSesc, Espaço Itaú Augusta e Cinema. **Quanto:** Grátis. Site: www.kinderum.org



PEQUENAS HISTÓRIAS

O 23.º Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo traz o melhor da produção internacional e nacional no formato, como *O Duplo (66)*, de Juliana Rojas, que integra a Semana da Crítica do Festival de Cannes. / **FLAVIA GUERRA**

O SALÃO DO BAILE ELÉTRICO
Quando: Sex. e sáb., 20/30. Até 22/9. **Onde:** Seso Pinheiros - Rua Paes Leme, 195, tel. 3095-9400. **Quanto:** R\$ 20



DANÇA DA SOLIDÃO

Escrito pelo premiado autor irlandês Enda Walsh, o texto *Salão do Baile Elétrico* merece montagem no Brasil. Caustica, a obra dirigida e traduzida por Cristina Cavalcanti reflete sobre a impossibilidade dos encontros. / **MARIA EUGÊNIA DE MENEZES**

DO GANHADOR DO NOBEL DE ECONOMIA DANIEL KAHNEMAN.

Um divisor de águas na maneira como tomamos decisões na vida pessoal e profissional.

RÁPIDO E DEVAGAR
DUAS FORMAS DE PENSAR

DANIEL KAHNEMAN
PRÊMIO NOBEL DE ECONOMIA

“UMA OBRA PRIMA.”
FINANCIAL TIMES

“UMA NOVA VISÃO SOBRE NOSSAS MENTES.”
THE WALL STREET JOURNAL

ELDORADO BRASIL 3000
R\$ 4.990

Assinante, Não recebeu o seu Estadão?

Accesse o Portal do Assinante assinante.estadao.com.br/central
 Ou através de nosso Formulário em assinante.estadao.com.br/teleconsorcio
 Se preferir, via Chat em assinante.estadao.com.br

De 1 a 4, escolha a opção 1 no menu eletrônico 4003 5323 (Capitais e Regiões Metropolitanas) 0800 014-7720 (Demais localidades) assinante.estadao.com.br

ESTADÃO RESOLVE

paladar
Nada como um grande collar de carne de vaca com arroz.

Está gostando do Estadão?

ESTADÃO

BNDES apresenta

GILBERTO GIL

concerto de cordas & máquinas de ritmo

com a participação da **OSBA - Orquestra Sinfônica da Bahia**

24 agosto sexta 21h30

25 agosto sábado 21h

TEATRO ALFA
ARTE EM TODOS OS SENTIDOS

Bilheteria: 11 5693-4000 / 0300-789 3377
 R. Bento Branco de Andrade Filho, 722
 Santo Amaro
www.teatroalfa.com.br

Venda: **4003 1212**
ingressorapido.com.br

Sujeito à taxa de conveniência

patrocínio: **GEGE**

patrocínio: **60 ANOS**

patrocínio: **BNDES**

patrocínio: **BRASIL**
PAÍS RICO E PAÍS SEM FOMEZEA

Figura 21 – coluna de 19 de agosto de 2012

seleção da semana*

OS INTOCÁVEIS
 Direção: Olivier Nakache e Eric Toledano. Gênero: Comédia (França/2011, 112 min.). Elenco: François Cluzet, Omar Sy. **Estreia prevista para sexta.**

PARA DIVERTIR E EMOCIONAR

Fenômeno de público na Europa – 17 milhões de espectadores na França, mais 6 na Alemanha –, a comédia *Os Intocáveis* pode confundir o público brasileiro com seu título que evoca o seriado de TV (o filme que dele adaptou Brian De Palma). Estabelecida a diferença, prepare-se porque o filme de Eric Toledano e Olivier Nakache, que integrou a programação do recente Festival de Vilaroux, é mesmo um verdadeiro acontecimento. Milionário tetraplégico contrata afro-francês que salta da cadeira para ser seu camareiro. A convivência começa árdua, os temperamentos são diversos e os interesses, também. Mas o que se produz entre os personagens de François Cluzet e Omar Sy não é apenas emocionante. É "jubilatário".



Os Intocáveis é um filme para se morrer de rir, ao mesmo tempo, essa história de uma amizade improvável toca em questões essenciais relativas à tolerância, respeito à diferença e até intimidades como sexo e prazer. François Cluzet é um astro francês conhecido

do público brasileiro por papéis em filmes importantes, de grandes diretores, mas nunca foi tão bom. Omar Sy é uma explosão de carisma e vitalidade. Algo se passa no cinema francês "popular". Começou com *O Artista*, Prossegue, malgrado as diferenças, com *Os Intocáveis*. **LUIZ CARLOS MERTEN**

38º SALÃO DE HUMOR DE PIRACICABA
 Quando: De 3ª a 5ª, 14 h. 6ª a dom., 10 h/21 h. Onde: Armazém 14, Parque Engenho Central, tel. (19) 3403-2620. Quanto: Grátis. Até 14/10



RIR EM PIRACICABA
 Começou ontem (e vai até 14 de outubro) o 38º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, com exibição de cerca de 400 trabalhos (entre cartuns, charges, caricaturas, HQs e tiras) de artistas brasileiros e estrangeiros. Cláudio e Zélio terão salões especiais no mais tradicional evento do gênero na América Latina, que receberá a visita do ucraniano Vladimir Kavanevsky da Ucrânia. **JOTAIR NEDEIROS**

BALLET DO THEATRO MUNICIPAL DO RIO
 Quando: 6ª e sábado, 21 h; dom., 18 h. Onde: Teatro Alfa, R. Bento Branco de Andrade Filho, 722, tel. 5053-4000. Quanto: R\$ 40/ R\$ 110.



PETIT EM DOSE DUPLA
 Em sua passagem por São Paulo, o Ballet do Teatro Municipal do Rio traz um belo repertório. Serão apresentadas *Carmen* e *L'Arlesienne*, duas criações do aclamado coreógrafo francês Roland Petit. **MARIA EUGÊNIA DE MENEZES**

LYGIA CLARK: UMA RETROSPECTIVA
 Quando: De 19/9 a 11/11 – 3ª a 6ª, 9 h/20 h; sábado, dom., 11 h/20 h. Onde: Itaú Cultural, Avenida Paulista, 145, tel. 2188-1778. Quanto: Grátis.

ANTOLOGIA DE LYGIA
 No período em que a cidade se prepara para a abertura do 30.º Bienal de São Paulo, o Itaú Cultural inaugura a retrospectiva da artista Lygia Clark, das mais celebradas no País e no cenário internacional. A mostra reúne cerca de 140 obras criadas desde a década de 1950, entre elas, suas esculturas *Bichos (foto)*, que terão réplicas para serem manuseadas. **CAMILA MOLINA**

O CHAPELEIRO MALUCO
 Quando: Sáb. e dom., às 16 h. Até 30/9. Onde: Teatro Geo, Rua Coropé, 88, Pinheiros, telefone 3708-6500. Quanto: R\$ 40/ R\$ 50.



SONHANDO ACORDADA
 Inspirado no universo mágico de Lewis Carroll, o musical *O Chapeleiro Maluco* traz a sonhadora Alice de volta ao País das Maravilhas. Convidada pelo Gato Risonho, ela terá de desvendar um mistério. **ELIANA SILVA DE SOUZA**

O EXPRESSO DO PÔR DO SOL
 Quando: De 7/9 a 30/11 – 6ª e sábado, 21 h; dom., 19h30. Onde: Luceirava, Rua Monte Alegre, 1.024, telefone 3070-9450. Quanto: R\$ 40/ R\$ 50.



NASCE UM DIRETOR
 Fábio Assunção estreia na direção com a montagem brasileira de *O Expresso do Pôr do Sol*. O texto do roteirista norte-americano Cormac McCarthy, que virou filme em Hollywood, foi adaptado por Maria Adelaide Amaral. **J.M.M.**

Comples 4
 SAÚDE E CONFORTO PARA OS PÉS
LINHA FEMININA
 A MELHOR SOLUÇÃO NA LÍNEA FEMININA COM ATÉ 75%
 R\$9,90
 Al. Arapanes, 1025 - Moema - F: 5093-0575
 www.comples4.com.br

Special size
MANEQUINS 44 AO 62
 Em breve Coleção Primavera Verão 2013
 Rua Galvotas, 1423 - Moema - Manobrista
 11. 5093 2951 / 11. 3311 7706

PROMOÇÃO ATÉ O FINAL DE AGOSTO!
10% DE DESCONTO
 Até o dia 31/08
 Especial para diabéticos Totalmente anatômicos Couro legítimo Feminino do nº 34 ao 41 Masculino do nº 37 ao 47
 Compre pela internet: www.kundalinicofort.com.br KUNDALINI larguras e 2/2 ponto
 Conheça nossas palmilhas personalizadas. Sua qualidade de vida depende do conforto dos seus pés. Podoposturologia é a solução! Marque sua consulta!
 Higienópolis - R. Alagoas, 720 Ed. Edsonmonte com manobrista (11) 3667-0636

Divirta-se
 O maior meio de comunicação por assinatura
RÁDIO ESTADÃO ESPN
 FM 92,9 - AM 700

MUDE SEU VISUAL NA HORA!
SISTEMA CAPILAR NÃO CIRÚRGICO
 PARA HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS.
AVALIAÇÃO GRATUITA!

Ideal para casos de quimioterapia, alopecia, líquen plano e queimaduras.

Conheça nossas exclusivas próteses femininas de cabelo italiano.

VENHA SER NOSSO PARCEIRO COMERCIAL!

Unidade Berrini
 Tel. (11) 5102-4648
 Unidade Alameda Santos
 Tel. (11) 3141-0736

G.I.C.®
 International Hair
www.gicinternationalhair.com.br

Figura 22 – coluna de 26 de agosto de 2012

seleção da semana*

JAZZ NA FÁBRICA

Quando: De 6 a 30/9 - 5ª e sáb., às 21 h; 6ª e dom., às 19 h. **Onde:** Sesc Pompeia. Rua Clélia, 93, telefone 3871-7700. **Quanto:** R\$ 8 / R\$ 32.

TOQUE DE MESTRE

O mestre pianista de hard bop Cedar Walton atrai em São Paulo esta semana para shows no Sesc Pompeia, quinta e sexta-feira, parte da programação Jazz na Fábrica, festival que vai até o dia sete traz diversos tons de música instrumental, dos solos idiomáticos de Mr. Walton e o jazz brasileiro de Hélio Delmiro, ao world-fusion tudo-canibal de Cyro Baptista. Walton é uma bela atração para inaugurar o festival. Desde os anos 60, quando fez escola na fábrica de talentos de Art Blakey, os Jazz Messengers, e acompanhou uma lista de bambas do gênero que parece mais um hall da fama do que qualquer coisa - Freddie Hubbard, Ornette Coleman, John Coltrane, Benny Golson e Joe Henderson - (o seu sangue agressivo e primoroso nas fábricas de *Moody* Joe, de Henderson, por exemplo, para sacar que Cedar não brincava em serviço), o pianista tornou-se um dos



Sideman. Cedar tocou com Blakey, Hubbard e outros feras

destaques do hard bop, estilo que se equilibrava entre o zelo pelo idioma de Charlie Parker e as crescentes liberdades harmônicas tomadas na época. Seu trabalho desde então, em grande parte feito com trios e quartetos, forma uma obra consistente, tendo ao seu cerne a força rítmica de sua linguagem inicial. Sua agilidade de dedos de joias sobre o teclado envelheceu com madeira boa (Cedar, aliás, é cedro, em inglês), e se não retém a

velocidade de outrora, preserva o sangue cravado de seus velhos tempos. Na sequência, o Jazz na Fábrica recebe Cyro Baptista para shows com o seu Beat the Donkey, mistura de coléto de world music com o Cemitério de Automóveis, e outros grupos de teatro paulistano de vanguarda. Entre os outros nomes, o baixista brasileiro Avishai Cohen, o guitarrista brasileiro Hélio Delmiro e os paulistanos do Otis Trio + 5. **/ROBERTO NASCIMENTO**

COSMÓPOLIS

Direção: David Cronenberg. **Elenco:** Robert Pattinson, Samantha Morton, Jay Baruchel, Paul Giamatti. **Estreia prevista para sexta-feira.**



A VIDA NUMA LIMUSINE

E quem disse que o mundo não cabe numa limusine? Em *Cosmópolis*, de David Cronenberg, Nova York está à beira do caos, o capitalismo entra em colapso e o egocêntrico e milionário golden boy das finanças Eric Packer (vivido por Robert Pattinson) tenta chegar ao outro lado da cidade apenas para cortar o cabelo. Quem disse que consegue? O filme adaptado do livro de Don DeLillo pode ter decepcionado em Cannes, mas é Cronenberg. E com o astro de *Crápulo*, agora privado de sua *Beleza*. **/LUZ CARLOS HERTZ**

100 ANOS DE JOHN CAGE

Quando: Amanhã, 15 h; 19h (ensaio aberto); terça-feira, às 20h30 (meia). **Onde:** CCSP. Rua Vergueiro, 1.000, telefone 3397-4002. **Quanto:** Grátis.



JOHN CAGE NO CCSP

Fotografada, acima, ao lado de John Cage, a pianista brasileira radicada na Europa Beatriz Roman volta a São Paulo para participar de uma homenagem ao centenário do compositor promovida pelo Centro Cultural São Paulo. Amanhã ela realiza um ensaio aberto e, na terça, um recital em que também comenta a produção do autor. **/JOÃO LUZ CAMPAGNO**

O LIVRO DE ITENS DO PACIENTE ESTEVOÁ

Quando: De 7/9 a 22/10 - 6ª e sáb., 18 h; dom. e feriado, 17 h. **Onde:** Sesc Betelevens, Rua Padre Adelino, 1.000, tel. 2076-9700. **Quanto:** R\$ 24.



QUESTÃO DERRADEIRA
Com o mesmo nome do primeiro marido do Cristianismo, Estevão está morrendo de uma doença absolutamente original. Na tentativa de escapar, ele embarca em uma verdadeira odisséia na qual revê seus principais fracassos. O Livro de Itens do Paciente Estevão é o novo espetáculo da Sutil Companhia de Teatro, que estreia no Sesc Betelevens. Sob o comando de Felipe Hirsch, o grupo (composto com inteligência, A peça é uma tragédia de humor negro dividida em duas partes: *Os Prêziosos* e *Os Domínios*. **/OURATAN BRASIL**

A MENINA LIA

Quando: Sábado e domingo, 18 h - Até 20/9. **Onde:** Teatro Caetano de Almeida, Rua Tria, 205, telefone 3864-4513. **Quanto:** R\$ 10.



VIAGEM PELOS LIVROS

A pequena Lia é diferente das outras crianças, ela não dá a mínima para a tevê, quer mesmo é ficar todo tempo lendo seus livros. Incompreendida pelos pais, que não entendem seu apreço pela literatura, ela descobre um exemplar de *Mardiada*, de Ronald Dahl, e se inspira no personagem para transformar sua vida. O espetáculo *A Menina Lia* é com a Cia. do Publ. **/JELIANA SILVA DE SOUZA**

6ª MOSTRA DO FOMENTO À DANÇA

Quando: Terça e quarta-feira, 18 h e 20 h; quinta-feira, 20 h. Até 10/9. **Onde:** Galeria Olinda, Avenida São João, 473, telefone 3397-0170. **Quanto:** Grátis.



É TEMPO DE DANÇAR

Trabalhos contemplados nas diversas edições do Programa de Fomento à Dança poderão ser vistos em uma única mostra. Na sexta edição do evento, coreografias de 26 companhias ocupam todos os espaços da Galeria Olinda, incluindo os corredores. Na seleção, obras como *Silvas de Dança*, de Diogo Granato, e *Danças Puras*, da Cia. Tântico. **/MARIA ELZEÂNIA DE MENEZES**

CINEMA

VOTE NO CONCURSO CAIXA DE CURTAS

Internautas têm até quarta-feira, dia 2 de setembro para votar no Concurso Caixa de Curtas. Promovida pela TAI - Televisão América Latina, a competição recebeu mais de 300 inscrições, de curtas metragens de 16 países da América Latina, nas categorias animação, ficção e documentário, que podem ser vistos gratuitamente no site www.tai.tv.

LITERATURA

CURSO CELEBRA 100 ANOS DE NELSON

Para lembrar os 100 anos de Nelson Rodrigues, a Casa do Saber (R. Mário Ferraz, 41) traz o curso *A Mulher em Nelson Rodrigues*, ministrado por Luiz Felipe Pondé, a partir de amanhã, às 20 h. O curso tem quatro temas principais a respeito do universo feminino. Mais informações pelo e-mail info@casadosaber.com.br ou tel: (11) 3707-8900.

Calçados Ribim
CALÇADOS ESPECIAIS
SOL MEIO-DIA - VÁRICO - HODROSIS
Remédios para tratar problemas de circulação
Culote, tênis, bota e etc.

Special size
MANEQUINS 44 AO 62
Mes de Sucesso
Lançamento da Coleção Primavera/Verão 2013
Rua Galvães, 1423 - Moema - Manhattan
11. 5092 2951 / 11. 3811 7706

Vai viajar?
Sapatos Maria-Faceira linha confort
www.blogmariafaceira.blogspot.com
Rua Aspicuelta, 216
Vila Madalena
Fone: (11) 3724-0789
Loja aberta nesse Domingo das 13 às 18h

artefacto BASIC
Bazar de TECIDOS
ÚLTIMO DIA
Reters, jacquard, gaze de linho, veludo, sedes estampadas e muito mais a partir de R\$ 10,00 o metro*
Aproveite esta condição especial para: colchas, capas, cortinas, pilões e revestimento.
ABERTA HOJE DAS 10 às 18h
R. Henrique Schaumann, 460 - Pinheiros - 05507-000
artefactobasic.com.br | [facebook.com/artefactobasic](https://www.facebook.com/artefactobasic)

Descubra as cores e as notas frutais e quentes do figo da turquia
PHIEBO
Creme para mãos, novo produto da linha inspirada no Mediterrâneo
www.phiebo.com.br
Pantufas de banho: Rua Galvães 1423, 1111-1111-1111 | Pantufas 100% algodão: Rua das Flores, 301 - 11-3011-3011 | Pantufas 100% algodão: Rua das Flores, 301 - 11-3011-3011

Figura 23 – coluna de 2 de setembro de 2012

seleção da semana*

TROPICÁLIA
Direção: Marcelo Machado.
Gênero: Documentário (Brasil/2012, 82 minutos).
Estreia prevista para sexta-feira.

UMA ARTE DE RUPTURA

Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Arnaldo Baptista, Rita Lee, Tom Zé. Essa extraordinária constelação da música brasileira se faz presente no documentário *Tropicália*, de Marcelo Machado. Nos últimos anos, a cena musical do País tem sido retratada no cinema por meio de documentários sobre grandes figuras da MPB. O caso de *Tropicália* é especial.

Um dos movimentos artísticos mais importantes do Brasil, o tropicalismo extrapolou a cena musical e teve ramificações no cinema, no teatro, nas artes plásticas, na poesia. Ele coincidiu com o momento em que, sob a ditadura militar, a liberdade de expressão - política e artística - estava sendo colocada em xeque no País. É toda uma época,



Histórico. Filme revê movimento fundamental da MPB

portanto, que o diretor resgata com seu trabalho. Contestação, resistência, ousadia - vanguarda. Esta história começou no Festival de Música Popular que o TV Record realizou em 1967. Durante dois anos, 1967 e 68, reinventando o Manifesto Antropofágico de 1922 e misturando tradições culturais

de raiz com guitarras elétricas e outros elementos 'de fora', os tropicalistas fizeram uma arte essencialmente de ruptura. O documentário que agora estreia lembra tudo isso por meio de depoimentos e imagens e sons girimpados do passado. É uma aula de história, e de cinema. / **LUÍZ CARLOS WERTEN**

GIRLS IN AIRPORTS
Quando: Sábado, às 21h30. Onde: Sesc Pompeia, Choperia, Rua Clélia, 93, telefone 3871-7700.
Quanto: De R\$ 5 a R\$ 20.



VIKINGS NO JAZZ

Parece que eles iniciaram sua música onde o Morphine parou. O quinteto dinamarquês Girls In Airports vem da cena escandinava (que, poucos sabem, é ultratradicional no jazz) e força os limites do gênero. Tem como abre-alas dois saxofones, complementados por uma percussão que, na cadência, junta bossa e George Russell, Lennie Tristano e Burt Bacharach. / **JOATMÉ MEDeiros**

MEIO LÁ MEIO CÁ
Quando: Sábado e domingo, às 16 h. Até 14/10.
Onde: Teatro Vivo, Av. Dr. Chacri Zaidan, 880, tel. 7420-1500. Quanto: R\$ 20.



MISTÉRIO E CORAGEM

O arrapalhado Eu quer ganhar o presente que Ela lhe prometeu. Para isso, precisará da ajuda de seu amigo Tu. Puro mistério na peça *Meio Lá Meio Cá*, do grupo Lesolobosobos (Bianca Rimaldi, Murilo Infersato e Gpeteani). / **ELIANA SILVA DE SOUZA**

CÓRTEX
Quando: De 15/9 a 4/11 - 6ª, 20 h; sáb, 17 h e 20 h; dom., 19 h. Onde: C388, Rua Álvares Penteado, 112, tel. 3113-3831. Quanto: R\$ 6.



UM NOVO MONÓLOGO

Orávio Martins já se aventurou com sucesso no monólogo, quando montou *A Noite Antes da Floresta*, de Bernard-Marie Koltès, em 2006. Agora, ele retoma o desafio com *Córtex*, sob a segura direção de Nelson Baqueriville. Texto traz suspense e sofrimento, nas mãos de um grande ator. / **URUBATAN BRASIL**

CYRO BAPTISTA
Quando: Dias 10, 13 e 14. Onde: Sesc Consolação (dia 10) e Sesc Pompeia (9 e 14). Quanto: Grátis (Consolação) e R\$15 a R\$20 (Pompeia).



A VEZ DE CYRO

O percussionista Cyro Baptista mostra, em três shows esta semana, seus devaneios de samba, free jazz e teatro de vanguarda. Como mostrou no Sesc Pompeia, em 2011, sobram motivos para assisti-lo. / **ROBERTO NASCIMENTO**

CAMERATA ABERTA
Quando: Sexta, às 21 h. Onde: Sesc Belenzinho, Rua Padre Adelino, 1.000, telefone 2076-9700. Quanto: R\$ 8 a R\$ 24.



CEM ANOS DEPOIS

Sob regência de Guillaume Bourguigne, a Camerata Aberta toca o *Pierre Lunayre*, de Schoenberg, obra chave na história da música do século 20, estreada há cem anos. Também no programa: Santoro, Webern e Silvio Ferraz. / **JOÃO SAMPAIO**

VISUAIS
SHEPARD FAIRY É SENTENCIADO
Shepard Fairy, criador do pôster *Hope*, que simbolizou a campanha de Barack Obama, em 2008, foi sentenciado a dois anos de liberdade assistida e multado em US\$ 55 mil, na sexta-feira. O governo americano disse que Fairy, de 43 anos, deveria ser preso por ter destruído documentos e fabricado outros em seu processo contra a Associated Press, dona da foto original, em 2009. Fairy processou a agência para provar que a foto não era da AP. / **WTV**

LITERATURA
PRÊMIO SESC RECEBE INSCRIÇÕES
As inscrições para o prêmio Sesc de literatura estilo abertas até o dia 30 de setembro deste mês. Os escritores podem se inscrever exclusivamente pelo site www.sesc.com.br/premio-sesc, no qual devem preencher o formulário e enviar a obra para uma das unidades do Sesc relacionadas no site. Serão aceitas obras inéditas destinadas ao público adulto, escritas por maiores de 18 anos e nas categorias conto e romance. As inscrições são gratuitas.

PROMOÇÃO: PREÇOS ESPECIAIS!
10% DE DESCONTO
Até o final do estoque
Especial para diabéticos. Totalmente anatômicos. Couro legítimo.
Feminino do nº 34 ao 41. Masculino do nº 37 ao 47.
Compre pela internet www.kundaliniconforto.com.br
Conheça nossas palmilhas personalizadas.
Sua qualidade de vida depende do conforto dos seus pés.
Podoposturologia é a solução! Marque sua consulta!
Higienópolis - R. Alagoas, 720. Atendimento com monobloco (11) 3667-0636

paladar
Sua vida muda quando você dá um novo sabor ao seu dia.
Fazê-lo começa no Paladar.
Sua vida muda quando você dá um novo sabor ao seu dia.
Fazê-lo começa no Paladar.

Parabéns, meu amigo Doutor!
9 de setembro
Dia do Médico Veterinário
Homenagem do Pet Memorial a todos os Médicos Veterinários pela dedicação e carinho, com que tratam a quem tanto amamos.
Pet MEMORIAL
Primeiro Crematório de Animais
0800 772 8885
Conheça o Plano Preventivo www.petmemorial.com.br

SUCESSO TOTAL - ÚLTIMAS APRESENTAÇÕES
O ESPETÁCULO DE MAIOR SUCESSO DE TODOS OS TEMPOS
ANDRÉ RIEU
& ORQUESTRA JOHANN STRAUSS
PARTICIPAÇÃO DE SAINT PETERSBURG TRIO DA RUSSIA E INCLUINDO BOLERO DE RAVEL
ÚLTIMAS APRESENTAÇÕES EXTRAS DE 11 À 16 DE SETEMBRO
GINÁSIO DO IBIRAPUERA - SÃO PAULO
A produção de eventos não se responsabiliza por ingressos comprados fora dos pontos oficiais de ingresso RAPIDO.

Figura 24 – coluna de 9 de setembro de 2012

seleção da semana*

TOM ZÉ
Quando: Dias 21 e 22, às 21 h; dia 23, às 18 h.
Onde: Sesc Vila Mariana. Rua Petótas, 141. telefone 5080-3000. Quanto: R\$ 10/ R\$ 42.

TOM ZÉ AMARRA SUAS PONTAS

"Tropicalia: braço cantado do pensamento que levou o Brasil à idade Média para a 2.ª Revolução Industrial". A "boutade" de Tom Zé no encarte do disco *Tropicalia Liza Légit* é sintomática do que vai se encontrar pela frente, nas 16 faixas ironia em cascata, inteligência, Denton, exorcismo. Mas, como dizia Roland Barthes, a vida é muito melhor com "um pouco de saber, um pouco de sabedoria e o máximo de sabor possível". Tom Zé capricha no sabor. Os muitos convidados (como Emicida, em *Apoelopsim*; e Rodrigo Amarante, dos Los Hermanos, em *NYC Subway Poetry Department*), dão uma impulso poço ao trabalho. O espírito de George Martin comparece em *De-Dei Xil-Xil-Xil*, delícia com o auxílio luxuoso de



Tom Zé De cabeça no 'berçário de todo os anafetíveis'

Pélico. O concretismo dos irmãos Campos recebe uma escora de bambu com a canção *O Motoból e Maria Clara* (com Malu Magalhães): "A motoca foge me levar! Por se levar! Minha foca para reinar". Tom Zé amarra pontas, do Recôncavo de Caetano Veloso ao sertão de Canudos. "Não recusamos

suas equações! Mas, por curiosidade, faça-se habitual resolver também com nossas armas a questão." O fim que amantou Misserre Nóbis retorna emboldado pra sul da nova ordem cultural. "Pioneiros lires alien!" Agora chegou o momento de Tom Zé reger todo esse escarcé. / **JOTABÉ MEDEIROS**

POLISSIA
Direção: Malwenn (França/2011). Elenco: Karin Viard, Marina Fois, Joey Starr, Nicolas Duvauchelle, Malwenn. Estreia prevista para sexta-feira.



INFÂNCIA ROUBADA

Atriz e diretora, Malwenn ganhou o prêmio de júri em Cannes, em 2011, por *Polissia*. Não se impressione com a grafia errada. O filme é sobre a brigada da polícia francesa que combate os crimes contra menores que ainda nem aprenderam a escrever direito. O foco da diretora não é para casos espetaculares, mas para o cotidiano da Instituição e das pequenas vítimas. / **LUZ CARLOS HERTEN**

MILITÃO AUGUSTO DE AZEVEDO
Quando: De 22/9 a 25/11, 3ª a dom., 9h/17.
Onde: Casa da Imagem. Rua Roberto Simonsen, 130-5, centro, tel. 3108-5122. Quanto: Grátis.



CIDADE DESAPARECIDA

São famosos os retratos de estúdio de Militão Augusto de Azevedo (1837-1902), mas a mostra do fotógrafo na Casa da Imagem, acompanhada de livro, exibe suas fotos de São Paulo, representando, assim, uma "cidade desaparecida". / **CAMILA MOLINA**

SEMPRE UM PAPO
Quando: Quarta, às 20 horas. Onde: Sesc Vila Mariana. Rua Petótas, 141, telefone 5080-3000. Quanto: Grátis.

MORAL E TECNOLOGIA

O escritor português Gonçalo M. Tavares sempre rende boa conversa. Não à toa é o convidado do Sempre Um Papo deste mês. Ele vai participar do debate *Moral, Tecnologia e Linguagem*, na quarta-feira, ao lado do idealizador do encontro, Afonso Borges. Tavares cultiva uma interessante carreira, com um baú de originais ao pouco divulgados. Encontro imperdível. / **UBIRATAN BRASL**

A LINHA MÁGICA
Quando: Sábado e domingo, 17h30. De 22/9 a 25/11. Onde: Teatro Alta. Rua Bento Branco de Andrade Filho, 722. 5665-4000. Quanto: R\$ 30.



SER CRIANÇA É BOM

Com estrela marcada para sábado que vem, *A Linha Mágica*, da Fabulosa Companhia, conta a história de Pedro e sua aventura pelo tempo. Tudo começa quando ele ganha um novo amigo de uma misteriosa mulher. / **ELIANA SILVA DE SOUZA**

RAZÕES PARA SER BONITA
Quando: 6ª, 21h30; sáb., 21 h; dom., 19h. De 21/9 a 21/10. Onde: Teatro Vivo. Avenida Doutor Zaldini, 892. telefone 7420-1320. Quanto: R\$ 50/ R\$ 70.



DITADURA DA BELEZA

Com direção de Jolo Fonseca, o texto de Neil LaBute chega ao Brasil e discute o que ponto os padrões de beleza podem nos agredir e atrair pela as relações, como é o caso de Steph (Ingrid Guimarães) e Greg (Gustavo Machado)? / **FLAVIA GUERRA**

Cinema. Festival

BILL MURRAY VIVE FRANKLIN ROOSEVELT

Ann Hornaday
THE WASHINGTON POST | TORONTO



Bill Murray, ator famoso por sua indolência, surpreendeu jornalistas e cinefilos, quando apareceu no Festival de Cinema Internacional de Toronto para a estreia de *Hyde Park on the Hudson*, em que ele interpreta Franklin D. Roosevelt. Mas, como um executivo de estúdio confidencioso, "Quando Bill diz que vai fazer algo, ele o faz". Murray pode não parecer a escolha óbvia para viver Roosevelt, porém o diretor Roger Michell insistiu que ele foi sua primeira escolha para interpretar o presidente na época da Depressão, em grande parte por causa da enorme popularidade de Murray. "O único ator que eu podia ver fazendo es-

se trabalho no cinema era o Bill", disse Michell. "Porque há algo perdido sobre Bill. Há algo mal-doso sobre Bill. Há algo inefável e charmoso sobre Bill." Todas essas qualidades tornam-se cruciais para o filme, pois Roosevelt revelou ser um homem ao mesmo tempo relaxado e preocupante.

MUDE SEU VISUAL NA HORA!
SISTEMA CAPILAR NÃO CIRÚRGICO
PARA HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS.

AVALIAÇÃO GRATUITA!

Ideal para casos de quimioterapia, alopecia, líquen plano e queimaduras.

Conheça nossas exclusivas próteses femininas de cabelo italiano.

VENHA SER NOSSO PARCEIRO COMERCIAL!

Unidade Berrini
Tel.: (11) 5102-4648
Unidade Alameda Santos
Tel.: (11) 3141-0736

G.I.C.®
International Hair
www.gicinternationalhair.com.br

SEP BARRIBRANTE E KAVANTAN CONVIDAM VOCÊ A PARTICIPAR DO CONCURSO

arte de fotografar 2
A FELICIDADE REVELADA

INSCRIÇÕES: 7 de agosto a 12 de novembro - de R\$55 mil em prêmio

Se você mora, trabalha ou estuda em uma dessas cidades, PARTICIPE!

AMÉRICA: SANTA MARIA, CAÇARI, CAÇADORIA, ANÍSIO DIAS, CANAS, CARACARAÍTA, CUIZEL, FÉRRAS DE VILAVIEJA, GUARANI, GUARATINGUÁ, GUARULHOS, ITAIPORANGA, JACARÉ, JARDIM BARRIO, SANTA BENEDETA, SANTA FÉ, SÃO CARLOS, SÃO JOSE DO CAMPO, SÃO VICENTE, TIGUARI, TUBAÇU.

Leia o regulamento na íntegra e todas as demais informações no site: www.artede fotografar.com.br

patrocinado por:

Figura 25 – coluna de 16 de setembro de 2012

seleção da semana*

MORTEN HARKET

Quando: Quarta, às 21h30. **Onde:** Credicard Hall, Avenida das Nações Unidas, 17.955, Santo Amaro, tel. 2846-8010. **Quanto:** R\$ 70/R\$ 280.

SEX SYMBOL DE DUAS GERAÇÕES

Em sua sexta passagem pelo Brasil, o cantor norueguês Morten Harket (líder de uma banda pop inesquecível dos anos 1980 e 1990, o A-ha) destila um rosário de hits esta semana em São Paulo para fãs extremados. Sex symbol de duas gerações, Morten continua com a voz em forma, aos 32 anos. Ele está em turnê promovendo seu último álbum, *Out of My Hands*.

A banda que o acompanha é praticamente a mesma do grupo do A-ha (obviamente que os dois titulares do grupo, o tecladista Magne Furuholmen e o guitarrista Paul Wulfsaar, são insubstituíveis). Mas Morten garante um tempo para os fãs, que vão ter o privilégio de reencontrar o seu famoso falsete e o synth pop que encantou e chegou a reunir 10 milhões de pessoas no Rock in Rio 2, em 1990 (um recorde). Seus hits de rádio darão uma programação durante um mês a fio: *Take on Me* (que sempre encerra o show), *Stay on These Roads*,



Morten. Banda é o mesmo grupo de apoio do A-ha

Crying in the Rain, *Hunting High and Low*, e por aí vai. "Se as nossas canções sobreviveram ao tempo, foi porque nós tentamos compor sobre as coisas que conhecíamos, que vivenciamos. Aquilo que era a nossa verdade naquele momento, como seres espirituais. Eu me mantenho à procura das coisas que me são essenciais. Nunca focamos no sucesso. Se você ouve o rádio, vê que há uma luta ali para tentar as pessoas, então a procura de algo que luteie as pessoas, mas não há uma verdade", disse

Morten, em entrevista recente ao *Estado*. Seu disco *Out of My Hands* é o seu quinto álbum solo de estúdio, e Harket não cogita voltar ao A-ha (embora tenha tocado nos dias 14 e 15, em Oslo, com os antigos colegas). Diz que está preocupado com o futuro e em olhar para frente, não para trás. Mas tem orgulho de todos os seus hits. "Nunca acreditei em música que carregue lemas, advertências, mas que ajude a revelar qual é a essência do humano", afirmou. **JOTA ABREU/REUTERS**

BÉJART BALLET LAUSANNE

Quando: 2ª e 6ª, 21 h; sáb., 20 h; dom., 19h, 17 h. **Onde:** Teatro Municipal, Pça. Ramos de Azevedo, s/nº, telefone 3387-0327. **Quanto:** R\$ 150/R\$ 390.



Clássicos de Béjart

A Béjart Ballet Lausanne retorna ao Brasil após uma ausência de 12 anos. Criado por Maurice Béjart, coreógrafo francês morto em 2007, a companhia participa das comemorações do centenário da Sociedade de Cultura Artística. No palco do Municipal, deve apresentar *Ce que L'Amour Me Dit*, *Contar e* e *Boléro Corrografado* que são clássicos do seu repertório e carregam a assinatura de seu fundador. Hoje dirigido por Gill Roman, o conjunto que tem sede na Suíça reúne 39 bailarinos de 15 países. **MAISA EUGÊNIA DE MENEZES**

ROCA

Direção: Flávio Frederico. **Elenco:** Daniel de Oliveira, Hermília Quevedo, Milhen Cortaz, Paulo César Penino. **Estreia prevista para sexta-feira.**



VIDA NA BOCA DO LIXO

Baseado na biografia de Hinoza de Moraes, Beza, de Flávio Frederico, reconstrói período conturbado da vida paulista e da criminalidade na Boca do Lixo. Há que se ver, nem que seja por Daniel de Oliveira, artilheiro no papel. **LUIZ CARLOS MESTEN**

LIZA MINNELLI

Quando: Quinta, às 21h30. **Onde:** Credicard Hall, Avenida das Nações Unidas, 17.955, Santo Amaro, tel. 2846-8010. **Quanto:** R\$ 45/R\$ 500.

ETERNA ESTRELA

O motivo principal é apresentar as canções do CD *Confessions*, mas Liza Minnelli não é a mesma se não não cantar sucessos como *Cabaret* e *New York, New York*. São esses standards que vão levantar a platéia do Credicard Hall no show que a estrela fará na quarta-feira. Mesmo com a voz apresentando algumas ranhuras, Liza continua instigável como estrela do palco, criando uma cumplicidade com o público que poucos conseguem. Uma festa inesquecível para fãs e não fãs. **URBATAN BRASIL**

GOELDI E 4 ENSAIOS GRÁFICOS

Quando: de 29/9 a 24/2/2013. 3ª e dom., 10h/18h. **Onde:** Estação Pinacoteca, Lgo. General Osório, 66. 3335-4990. **Quanto:** R\$ 6 (grátis aos sábados).



ARTE DE GRAVADORES

Oswaldo Goeldi é novamente celebrado com mostra de 50 de suas gravuras adquiridas pela Pinacoteca. Mais ainda, o museu exibe na Estação dos Gravadores Ulysses Roscolo, Ernesto Bizotto, Fernando Vilela e Paulo Barreto. **CARLA A. HOLMAN**

PAIS E FILHOS

Quando: De 29/9 a 11/11 - 6ª e sáb., às 21 h; dom., às 19 h. **Onde:** Sesc Pompéia, Rua Otília, 93, tel. 3871-7700. **Quanto:** R\$ 5 a R\$ 20.



DE VOLTA À RÚSSIA

Responsível pela aclamada montagem de *O Edipo* (2010), a Mundana Cia. de Ilya Dobrotvinski, mas não a literatura do país. Seu novo espetáculo, *País e Filhos*, é uma adaptação da obra de Ivo Turguliev. A direção é do russo Adolf Schapiro. **M.A.C.**

Moda. Tendências

1. Burberry metalizou o trenchcoat. **2.** O Frankenstein de Christopher Kane. **3.** Mulberry levou o poodle Max e as bolsos coloridas a Londres.

DOCE VERÃO

Nas semanas de Londres e Milão, desfiles apostam nas cores leves, texturas metalizadas e looks desconstruídos

1. Jonathan Saunders propõe listras e cropped top. **2.** Prada, que chega em breve ao Brasil, traz ousadas orientais.

Flávia Guerra

Se Nova York, apesar das cores do verão, destacou-se pelo uso do preto e branco, das listras e grafismos em sua edição primavera-verão 2013, Londres e Milão seguem a temporada de desfiles com propostas coloridas, metalizadas, desconstruídas e ousadas. Do orientalismo da Prada ao metálico da Burberry, primavera-verão é tempo de cores.

Na passarela inglesa, Christopher Kane talvez seja a melhor síntese do que se vai encontrar pelas ruas nas próximas estações: um verdadeiro Frankenstein fashion. Mas nada de radicalismo. Apenas uma onda leve de uma noite de verão. A grife trouxe uma coleção inspirada na combinação de porcas, parafusos e fitas isolantes com tecidos delicados, leves e candy colors. O contraste entre o amarelo e o vermelho-doce com o rústico das "ferramentas" fez da proposta de

Kane uma das mais impactantes da semana. Para completar, a camista - ícone da estação, uma bem-humorada cara de Frankenstein trouxe o despojamento que a temporada pede.

Quem sugeria despojamento, mas sem perder a forma, foi a Burberry Prorsum. Já o clássico que o icônico trenchcoat sempre surge reconstruído pela grife. Desta vez, a peça surgiu metálica, em tons de azul, menta, fúcsia, púrpura, cobre.

A Burberry acaba de abrir uma megalóxia conceitual na Regent Street, coração fashion de Londres, e promete explorar mais um capítulo na história da moda. Não foi por acaso que revolucionou a forma de vender moda ao disponibilizar em tempo real para vendas online as peças que desfila na passarela.

Sob o comando criativo de Christopher Bailey, é a prova de que é possível se reinventar sem perder a essência. Também não é por acaso que nos espantamos com inovações tecnológicas, e práticas, das vendas online para o "mundo real". As peças possuem um transmissor que envia sinais de rádio aos espelhos inteligentes da loja. Imediatamente, os espelhos identificam o modelo provado e exibem cenas do desfile em que a peça foi apresentada, sugestões de uso e dados sobre a fabricação da peça. Mais futurista, impossível.

Quem também investe em um verão futurista e metálico é Jonathan Saunders. Apostando na tendência das listras e do cropped top, surgiu com uma coleção quase sem estampas (ponto forte da grife), mínima e colorida ao mesmo tempo.

Em Milão, a Prada mais uma vez surpreendeu com um desfile que desconstrói para construir. Mais claro do que na última coleção, sugeria ares orientais com looks "dobrados" (destaque para os vestidos em camadas e as saias-envelope), quimonos pós-modernos, estampas florais, linhas diagonais e fendas que revelam e escondem (sobretudo ombros) na medida.

Figura 26 – coluna de 23 de setembro de 2012

seleção da semana*

B.B. KING
Quando: 6ª e sáb., 22h, na Via Funchal; dom. (7/10), 22h, no Bourbon Street. **Quanto:** R\$ 250/ R\$ 700 (Via Funchal); R\$ 1.200 (Bourbon).

INQUEBRÁVEL SOBERANO

O adeus de B.B.King, de 87 anos, já dura mais tempo que o de Silvio Caldas. Ele iniciou essa última turnê em 2006, e parece que vai levá-la adiante por muitos anos ainda. "Tenho viajado milhas por aí! Parece que alguém queria me dar uma rasteira! Porque eu sou um bluesman! Mas eu sou um homem bom, entende?" canta o soberano do blues, em *Rhac Man*.

"Posso ver nos jornais amanhã, B.B. King toca muito, mas ele fala a noite toda", brinca o guitarrista, e a plateia se acaba. Showman de primeira, ele faz três shows em São Paulo, o que seria uma façanha para qualquer outro homem na sua idade. Chega para a turnê com o esquema de sempre: vigia entre as cidades de ônibus, não se arris-



B.B. King.
A cada ano parece cantar melhor

ca em voos domésticos.

B.B. King mantém uma misteriosa potência vocal, parece que a cada ano canta melhor. É um canto feito de explosões, de puro vigor, força natural, e unido por uma ligação simbiótica com seu instrumento, a guitarra. Há muito tempo que ele

não canta mais em pé, mas sentado. Contado, não para quieto, dança na cadeira, finge flertes com as moças da plateia, faz miscégenos com o rosto, simula espanto e conversa com os fãs depois do show. Não é somente a lenda que o move, é também a sensação de dever cumprido. **JOTABÉ MEDEIROS**

ATÉ QUE A SORTE NOS SEPARA
Direção: Roberto Santucci. **Elenco:** Leandro Hassum, Danielle Wintz, Alton Braga, Kiko Mascarenhas. **Estreia prevista para sexta-feira.**



FENÔMENO À VISTA?

Os críticos torcem o nariz, mas a estreia de Leandro Hassum credencia-se a ser ídolo de bilheteria num ano que não está sendo muito bom para o cinema brasileiro. Ele divide a cena com Daniele Wintz e a nova comédia de Roberto Santucci baseada no best-seller Cassia: *Inteligente Engrace com Juntas*, de Gustavo Cerbasi. Ah, sim, uma sequência já está a caminho. **LUIZ CARLOS HEERTEN**

MARIA JOÃO PIRES
Quando: 5ª e 6ª 21h; sáb., 18h30. **Onde:** Sala São Paulo. Paq. Júlio Prestes, s/nº. Luz. 3223-3966. **Quanto:** R\$ 26/R\$ 140 (P). R\$ 10 (eresado).



MARIA JOÃO E MOZART

A pianista Maria João Pires volta à Sala São Paulo a partir de quinta-feira, como solista da Sinfônica do Estado de São Paulo, para interpretar o Concerto nº 17 para Piano e Orquestra de Mozart (regência de Lawrence Rens). **JOSÉ LUÍZ SAMPÃO**

PENÉLOPE, A REPÓRTER COR-DE-ROSA
Quando: Sáb. e dom., 16 h. Até 25/11. **Onde:** Teatro Alta. Sala R. R. Bento Branco de Andrade Filho, 722, Santo Amaro, 5083-4000. **Quanto:** R\$ 30

TUDO COR-DE-ROSA

Com texto de Flávio de Souza e direção de Carla Cardotro, Angéla Dip sobe ao palco do Teatro Alta para interpretar a repórter Penélope. Sucesso nos anos 90, quando participou da turnêinha do Cláudio Rê. Tim Berr, a toda rosa Penélope agora vem para mostrar a um novo público infantil o que acontece atrás das câmeras de televisão, com muitas informações e brincadeiras. **ELIANA SILVA DE SOUZA**



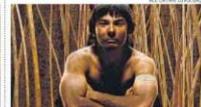
CLEMENS VON WEDEMEYER E COLETIVA
Quando: de 5/10 a 2/12; 3ª a 6ª, 11h30/13h; sáb. e dom., 12h30/17h30. **Onde:** Paço das Artes, Av. da Universidade, 1.3814-4832, USP. **Quanto:** Grátis.



UMA QUARTA PAREDE

Destaques na Documenta 13 de Kassel, o alemão Clemens von Wedemeyer exhibe a instalação *A Quarta Parede* no Paço das Artes. A instituição ainda expõe obras de outros artistas, entre eles, Bill Viola e Charly Nijensohn (foto). **CAMILA MOLINA**

RECURSA
Quando: 5ª a sáb., 21h30; dom., 18h. Até 16/12. **Onde:** SP Escola de Teatro. Paq. Roosevelt, 210, Consolação, 3775-8000. **Quanto:** R\$ 10.



SOBRE O QUE RESTOU

Recusa é o novo espetáculo da Cia. Balagan. A partir de um relato jornalístico sobre dois índios remanescentes de uma tribo extinta, a diretora Miria Thais e o dramaturgo Luis Alberto de Azevedo construíram a peça. **MARIA EUGÊNIA DE MENEZES**

ASSISTA HOJE, NA TV CULTURA, AO NASCIMENTO DOS NOVOS NOMES DA MÚSICA CLÁSSICA.



PRÉ-ESTREIA 2012
 Hoje começa o maior concurso de música clássica do Brasil e você não pode perder um único acorde. Todo domingo, às 16h.



CULTURA
Uma TV diferente

cmais.com.br/preestrela

Figura 27 – coluna de 30 de setembro de 2012

ANEXO B – Seleção da semana – coluna completa de 1º de abril de 2012

D1 | DOMINGO, 1 DE ABRIL DE 2012 | ANO XXV | Nº 6688

O ESTADO DE S. PAULO

C2+TV

Memória
Traços de (e para) Millôr. Págs. D4 e D5

estadio.com.br

ACEVIO PESSOAL/DEVALGACAO

REPORTAGEM

Reportagem do 'Estado' encontra em museu no Chile escultura não identificada, com características comuns ao trabalho do Aleijadinho; especialistas examinam detalhes da obra e debatem questão da autoria no barroco. Pág. D6



DOMINGO

EM BUSCA DO ALEIJADINHO



Aberta hoje

10x

à vista
até 14 de abril

A Artefacto Beach & Country convida você para realizar suas compras pagando o valor à vista em até 10 vezes sem juros. Aproveite esta condição especial e renove seus ambientes.

artefacto **BEACH & COUNTRY**
www.artefactobc.com.br

SÃO PAULO
Jardim América | Av. Brasil, 1.823 | 11 3884 7000 | Seg. a Sáb. das 10 às 20h | Dom. das 14 às 18h
S&O Shopping | Av. das Nações Unidas, 12.555 | Plan. Boulevard | 11 5105 7700
Seg. a Sex. - 10 às 22h | Sáb. - 10 às 20h | Dom. e fer. - 14 às 19h

Previsão válida até 14/04/2012. Consulte as condições e os prazos de entrega prometidos nos lojas. O valor à vista é aplicado em até 10 vezes, sendo necessário pagar o valor em 10 parcelas mensais.
Parcela mínima R\$ 250,00. Crédito sujeito a aprovação. Foto: Luciana

Figura 28 – coluna de 1º de abril de 2012 (D1)

seleção da semana*

XINGU
Diretor: Cao Hamburger (Brasil/2011). Elenco: João Miguel, Felipe Camargo, Cao Blat. **Estreia prevista para sexta.**

ÉPICO DO EXÍLIO

Embora tenha sido uma batalha épica que atravessou toda a década de 1950, a luta dos irmãos Villas-Bos para criar o Parque Nacional do Xingu é desconhecida pelos próprios brasileiros. Digamos que muita gente conhece dois dos irmãos, Orlando e Cláudio, e também sabe que o parque foi, e ainda é, decisivo na preservação de índios e espécies selvagens, mas quantos conhecem o terceiro dos Villas-Bos, Leonardo?

Essa história é agora recuperada pelo diretor Cao Hamburger, de *Castro Alves: Uma Vida em Quebras* e *Meus Pais Saíram de Férias*, seus trabalhos anteriores para cinema, aos quais deve-se somar a série *Os Filhos do Carnaval*, feita para TV. Cao pertence a uma categoria rara de diretores (autores) do Brasil.



História recuperada. Os irmãos Villas-Bos eram três

Trafega entre os filmes de arte (e os prêmios em festivais) e os sucessos de público, o que bem poucos cineastas do País conseguem.

A vocação de Xingu é repetir essa espécie de harmonização. O filme tem imagens deslumbrantes, um elenco forte (João Miguel, Felipe Camargo e

Cao Blat) e cenas que praticamente documentam ritos e costumes dos silvícolas brasileiros. Mas também é um drama familiar, a história de uma família destroçada e mais uma narrativa de exílio interno (como *O Amô*). É o tema que mais atrai Cao. É a sua marca em Xingu, o filme. **LUZ CARLOS HEERTEN**

LOLLAPALOOZA
Quando: Dias 7 e 8, a partir das 12 h. Onde: Jockey Club. Av. Lineu de Paula Machado, 1.263. Quanto: R\$ 150/R\$ 300. www.lollapaloozabr.com



O FESTIVAL NO BRASIL

No melhor lugar para shows de São Paulo, o velho Jockey Club. Com algumas das melhores bandas do indie rock (TV on the Radio, Band of Horses, Joan Jett, MGMT). Com um padrão de organização "família", focado em serviços e até em shows para os filhos dos roqueiros. Bom, é o primeiro Lollapalooza no Brasil. Não é de perder. É tem o Foo Fighters (foto), sempre animal ao vivo. **JOTA DE MENEZES**

PANORAMAS
Quando: De hoje até 17/6, 10h/20h (sáb. e dom., 13h). Te: Teat. 2º. Onde: MAB-Fang, Rua Alagoas, 903, telefone 3662-7198. Quanto: Grátis.



PAISAGENS HISTÓRICAS

Vistas do Brasil, como o detalhe da imagem da Praia de Botafogo realizada em 1893 por Marc Ferrez (foto), estão na mostra *Panoramas: A Paisagem Brasileira no Acervo do Instituto Moreira Salles*, com obras realizadas entre 1820 e 1920. **RAMILA HOLANDA**

HAMILTON DE HOLANDA E STEFANO BOLLANI
Quando: quarta, às 21 h. Onde: Teatro GEO Avenida Faria Lima, 201 (acesso pela Rua Corupá, 88), tel. 3728-4930. Quanto: De R\$ 80 a R\$150.



CONVERSA DE BAMBA

Uma química descontraída está ao centro das conversas entre o bandolim de Hamilton de Holanda e o piano do italiano Stefano Bollani. Tanto que o repertório dos dois é escolhido poucas horas antes do show - mera formalidade, sendo que os temas, clássicos como *Chorinho Pra Ele* e *1 e 2*, ou composições originais de Hamilton, como a emotiva *Baile Brasil*, são meros pontos de partida para belos rasantos improvisados. **ROBERTO NASCIMENTO**

EQUUS
Quando: 8ª, às 21h30, sáb. às 21h; dom., às 20h. Até 17/7. Onde: Teatro Fielha, Av. Higienópolis, 618, telefone 3823-2323. Quanto: R\$ 40/ R\$ 60.



A VOLTA DO CLÁSSICO

Na reabertura do Teatro Fielha, Leonardo Miggiolin (foto) e Elias Andreato interpretam o rapar transtornado e o psiquiatra de *Equus*, peça que estreou em 1973 nos EUA e garantiu o prêmio Tony a seu autor, Peter Shaffer. **FABRITIAN BRASIL**

SINFÔNICA HELIÓPOLIS
Quando: Quarta-feira, às 21 h. Onde: Sala São Paulo, Praça Júlio Prestes, 16, tel. 3223-3866. Quanto: R\$ 20/ R\$ 30.



HELIÓPOLIS NA SALA

A Sinfônica de Heliópolis faz o segundo concerto de sua temporada na quarta, na Sala São Paulo. O grupo será regido por Isaac Karabchevsky (foto) e terá como solista o violonista Daniel Guedes. No programa, Tchaikóvski e Dvorák. **JULIO LIZ SAMPAIO**

THE ULTIMATE FIGHTER BRASIL™

O MAIOR REALITY DO MUNDO DA LUTA.

Vitor Belfort

16 lutadores confinados em uma casa disputam um contrato com o UFC, o maior campeonato de MMA do mundo.

Liderados por lendas do esporte, em times rivais.

Assista também no Multishow

Terças às 21h30 e quartas às 18h.

Wanderlei Silva

TIME VITOR X TIME WANDERLEI

Canal 42*

*Canal 42 na Acom, CTCB, Net, Sim, TV, SKY, TVA e Via Embratel. Canal 342 na Telefônica.

Figura 29 – coluna de 1º de abril de 2012 (D2)

Literatura. Celebridade



Em marco. Entre eventos, fococas e mulheres

PARA LEMBRAR

Por 10 anos ele viveu escondido

A publicação em 1988 de *Os Versos Satânicos*, considerado ofensivo ao profeta Maomé, levou o ataloli Ruhollah Khomeini a emitir uma fatwa contra Salman Rushdie em 14 de fevereiro de 1989, convocando os "muçulmanos zelosos" a assassinar o escritor. Diversos atentados o forçaram a se es-

conder durante quase dez anos, até que, em 1998, o governo iraniano questionou a decisão de Khomeini, afirmando que não mais apoiava a ordem de assassinato do escritor. Em 1999, pressionado pela ameaça de radicais muçulmanos, assinou um documento em que repudiou as ofensas ao Islã. Mas hoje diz que estava apenas defendendo sua vida. Não mudaria uma linha de seu polêmico livro, garantido.

DO EXÍLIO A TODO LUGAR

Salman Rushdie é presença incansável na agitada vida noturna de Nova York

Laura M. Hudson
THE NEW YORK TIMES
NOVA YORK

Em 8 de março de uma terça chuvosa de fevereiro e Salman Rushdie foi para o Junoon, restaurante de Manhattan onde o autor britânico nasceu na Índia e o convidado de honra de um jantar patrocinado pela Booktrac, desenvolvedora de aplicativo que sincroniza música a livros eletrônicos. Aquela era seu segundo jantar da noite – poucas horas antes, Rushdie estivera conversando com Diane Von Furstenberg em um evento para o artista Quattria Watts. No Junoon, depois do jantar, o escritor pegou um iPad e leu em voz alta seu conto *In the South*. Em seguida, perguntou a uma bela jovem em uma mesa: "Como eu me sai?" Ela murmurou alguma coisa a respeito da leitura, e ele agradeceu a sua presença. Enquanto o autor e a estafeta, ela comentou com alguém ao seu lado: "É bom vê-lo circular, não?"

Talvez a pergunta mais apropriada fosse: "Onde que os noztorquinhos vivem Rushdie ultimamente?" Cerca de 25 anos após a publicação de *Versos Satânicos*, que levou o ataloli Ruhollah Khomeini a emitir uma fatwa condenando-o à morte, o autor se tornou presença incansável na vida noturna de Nova York. Em janeiro, foi visto com o pintor Francesco Clemente em uma vernissage em Chelsea. Semanas antes, organizara um evento literário no Vermilion, um restaurante indiano-iriano no qual investiu. O escritor foi também anfitrião de um evento beneficente no Del Posto, em prol do Lunc-

hos Fund, entidade fundada pela ex-modelo Topaz Page-Green. Seu interesse pela cultura popular parece enorme, inclusive pela moda (esteve na primeira fileira do desfile de primavera 2012 da *Theyskens' Theory*), pelo teatro (foi a premiere de *Homens-Aranhas: Desligue a Escaridito*) e cinema (apareceu na festa da *Vanity Fair* no festival de Cinema de Tribeca). Rushdie, que mora nas proximidades de Union Square há 12 anos, também escreve atualmente o roteiro de uma série para o canal Showtime, ambientada na Nova York atual. Os amigos atribuem a ubiquidade de Rushdie a sua curiosidade e à sensação de ter encontrado um refúgio numa cidade acolhedora. "Poder respirar plenamente, estar em Nova York, isto faz com que se sinta seguro", disse Deepa Mehta, amiga e diretora do filme *Os Filhos da Meia-noite*, baseado no romance com o qual conquistou o Prêmio Booker, "É a liberdade." Não o primeiro autor famoso a se estabelecer na vida noturna da cidade. De Truman Capote nos anos 50 e 60, a Norman Mailer nos anos 70 e 80, frequentar a alta sociedade sempre foi parte da vida das celebridades literárias.

Mas a incansável presença do britânico em público notadário apenas por desafiar o édito emitido contra ele em países mais intransigentes, mas também porque ocorre estranhamente em um momento em que muitos dos escritores mais bem-sucedidos de NY aparentemente levam uma tranquila existência doméstica no Brooklyn. "A época do autor personagem público declinou consideravelmente", afirma Mort Manklow, veterano agente literário. "Os escritores mais prolíficos não são mais vistos em noticiários." Como Mailer, que teve seis esposas, Rushdie, casado quatro vezes, criou fama de queridinho das mulheres. "Todas as vezes em que é visto, está na companhia de duas ou três mulheres lindas", diz Graydon Carter, amigo e editor da *Vanity Fair*. O primeiro casamento de Rushdie, em 1976, com a agente literária Clarissa Luard, acabou em 1987. Seus dois relacionamentos seguintes também pareceram ao mundo dos livros. Marianne Wiggins é escritora e Elizabeth West, editora. Mas sua relação mais romorosa talvez tenha sido com a ex-modelo e atriz Padma Lakshmi. Desde a separação, em 2007, ele se envolveu com várias jovens atraentes. Amigos dizem que ele teve um caso com a socialite Michelle Barish. A atriz Pia Glenn fala publicamente de um relacionamento com Rushdie. E em novembro, Devorah Rose, aspirante a atriz de reality show na

TV e editora de revistas, onde faz crônicas da sociedade em *Hampsons*, postou no Twitter uma foto dela com o autor em um jantar. "Época maravilhosa com Salman. Volte logo para os States para a gente fazer tudo de novo." O que se seguiu entre Rose e Rushdie foi tema de muitas fococas. Ele disse ao *The Post* que Rose era uma mera conhecida. Ela retrucou que Rushdie a perseguia romanticamente e mostrou mensagens que ele lhe enviara no Facebook para que fossem publicadas num site de fococas. O escritor adotou a mídia social com o entusiasmo de um adolescente e reuniu mais de 246 mil seguidores no Twitter. Deepika Bahri, amiga e professora adjunta de inglês na Emory University de Atlanta, informou que ele topa qualquer tipo de interação com qualquer pessoa ou tema. "Não acho que isso seja importante para ele", disse Bahri, quando perguntaram se este comportamento poderia afetar a opinião que o público tem dele. "Ele não tem medo nem se preocupa com o que as pessoas pensam ou se isto poderá comprometer sua reputação literária." Para Rushdie, essas plataformas não são apenas novas maneiras de mostrar seu talento, mas representam uma espécie de libertação, afirmam os amigos. "Ele diz que nasceu de novo com a linguagem digital", adiantou Bahri. Certamente, qualquer que seja a onda social no espaço cibernético ou na cidade, Rushdie preserva sua marca literária – o que não é uma façanha desprezível, como seu agente Janklow destacou: "É difícil ser uma grande figura social e um grande escritor."

Claris
30% desc.

Special
30% desc.

De 24 de Março a 28 de Abril
todas as peças com 30% de desc.
Mais de 20.000 peças em promoção. Aproveite!!!

Peças Avulsas • Tam. 38 ao 52
Pagamento 3x a juros

www.clarisbikini.com.br
Rua Apucarana, 1.548
Tatuapé - F: 2364-6946
Rua Pinheiro Guimarães, 448
J. Avelino - F: 2345-8818

Curta Claris no Facebook e fique por dentro dos lançamentos e promoções

PAMINY

LIQUIDAÇÃO TOTAL

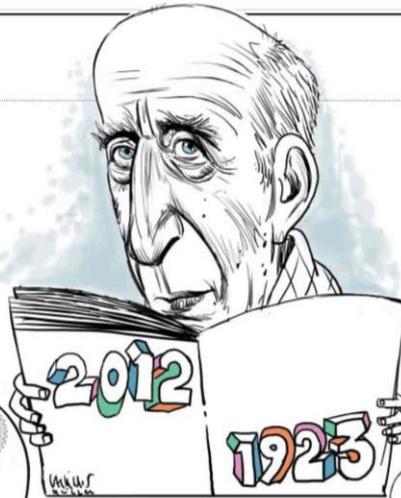
Revendedor Jovani
Para coleção completa acesse o site
www.jovani.com

Rua Monte Alegre, 631 | Perdizes | São Paulo | 11 3868-3934 / 3675-4621

Figura 30 – coluna de 1º de abril de 2012 (D3)

memória*

● **Leo Martins**
"Ele era como um processador múltiplo, fazia mais do que as páginas podiam comportar"

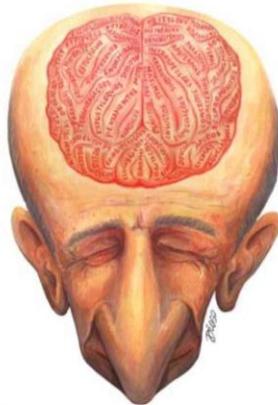


● **Carlinhos Müller**
"Gosto do estilo de desenho do Millôr, da fonte que criou e da maneira que pintava sua figuras, simples e com poucas cores, o que me inspira muito!"

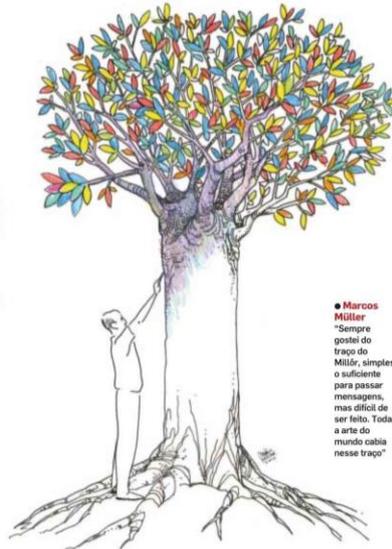
● **Baptistão**
"Jornalista, escritor, cartunista, dramaturgo, tradutor, humorista... e, de tudo, o mais difícil: genial em tudo isso!"

Desenhistas do Estado homenageiam Millôr Fernandes, morto na terça-feira

PAI DE GERAÇÕES



● **Diogo Salles**
"A exemplo do que Machado de Assis é para a nossa literatura ou Villa-Lobos é para a música brasileira, Millôr Fernandes é para o humor brasileiro: um cânone"



● **Marcos Müller**
"Sempre gostei do traço do Millôr, simples e suficiente para passar mensagens, mas difícil de ser feito. Toda a arte do mundo cabia nesse traço"

Cássio Lorezano

Millôr Fernandes foi um autodidata brilhante, intelectualmente muito curioso de vários campos e estudiosíssimo – o que explica como o pequeno órfão de família sem maiores luzes do Méier, zona norte carioca, tornou-se o intelectual de vasta cultura da Praça General Osório, em Ipanema. Millôr era um homem de convívio afável e obviamente diver-

tido, mas também bastante valioso e autocrático. É notável a frequência de "eu", "meu/milha", "me", "minim", "comigo" em seus prefácios, introduções e apresentações. E com que genuína satisfação recebia a admiração e as homenagens que lhe prestava o círculo que frequentava. Mas se isso denunciava uma necessidade de autoafirmação tão frequente em autodatas, também revela a perfeita consciência que tinha de seu alto

valor. (Um aviso, por exemplo, que vai poupar tempo e deslocamentos aos futuros pesquisadores de sua obra oceanica: todo o seu trabalho publicado se acha reunido em coleções ca-

estadio.com.br
Leia o artigo **Millôr, o Cânone do Humor**, de Diogo Salles blog.estado.com.br/tragico-e-comico

prichosamente encadernadas num único lugar, a maravilhosa biblioteca de seu estúdio da Praça General Osório que tantas vezes recorri. Além, é claro, dos originais, organizados em várias mapotecas). Millôr é o pai do moderno humorismo brasileiro, inventor da profissão que sucedeu a dos desenhistas de calangas e trocadilhistas ingênuos da primeira metade do século 20. Quando o desenhamo com os horrores da

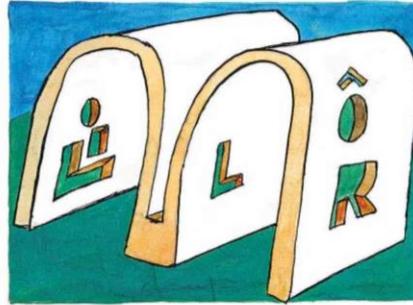
3ª Guerra produziu, no Hemisfério Norte, Saul Steinberg, André François – e, mais tarde, Tomi Ungerer, Robert Crumb, Sempé, a acidez da caricatura inglesa contemporânea e um humorismo pessimista, cerebral e sarcástico –, nós tivemos a sorte de ganhar um Millôr Fernandes, reconhecido mentor de gerações como as de Jaguar, Ziraldo, Fortuna, Henfil, Claudius, Veríssimo, Caules, Chico Caruso e este escriba, além dos que, a

partir de agora, passarão a refletir sobre sua vasta influência no cenário intelectual brasileiro do pós-guerra. E isso para ficar apenas no campo de sua atividade, digamos, jornalística. Estudando sozinho, Millôr chegou a se tornar um bom latinista. Quando o Niassara morreu, veio-me-disse "uma longa vida brevis". A vida dele próprio veio até terça-feira. Seu legado vai multissimilo lá para a frente e é uma sorte e uma riqueza para o País.

Figura 31 – coluna de 1º de abril de 2012 (D4)

Falsamente tosco e superficial, seu traço foi "o mais influente da segunda metade do século 20 no Brasil"

RAIO X DO CARÁTER HUMANO



Jotabê Medeiros

Falsamente tosco, falsamente desleixado, falsamente superficial, falsamente sem noção. O humor de Millôr era como um drôle de Garrincha: "Fiz que fui, não fui e acabei fundo". Ele mesmo dizia que seguia a lei do menor esforço. Nada mais ilusório. Seu traço de humor foi "o mais influente da segunda metade do século 20 no País", ponderou o ilustre e marchand Pedro Gorrão do Lago, quando organizou a histórica exposição *Caricaturistas Brasileiros* (o mais influente da primeira metade, claro, foi J. Carlos, que fez uns 100 mil desenhos).

Millôr influenciou Glauco, Angeli, Laerte, Reinaldo Figueiredo, Jale, até seus colegas de redações, como Ziraldo, Hentil, Fortuna, Péricles e Jaguar. Mas quem influenciou o traço de Millôr? Segundo Gonçalo Júnior, nosso grande historiador da gibilândia, foram os gibis norte-americanos sua primeira fonte. Começou como ajudante de arquivo em *O Cruzeiro* e sua paixão era Flávio Gordin, de Alex Raymond, "que copiou quadro por quadro, nos primeiros anos, marcando milimetricamente onde começava a cabeça, o braço, etc.", segundo descreve Gonçalo em *A Guerra dos Gibis* (Companhia das Letras). Aos 14 anos, Millôr trabalhou em *O Guy*. "Foi a maior emoção intelectual e estética de minha vida, quando os quadrinhos chegaram aqui, em 1934, importados por Adolfo Aizen. Um deslumbramento."

Na maturidade, no entanto, refinou ainda mais suas referências, declarando muitas vezes que sua maior influência foi mesmo Saul Steinberg (1914-1999). É evidente, basta comparar sua obra com os desenhos antigos de Steinberg na revista *Life* ou na *Harper's Bazaar*. "Qual seria o desafio que o uniu? O ponto de partida parecia ser mais uma caligrafia do que um

desenho, algo que só gênios como ele, Jules Feiffer e Will Eisner faziam com tanta facilidade. Essa caligrafia ia se desenvolvendo como um novelo, em espirais, revelando no percurso flashes de Toulouse-Lautrec, cubismo, Degas. Isso, associado a um jeito implacável de retratar vícios humanos. Para o jornalista e escritor Zuenir Ventura, a força da caricatura está no fato de que "é a arte de revelar não só a cara, mas também o caráter das pessoas". Millôr tinha em seus guaches e desenhos um raiu X de examinar o caráter das pessoas. Um general da ditadura com óculos de aros grossos, desenha-

do por Millôr, já trazia em sua expressão a marca do terror e do arbitrio, e não era necessário mais do que isso para queoubesemos do que ele falava. "Você fala de humor, as pessoas dizem: Luis Fernando Veríssimo é genial, Millôr é formidável. Ai você começa a falar de coisas escritas, humoristas não entra, entra um escritorzinho de m... do Nordeste", queixava-se. "Se você falar de Chico Caruso, todo mundo considera Chico Caruso um extraordinário artista. Agora, se você falar de artes plásticas, não entra o Chico Caruso", reclamava, falando do preconceito que o cartum experimenta no País.

Ilusão
Millôr dizia que seu traço seguia a lei do menor esforço. Nada mais ilusório. Era o falso desleixo de um gênio



Crítica
Força de seus desenhos está ligada a uma maneira implacável de retratar os vícios humanos



Influência
A caligrafia se desenvolvia como um novelo, em espirais, revelando flashes de Lautrec



Diálogos
Na sua maturidade, um universo refinado de referências, com nomes como Saul Steinberg



Figura 32 – coluna de 1º de abril de 2012 (D5)

Barroco. Debate

QUÊ QUE ELE É?

Localizada pela reportagem do 'Estado' no Chile, imagem espanta por coincidências com Aleijadinho

Jotabê Meleiros

O que credência a Aleijadinho a se tornar um Aleijadinho? É uma questão complexa. A atribuição de uma obra do maior mestre do barroco brasileiro tem percorrido caminhos sinuosos e controversos desde sua assunção como unanimidade nacional no governo Getúlio Vargas, por intermédio dos esforços de Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969), primeiro diretor do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, em 1936. Uma imagem em madeira de um santo católico, encontrada por acaso pela reportagem do Estado no último dia 3 de março em Santiago, Chile, atiçou a curiosidade dos espectadores e revolveu a terra sedimentada das atribuições. A imagem, segundo a curadoria do pequeno Museu Merced, de Santiago, representa San Pedro Pascual, esculpido pelo autor nomeado Lima, no Peru. Mas mesmo um exame leigo na estátua, no entanto, mostra um gigantesco leque de coincidências com aquilo que se convencionou chamar de estilemas do Aleijadinho (detalhes da escultura que funcionam como uma assinatura do autor). Já em São Paulo, o empresário Renato Whitaker Machado, maior colecionador privado de obras do Aleijadinho do País, ao ver as fotos do santo do museu chileno, ficou entusiasmado. "Eu diria que tem 95% de chance de ser um Aleijadinho", afirmou. "Os sapatos saindo das vestes, certos ângulos retos, as sobranceiras, a barba bifurcada, o narizado leva a crer que é um Aleijadinho, mas tem de fazer alguns testes, trazer uma lasca da madeira para o Instituto de Pesquisas Tecnológicas para definir a procedência", diz o colecionador. "Meze com a gente, falar que não meze a mentira", diz o especialista Marcelo Coimbra, de Itu, que também examinou as fotos e até se dispôs a ir a Santiago para examinar a imagem. Coimbra acha que "o rosto é muito expressivo, tem muitos estilemas próprios do Aleijadinho; as orelhas são muito boas, mas aquela repintura muito grossa pode estar escondendo estilemas". Ele vê o corpo da imagem como mais próxima do barroco espanhol. Pela foto, ele ainda não aposta na possibilidade,

de, mas salienta: "Uma discussão sobre o barroco brasileiro nunca está liquidada." "Não é só dizer que tem todos os estilemas de uma obra do Aleijadinho, tem de encaixar em uma das fases da vida dele", disse o expert Márcio Jardim, que (com Coimbra) acaba de concluir o Catálogo Geral da obra do escultor. "É uma análise de mão dupla, tem de ver se ela se encaixa em alguma das 5 fases da obra do Aleijadinho." Jardim é peremptório ao poder ser um Aleijadinho. Isso porque, embora hajam coincidências, a peça não se encaixa nas fases que ele mesmo definiu (veja abaixo) como determinantes. O problema da imagem chilena é justamente sua exuberância. "Ela não tem defeitos, é absolutamente barroco e equilibrada. É exuberante, não é triste, e tem uma linguagem muito rica, mística. Está viva, parece se mexer." Pela maturidade, pertenceria às quarta ou quinta fases da obra do Aleijadinho, mas isso seria impossível. "Nessa fase, ele é contido, as linhas retas predominam, é mais triste. É o mais rococô." Jardim lembra que Francisco Xavier de Brito, o mestre português que ensinou a Aleijadinho, possui características idênticas, justamente por ser o mestre, e são passíveis de serem encontradas em esculturas de Brito que são erroneamente atribuídas ao ícone do barroco. Uma peça do Aleijadinho desse porte, caso seja efetivamente do mestre, valeria em torno de US\$ 500 mil (ou quase R\$ 1 milhão). O santo anônimo de hoje não vale a pena fazer que R\$ 10 mil. O Museu Merced está sendo simpático à ideia de fazer um exame mais detalhado da obra, para determinar se por acaso não é procedente de Minas Gerais. "Será uma façanha", disse Rolando Ibaes, curador do museu. O Estado pediu autorização ao frei Ricardo Morales, diretor do museu, para que possam fazer algumas experiências, mas não obteve resposta até o fechamento desta edição.

de, mas salienta: "Uma discussão sobre o barroco brasileiro nunca está liquidada." "Não é só dizer que tem todos os estilemas de uma obra do Aleijadinho, tem de encaixar em uma das fases da vida dele", disse o expert Márcio Jardim, que (com Coimbra) acaba de concluir o Catálogo Geral da obra do escultor. "É uma análise de mão dupla, tem de ver se ela se encaixa em alguma das 5 fases da obra do Aleijadinho." Jardim é peremptório ao poder ser um Aleijadinho. Isso porque, embora hajam coincidências, a peça não se encaixa nas fases que ele mesmo definiu (veja abaixo) como determinantes. O problema da imagem chilena é justamente sua exuberância. "Ela não tem defeitos, é absolutamente barroco e equilibrada. É exuberante, não é triste, e tem uma linguagem muito rica, mística. Está viva, parece se mexer." Pela maturidade, pertenceria às quarta ou quinta fases da obra do Aleijadinho, mas isso seria impossível. "Nessa fase, ele é contido, as linhas retas predominam, é mais triste. É o mais rococô." Jardim lembra que Francisco Xavier de Brito, o mestre português que ensinou a Aleijadinho, possui características idênticas, justamente por ser o mestre, e são passíveis de serem encontradas em esculturas de Brito que são erroneamente atribuídas ao ícone do barroco. Uma peça do Aleijadinho desse porte, caso seja efetivamente do mestre, valeria em torno de US\$ 500 mil (ou quase R\$ 1 milhão). O santo anônimo de hoje não vale a pena fazer que R\$ 10 mil. O Museu Merced está sendo simpático à ideia de fazer um exame mais detalhado da obra, para determinar se por acaso não é procedente de Minas Gerais. "Será uma façanha", disse Rolando Ibaes, curador do museu. O Estado pediu autorização ao frei Ricardo Morales, diretor do museu, para que possam fazer algumas experiências, mas não obteve resposta até o fechamento desta edição.

● **Sobranceiras**
O escultor as fez em relevo, e depois as pintou entre as sobranceiras, formando um V, estilema clássico

● **Boca e narinas**
Boca semiaberta, com os dentes aparecendo e uma bolinha na ponta do nariz; bigode começa nas aberturas das narinas

● **Pés**
Um dos pés está em posição antinatural, formando ângulo reto em relação ao eixo do corpo, e o santo parece estar calcando botas de um mesmo pé

● **Orelhas**
Muito bem delineadas, com detalhes anatômicos perfeitos, uma marca do mestre festado por Germain Bazin

● **Mão**
Os dedos médio e anelar grudados são uma das evidências mais corriqueiras da "assinatura"

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

● **Barba**
Barba bifurcada e cabelos ondulados, como nas melhores peças do Aleijadinho

QUEM É

ANTONIO FRANCISCO LISBOA
ESCUULTOR
MINEIRO

● Tido, pelo historiador de arte Germain Bazin e pelo escritor Dominique Fernandez como um artista do porte de Michelangelo e Bernini, ele nasceu em Ouro Preto em 1738 e morreu também ali, em 1814. Filho legítimo do carpinteiro português Manuel Francisco Lisboa com sua escrava Isabel.

Viajantes estrangeiros de passagem por Minas, como Auguste de Saint-Hilaire (1816-1818) e John Luccock (1818), já faziam alusões, em seus diários, à existência de um escultor "aleijadinho genial" (como anotou em artigo José Alberto Nemer), mas foi só em 1858 que o professor e político Rodrigo José Ferreira Bretas publica a primeira biografia de Antônio Francisco Lisboa. **1,36**

da escultura chilena de San Pedro Pascual possa pôr fim à dúvida, se demonstrada que é de cetro e é proveniente do Brasil. "Cetro existe no Brasil inteiro, e há até uma imagem do Aleijadinho com madeira da Índia. Pela madeira é difícil demonstrar. E se foi um santinho espanhol que trabalhou em São Paulo? Não seria uma prova cabal. A madeira, todos sabemos, pode ser transportada, e hoje quase todos os móveis portugueses de Jacarandá preto foram feitos de madeira do Brasil", diz o especialista. Aleijadinho produziu entre 50 a 60 anos, e há obras dele por todo o País, de São Paulo ao Maranhão. Portanto, a importância de Aleijadinho para a arte mundial vale o debate, consideramos especialistas. "Uma vez eu disse a um espanhol que tínhamos aqui no Brasil um santinho tão grande quando Domingos Fernandes e ele ficou ofendido", diz

verte-se Márcio Jardim. Essa conclusão não é de hoje. O franco-suíço Biliane Condriani dizia aos modernistas brasileiros que "deveriam tomar o trem para Minas em vez do navio para o Havre", após visitar as cidades históricas e ter visto os Passos da Paixão de Congonhas do Campo, em 1914. Logo a seguir, Oswald de Andrade respondeu ao anseio do intelectual, dizendo de Congonhas que eram os "degraus da arte de meu país onde ninguém mais subiu".

40 anos é o tempo em que Márcio Jardim estuda a obra do Aleijadinho em todo o mundo

40 obras atribuídas e de autoria do Aleijadinho é a quantidade de peças de Renato Whitaker

JÁ EXISTE ALEIJADINHO "ANDINO"

Busto achado em Cusco no ano passado revela que jesuítas espalharam barroco

Curiosa coincidência a descoberta de uma imagem com características do barroco mineiro no Chile. Em dezembro, havia sido descoberta em Cusco, no Peru, a primeira imagem atestada como do Aleijadinho fora do País. Trata-se de um busto de 20 centímetros, de madeira pintada. O autor da descoberta é justamente Marcelo Coimbra, e a peça já foi atestada como de autoria do Aleijadinho. O expert Márcio Jardim também confirmou a autoria. "Houve uma crítica muito forte quando dissemos que havia um Aleijadinho no Peru. É uma tolice. É como dizer que não poderia haver um Da Vinci no Castelo de Windsor, mas há", afirmou

Márcio Jardim, que diz que o trânsito dos jesuítas por todo o continente torna todas as teses possíveis. Ele não acredita na possibilidade de a imagem chilena também ser do mestre mineiro. "Aconselho a procurar catálogos sobre santos espanhóis, pode estar aí a resposta", disse. "É uma escultura excepcional, mas nessa fase o Aleijadinho é diferente. Eu gostaria muito que fosse. Acho perfeitamente possível que haja obras do Aleijadinho no Chile, na Bolívia, no Peru, assim como há colégios jesuítas no Brasil todo. Alguém poderia ter entrado, comprado e levado." Segundo o professor, o autor da obra do pequeno Museu Mer-

ced foi feita por um santinho no auge de sua produção, um artista "pronto e superior". O que o leva a rejeitar a atribuição, porque o Aleijadinho teve, nas últimas fases de sua produção (quando seria então "pronto e superior") um outro enfoque de temáticas e um outro estado de espírito. Já a tese de que houve uma espécie de "diáspora" do barroco do Brasil pelo resto da América do Sul encontra respaldo no fato de que, no século 18, houve a expulsão de jesuítas que estavam no Brasil, e muitos deles saíram dos mosteiros de Minas Gerais em direção à América espanhola, até serem novamente expulsos, em 1768.

Pela tese do pesquisador Marcelo Coimbra, a imagem que hoje está em Cusco teria sido levada pelos jesuítas quando deixaram a região de Ouro Preto. O expert Márcio Jardim não confia que o exame da madeira

Figura 33 – coluna de 1º de abril de 2012 (D6)

DIRETO DA FONTE SONIA RACY

estadao.com.br/diretofonte



Colaboração
Daniet Japissau daniet.japissau@grupoestado.com.br
Débora Bergamasco debora.bergamasco@grupoestado.com.br
Márcia Neustein marcia.neustein@grupoestado.com.br
Paula Bonelli paula.bonelli@grupoestado.com.br
BLOG: Sofia Patsch sofia.patsch@grupoestado.com.br

Demorou...

Finalmente os carrinhos de bebê ganharam solo do Inmetro. A entidade está fazendo consulta pública até dia 18. Publicada a portaria definitiva, o mercado terá um ano e meio para se adaptar.

É meu, o filho

A Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável aprovou relatório de Ricardo Tripoli, deputado tucano, de um projeto de lei importante. Ele determina que, após o divórcio, quando não houver acordo entre o casal, caberá ao juiz definir a guarda... de animais de estimação.

A decisão levará em conta as condições oferecidas e o grau de afinidade com os donos.

Ritmo de filmagem

Heitor Dhalia nem bem lançou seu longa e já está de olho no próximo, *Serra Pelada*, estrelado por Wagner Moura. O diretor e produtores Tatiana Quintella se reúnem com Simão Jatene, governador do Pará, para negociar parceria nas filmagens.

O que será decisivo para a definição do cenário do longa.

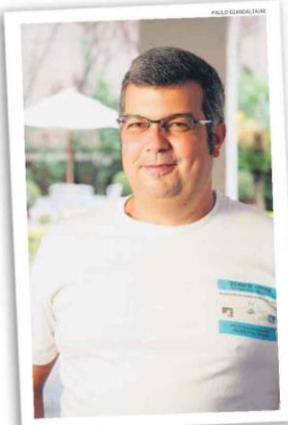
And Oscar goes to...

O São Paulo não está de braços abertos para receber Oscar - apesar do que vem sendo divulgado pelo clube. A coluna apurou que o jogador, ainda treinando no Inter, não interessa mais ao Tricolor.

Nos bastidores, dirigentes e o técnico *Leão* temem que volta do meia desestabilize o bom ambiente da equipe.

Amélia

Adriana Lima vai desacelerar o trabalho. Quer agora se dedicar ao marido, Marko Jarić, a filha Valentina e ao bebê que vem por aí.



Precisando de ajuda? Marcelo Nogueira Neto resolve. Este corretor de imóveis de 43 anos faz de tudo. É 'personal holder' de compras, transporta documentos e objetos, é babysitter e também acompanha idosos ao médico. Inspecção veicular? Ele corre atrás. Marcelo está sempre no Club Paulistano ('é meu escritório'), onde corcheia todo mundo - boa parte cliente de sua empresa, a Tempo Livre. E todos gostam dele, a ponto de pagar R\$ 70 pela hora de serviço. "Mas também faço pacotes especiais", avisa. E aí, vai uma ajudinha?



Sally Maria esteve na festa da Vivara, no Bar Numero.



Rubens Scuppo e Vitoria Arruda na exposição *Teimosia da Imaginação*, de dez artistas brasileiros, no Tomie Ohtake.



Ernesto Paglia na pré-estreia do filme *Xingu*, no Cinemark do Shopping Eldorado.



Simone Jubran na abertura da mostra em homenagem a Vicente Kutka. No hotel Etoile George V.



Preta Gil e Leona Forman na gala da BrazilFoundation em Miami, o primeiro da ONG no Estado da Flórida.



Nejdinha Moraes em exposição de Wolfgang Tillmans e German Lorca.



1. Até Nefertiti, rainha do Egito, resolveu dar uma passadinha na exposição. E foi de rendá...



2. Quando pediram à produção que sintosse o musical *Priscilla* em uma única peça, deu nisso!



3. Para animar o aniversário, que tal um bolo camaleão...



4. Fotos (e bicos de papagaio) que falam por si.



5. Ah, essa vida de superstar...



6. A noite passou mesmo voando. Uma pena!

O Balcão de Anúncios do Estadão no Shopping Iguatemi mudou.

Agora estamos no 3o Piso - Alameda de Serviços
Segunda à Sábado, das 10h às 22h / Domingos das 14h às 20h

Publicidade Legal - Fúnebres
Classificados - Noticiário

Ligue e anuncie: (11) **3815-3523**
balcão.iguatemi@grupoestado.com.br

ESTADÃO

Figura 35 – coluna de 1º de abril de 2012 (D8)

TV*

OS MAIS VISTOS

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'O Trono de Ferro', 'Game of Thrones', 'Shame e Carneira'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Fina Estampa', 'Alô, Fala! Fala!', 'Brother Brasil'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Fina Estampa', 'Alô, Fala! Fala!', 'Brother Brasil'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Table with 2 columns: Rank and Program Name. Includes 'Domingo Espetacular', 'Luzes, Câmeras e Ação', 'Pão de Açúcar'.

Alline Daurio

Em uma ação inédita na nossa TV paga... a série épica Game of Thrones...

para a TV paga americana. Agora, a saga terá mais desepi- sódios, e seu segundo ano re- começa com cinco reis disputan- do o Trono de Ferro...

A VOLTA DO INVERNO



Premiado, Peter Dinklage é o protagonista da temporada

tagonista da temporada, após ganhar o cargo de "mão do rei", espécie de conselheiro que con- trola a burocracia do reino...

(Richard Madden), filho de Ned, faz prisioneiro o irmão de Cersai, Jaime (Nikolaj Coster- Waldau) e, proclamado rei pe- los vassallos do pai, tenta buscar autonomia do norte...

Novelas.

Table with 7 columns: Malhação, Amor, Eterno Amor, Aquele Beijo, Rebelde, Corações Feridos, Avenida Brasil, Vidas em Jogo. Each column contains a synopsis of the show.

Filmes. TV

Tomates e a identidade feminina

horário Reis do Riso resgata um dos primeiros trabalhos do mais paulista dos comédios brasileiros, anterior ao seu ciclo do Jeca. Ele faz Zaidoro, motorista de caminhão que transporta mudanças para Santos e, com seu cachorro, enfrenta quadrilha...

vira a esperança da Terra, após uma invasão de alienígenas. O sucesso desta animação nos ci- nemas liga-se ao 3D. Sem ele, é bem menos atrativo. Inédito, colorido, 94 min.

El Leyton (El Leyton). Chile, Paris, 2002. Direção de Gonzalo Justiniani, com Juan Pablo Siles, Siboney La, Luis Wispersky, Gabriela Hernández, Ramón Lina. A rivalidade entre dois lobos do mar numa aldeia de pescadores da costa chilena. Um não pode ver rabo de sala, o outro ama ape- nas uma mulher, com quem vai se casar - e advinhe o que ocorre. Muitos críticos acham que o

diretor Justiniani fez a versão marítima (e sul-americana) de Bettyroy, de Harold Pinter. Inédito, colorido, 95 min.

Tomates Verdes Fritos (Fried Green Tomatoes). EUA, Inglaterra, 1991. Direção de Jen Junek, com Kathy Bates, Mary Stuart Masterson, Mary-Louise Parker, Jessica Tandy. Para ajudar mulher em dificuldades, duas lhe conta a história de duas amigas que, no passado, no Sul dos EUA, tiveram de enfrentar preconceitos. Grande sucesso de público há 20 anos, este filme tem um tom que, de alguma for-

ma, o aparenta ser simpático. Hé- rónias Cruzadas, que concorreu ao Oscar deste ano e também trata da identidade feminina. Re- prise, colorido, 124 min.



Figura 38 - coluna de 1º de abril de 2012 (D11)

Astral

QUIROGA

www.quiroga.net/estado.com.br



A mentira perdeu a graça
A Lua cresce no signo de Leão

Francamente, não tem mais graça que um dia do ano seja consagrado à mentira, pois esse exercício só tem produzido males que se alastram e aumentam de tamanho ao longo do tempo...

ÁRIES 21-3 a 20-4
É possível divertir-se e criar boas situações no dia de hoje, deixando de lado temporariamente as preocupações comuns...

TOURO 21-4 a 20-5
Recolher-se um pouco fará bem não apenas a você como também melhorará o relacionamento com as pessoas próximas...

GÊMEOS 21-5 a 20-6
As comparações nunca serão bem-vindas pela sua alma, mas essa será uma tortura inevitável, porque a mente humana funciona fazendo comparações...

CÂNCER 21-6 a 21-7
Ferremente dentro do ambiente em que sua alma se sentir segura, protegida e nutrida com bons sentimentos...

LEÃO 22-7 a 22-8
Você não precisa fazer tudo nem se deixar levar pela ansiedade. Em momentos como o de hoje seria melhor permitir que as coisas sigam o curso...

VIRGEM 23-8 a 22-9
Fique na sua, faça silêncio, evite reagir, mas se for necessário intervir em algum acontecimento, tente fazer com calma e da forma mais discreta possível...

LIBRA 23-9 a 22-10
A reciprocidade é o elemento mágico de todo relacionamento, é a faísca que dá a sensação de tudo correr bem...

ESCORPIÃO 23-10 a 22-11
A vontade de emprender muitas coisas deixa sua alma atívida enquanto o restante do mundo quer descansar e contemplar a vida passivamente...

SAGITÁRIO 23-11 a 22-12
Um pouco de movimento fará bem. Ainda que para isso seja necessário sair pela estrada agora sem erva nem beira, qualquer movimento contribuirá para melhorar o seu ânimo e invocar energia para enfrentar a semana...

CAPRICÓRNI 23-12 a 20-1
Perder a paciência receberia uma atitude legítima, já que sobrou argumentos para isso. Porém, fazendo assim você declararia ser produto das circunstâncias...

AQUÁRIO 21-1 a 19-2
Ofereça ampla margem para que as pessoas tenham, não entre em competição com elas, permaneça nos bastidores e faça silêncio. Isso ajudará você a observar melhor a natureza dos relacionamentos e fazer melhores escolhas no futuro...

PEIXES 20-2 a 20-3
A boa vontade precisa ser praticada, pois só assim cumpre seu inerente destino de preservar a infinita distribuição de Vida, que é a própria estrutura do Universo...

MURPHY ESTARÁ EM IRMÃOS GÊMEOS 2

Os atores Arnold Schwarzenegger e Danny DeVito vão se reunir para fazer a continuação da comédia Irmãos Gêmeos, lançada em 1988...

EXIBIDAS OBRAS DE FALSIFICADOR

A Universidade de Cincinnati, nos EUA, vai expor, a partir de hoje, obras que o falsificador Mark A. Landis criou por três décadas...

DIA DA MENTIRA NO MUSEU DA LÍNGUA

O Museu da Língua Portuguesa promove hoje atividades gratuitas para comemorar o "dia da mentira"...

Passatempos

Sudoku

Sudoku grid with numbers and clues. Includes a small 'Sudoku' logo and 'Nas bancas' text.

Para jogar: Preencha com números de 1 a 9 os quadradinhos pequenos, as linhas verticais e horizontais. Não repita.

Quadrinhos

Frank & Ernest Bob Thaves



Minduim Charles M. Schulz



O melhor de Calvin Bill Watterson



Recruta Zero Mort Walker



Turma da Mônica Mauricio de Sousa



Palavras Cruzadas Diretas

Grid for crossword puzzle with clues in Portuguese. Includes a 'BANCO' logo and 'SOLUÇÃO' section.

Recruta Zero comic strip panels and a 'SOLUÇÃO' grid for the crossword puzzle.

Bem pensado
"As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras." Friedrich Nietzsche

Figura 39 - coluna de 1º de abril de 2012 (D12)

Guia. Cinema

ESTREIAS

Beleza Adormecida
Sandra Bullock, 103 min.
Drama. De Julia Leigh. Com Emily Blunt...

A Dançarina e o Ladrão
Drama. De Fernando Trueba. Com Emma Stone, Daniel Craig...

Helena
Drama. De Jost Hennrich. Com Sandra Bullock, Jesse Plemons...

O Lorax: Em Busca da Trífolia Preta
Animação. De Chris Reardon. Com David Cross, Zooey Deschanel...

Um Método Perigoso
Drama. De Steven Soderbergh. Com Matt Damon, Carey Mulligan...

A Novela das Oito
Drama. De David O. Russell. Com Brad Pitt, Carey Mulligan, Amy Adams...

Albert Nobbs
Drama. De Peter Jackson. Com Saoirse Ronan, Dom Monaghan...

Fúria de Três 2
Ação. De John Dahl. Com Jason Statham, Michael Van Dyke...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...



A Novela das Oito. Vanessa吉奥 vive uma vida em TV

Anjos da Noite - O Despertar
Drama. De James Foley. Com Jesse Plemons, Jesse Plemons...

O Artista
Drama. De Michel Hazanavicius. Com Jean Dujardin, Bérénice Bejo...

Horórias Cruzadas
Drama. De Tahir Tayyar. Com Emma Stone, Ryan Reynolds...

Inuêtuos
Drama. De Gus Van Sant. Com Matt Damon, Carey Mulligan...

Invenção de Hugo Cabret
Animação. De Scott Frank. Com Ben Stiller, Sacha Baron Cohen...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

O Ceu Sobre os Ombros
Drama. De Sergio Borges. Com Thiago Lacerda, Leão Sabatini...

A Dama de Ferro
Drama. De Phyllis Lloyd. Com Mary Steenburgen, Robert Downey Jr...

Drive
Ação. De Nicolas Winding Refn. Com Ryan Reynolds, Carey Mulligan...

Querra é Guerra
Drama. De Tom Hardy. Com Tom Hardy, Carey Mulligan...

A Guerra Está Declarada
Drama. De Valérie Donzelli. Com Valérie Donzelli, Vincent Cassel...

Habemus Pagam
Drama. De Nanni Moretti. Com Nanni Moretti, Stefania Sandrelli...

Pequenos Espíoles 4
Drama. De Robert Rodriguez. Com Jason Mewes, Kevin James...

Quarta Aventura do Sr. Pequenos Espíoles
Drama. De Robert Rodriguez. Com Jason Mewes, Kevin James...

Pina
Drama. De Wim Wenders. Com Ina Schabert, Paul Hübner...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

Os Portos
Drama. De Amir Kautz. Com André Wilms, Kati Outinen...

Jogos Vorazes
Ação. De Gary Ross. Com Jennifer Lawrence, Josh Hutcherson...

John Carter - Entre Dois Mundos
Ação. De Andrew Stanton. Com Taylor Kitsch, Lynn Collins...

O Motoqueiro Fantasma: Espírito de Vingança
Ação. De James Wan. Com Paul Walker, Jordana Brewster...

A Mulher de Preto
Drama. De James R. White. Com Chiwetel Ejiofor, Robin Wright...

A Música Segundo Tom Jobim
Drama. De Nelson Pereira dos Santos. Com Tom Jobim, Elis Regina...

Verão em L.A.
Drama. De David Laub. Com Matt Damon, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

W.E. - O Romance de Século
Drama. De Tim Burton. Com James Franco, Carey Mulligan...

Cine. Salas. Horários

Esta programação é de responsabilidade do editor e não se responsabiliza por erros de impressão e omissões.

CHOVENDO NAS SALAS DO CINEMA

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

Alvin e as Esquilas 3
Animação. De Tim Johnson. Com Amy Poehler, James Van Der Beek...

VERISSIMO



SEGUNDA-FEIRA LUIZ GOMES LEE SEQUEL	TERÇA-FEIRA ARNALDO JARDIM	QUARTA-FEIRA ROBERTO GOMATI	QUINTA-FEIRA LUIZ FERREIRO VERISSIMO	SEXTA-FEIRA RINALDO DE LIMA BRANCO MILTON HATSLUM	SÁBADO MARCOS BUEENS PARA SERGIO TELLES	DOMINGO LUIZ FERREIRO VERISSIMO JOÃO GILDO DE BEIRO
---	-------------------------------	--------------------------------	--	--	--	--

Contículos

Uma porta bateu no fundo da casa, acordando a velha que cochilava na sua cadeira de balanço.
— Que foi isso? — perguntou a velha.
— Foi o vento, vovó.
A velha fechou os olhos outra vez e resmungou.
— Mal educado.

O herói. Grande alvorço em Tenente Abreu. Dera no Jornal: filho da cidade ferido no Afeganistão. Tenente cabruense atingido por uma bala no pé. Quem era o que estava fazendo no Afeganistão? Ninguém sabia. Chegou uma equipe da Globo na cidade para entrevistar parentes e amigos, talvez antigas namoradas, do brasileiro ferido. Não encontrou ninguém que se lembrasse dele. Não seria o filho do barbeiro, aquele que emigrara para os Estados Unidos? Ele talvez tivesse se alistado no exército americano. O próprio barbeiro negro. Seu filho Jorge trabalhava numa pizzeria em Nova York e nunca chegara perto do Afeganistão. Foram procurar no

registro de nascimentos. Lá estavam o nome dele — Jorge Souza Alvaranga — e do pai, Pedro, e da mãe, Dulce. Mas ninguém se lembrava nem do pai nem da mãe. Havia um Pedro Alvaranga na cidade mas este nunca se casara e suspeitava-se até que fosse um pouco gay. Começaram a surgir rumores. Jorge e sua família teriam saído de Tenente Abreu quando ele ainda era criança. Jorge se ferira numa ação heroica e seria condecorado pelos americanos. Jorge era casado com uma americana, possivelmente uma modelo. Alguns já especulavam sobre como seriam a mulher e os filhos do herói, todos louros.

O noticiário do Afeganistão não ajudava. Dava poucos detalhes sobre o ocorrido. Só dizia que Jorge perdera o pé, estava bem mas continuava hospitalizado. Nasceu um movimento para trazer Jorge para Tenente Abreu. Se não como uma volta à casa, como uma passagem triunfal pela sua cidade natal. Um desfile em carro aberto pela Voluntários da Pátria, com a mulher e os filhos louros, exibindo a sua medalha, seguido de uma re-

Família Brasil

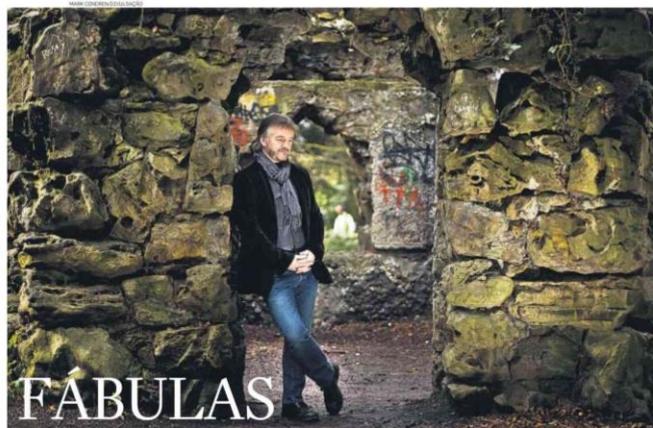


cepção na prefeitura. Houve até quem sugerisse que se mudasse o nome da cidade, de Tenente Abreu para Jorge Alvaranga. Ou, se por uma feliz coincidência o grau militar fosse o mesmo, Tenente Alvaranga.

Grande frustração em Tenente Abreu. Mas nas rodas de conversa em frente ao Café Novo, o mais antigo da cidade, as opiniões se dividiam. Uma facção achava que as homenagens a Jorge deveriam ser mantidas, mesmo sem a sua presença. Bem ou mal, ele botou o nome da cidade no noticiário internacional. Viera até a TV Globo.

Salada de chuchu. Marília disse a João:
— Tô indo.
— Como, "tô indo"?
— Cancei, João. Entendeu? Cancei.
— Mas Marília, logo hoje, dia de rabada com nhoque?
— Para estas coisas não se escolhe dia.
— Maríliahã...
— Tem salada de chuchu na geladeira. Teahu.

Literatura. Lançamento



Connolly. Mente repleta de histórias fantásticas

TRECHO

“A fúria de David superou o medo. Seu ódio era maior que qualquer pensamento de fuga. Naquele momento, era mais um homem do que um menino, e sua passagem para a idade adulta...”



O LIVRO DAS COISAS PERDIDAS
Autor: John Connolly
Tradutor: Cecilia Prada
Editora: Bertrand Brasil (364 págs., R\$ 39)

...definitivamente teve início. Caminho devagar até a mulher adormecida, virando-se continuamente para ver se haveria algum inimigo escondido, armando um ataque inesperado. Lembrou-se do aviso da mãe para não olhar nem para a direita nem para a esquerda, mas a visão de Rolando empalado sobre a parede fez com que descesse se confrontar logo com a feticheira e matá-la pelo que fizera ao seu amigo.
“Venha!”, gritou. “Apareça”
Mas absolutamente nada se moveu na sala e ninguém respondeu ao seu desafio.

Ultratam Brasil

O escritor irlandês John Connolly dá uma pista sobre as surpresas que vão salpicar em sua obra *O Livro das Coisas Perdidas* (Bertrand Brasil) logo na epígrafe, ao citar uma frase de Pablo Picasso: “Tudo o que se pode imaginar é real.” Acreditamos, verdade — ao narrar a trajetória de David, garoto de 12 anos que se isola depois de perder a mãe doente, refugiando-se em seu mundo de livros, Connolly oferece uma original história de formação ao transgredir os contos de fadas e surpreender o leitor com uma narrativa arrepiante e até chocante.
Um dos autores mais lidos em seu país na atualidade, Connolly vai além no uso do sarcasmo e do grotesco que outras sátiras sobre personagens fabulares. Afinal, em seu livro, *Branco de Neve*, por exemplo, é uma moça desprezível, que ronca mais que os anões e é jurada de morte por eles. “Fui

Em O Livro das Coisas Perdidas, John Connolly provoca arrepios ao tratar da morte para crianças

alterando as fábulas naturalmente, sem ter premeditado”, explica Connolly ao Estado por e-mail. “Em um primeiro momento, também achei muito estranho, mas continuei porque acredito serem histórias que estavam presas em meu subconsciente e, ao escrevê-las, dei-lhes uma saída.”
O menino David é a figura central do romance, obra que incendeia as discussões nas redes sociais por conta de sua violência explícita — há cenas de decepamento e empalamento. Depois de ficar ferido da mãe, ele não aceita o novo casamento do pai, muito menos o nascimento do meio-irmão. Levado a um psicólogo por conta de sintomas estranhos (começa a ouvir murmúrios), David descobre que o barulho da sua cabeça é, na verdade, o conjunto de vozes que saem dos livros que tanto adora.
É hilariante, por exemplo, a cena em que, durante uma sessão marcada por psicólogos baratos, ele ouve seu persona-

gens gritarem impropriamente com a ameaça da morte, seja de um ente querido, seja do próprio personagem. “Não passei pela experiência de perder alguém da família até os 20 anos, quando morreu meu pai”, conta o escritor. “Adquiri consciência da finitude, no entanto, quando comecei a conviver com meus avós: eles moravam no andar de baixo e meu avô morreu dormindo em casa quando eu era menino.”
Ambientado durante a 2.ª Guerra Mundial, quando os habitantes de Londres viviam preocupados com a iminência de bombardeios nazistas, *O Livro das Coisas Perdidas* lida continua-

mente com a ameaça da morte, seja de um ente querido, seja do próprio personagem. “Não passei pela experiência de perder alguém da família até os 20 anos, quando morreu meu pai”, conta o escritor. “Adquiri consciência da finitude, no entanto, quando comecei a conviver com meus avós: eles moravam no andar de baixo e meu avô morreu dormindo em casa quando eu era menino.”

DESCONSTRUÇÃO

- No livro, os anões querem matar a Branco de Neve, que tornou suas vidas um inferno
- A Bela Adormecida não é tão bela como parece
- Chapeuzinho Vermelho tem culpa pela tragédia da avó
- João e Maria não são tão inocentes como na fábula original

Figura 41 – coluna de 1º de abril de 2012 (D14)